



MARTA BRÍSIO
PIRES GIÃO
LEITÃO

**A EXPLORAÇÃO DOS ESPAÇOS
EXTERIORES À ESCOLA COMO
FORMA DE PROMOVER A
APRENDIZAGEM NO 1.º CICLO DO
ENSINO BÁSICO**

Relatório do Projeto de Investigação do Mestrado
em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo
do Ensino Básico

ORIENTADORA

Professora Doutora Ana Luísa Rebelo de Oliveira
Pires

Data da realização da prova
23 de novembro de 2022

MARTA BRÍSIO
PIRES GIÃO
LEITÃO

**A EXPLORAÇÃO DOS ESPAÇOS
EXTERIORES À ESCOLA COMO
FORMA DE PROMOVER A
APRENDIZAGEM NO 1.º CICLO DO
ENSINO BÁSICO**

JÚRI

Presidente: Professora Doutora Mariana Abrantes de Oliveira Pinto Alte de Veiga, Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Setúbal

Orientadora: Professora Doutora Ana Luísa Rebelo de Oliveira Pires, Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Setúbal

Vogal: Professora Doutora Elisabete Maria Xavier Vieira Gomes, Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Setúbal

Data da realização da prova
23 de novembro de 2022

RESUMO

O presente documento é um relatório de investigação desenvolvido no âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (EB), realizado ao longo da unidade curricular Estágio IV. A investigação teve como título “ A exploração dos espaços exteriores à escola como forma de promover a aprendizagem no 1.º ciclo do Ensino Básico.” e ocorreu numa turma do 4.ºano do EB.

Atualmente os espaços públicos têm sido negligenciados e as crianças cada vez passam menos tempo no exterior, passando o seu tempo em espaços fechados. No entanto, as cidades têm um grande potencial educativo, que pode ser conjugado com o currículo.

Assim, a investigação teve como principal objetivo compreender se, ao utilizar o espaço exterior como extensão à sala de aula, os alunos se envolvem mais nas atividades, ficam mais interessados e participativos, aderindo como mais facilidade às mesmas, criando assim um ambiente propício à aprendizagem.

Na realização do estudo selecionou-se a metodologia investigação sobre a prática de carácter qualitativo.. Ao longo do estudo foram utilizadas, como técnicas de recolha de dados, a observação participante, a pesquisa documental, as entrevistas de grupo e semiestruturada. Para o tratamento dos dados optou-se pela técnica de análise de conteúdo.

Foi possível concluir que ao realizar atividades antes e depois da visita de estudo, na sala de aula, e conciliando o trabalho nos dois locais as aprendizagens tornam-se mais significativas e o aluno torna-se mais motivado e participativo ao longo do processo de aprendizagem.

Palavras-chave: espaços exteriores; espaço público de educação; educação nas cidades; educação ao longo da vida.

ABSTRACT

This document is a research report developed within the scope of the Master's course in Pre-school and Elementary Education, carried out over the course of the Stage IV course. The research was titled "The exploration of spaces outside the school as a way to promote learning in the 1st cycle of Basic Education." and it took place in a 4th year class.

Currently, public spaces have been neglected and children are spending less and less time outdoors, spending their time indoors. However, cities have great educational potential, which can be combined with the curriculum.

Thus, the main objective of the investigation was to understand if, when using the outdoor space as an extension to the classroom, students get more involved in the activities, become more interested and participatory, adhering to them more easily, thus creating an environment conducive to learning. learning.

In carrying out the study, the qualitative research methodology was selected. Throughout the study, participant observation, documental research, group and semi-structured interviews were used as data collection techniques. For data processing, the content analysis technique was chosen.

It was possible to conclude that when carrying out activities before and after the study visit, in the classroom, and reconciling work in both places, learning becomes more meaningful and the student becomes more motivated and participatory throughout the learning process. .

Keywords: outdoor spaces; public education space; education in cities; lifelong education

Índice

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	17
REVISÃO DA LITERATURA	17
1. Educação ao longo da vida e espaço público de educação .	17
2. A cidade educadora e a educação nas cidades.....	21
3. O papel do professor na promoção do espaço público de educação	25
4. Quadros de referência curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico 28	
CAPÍTULO 2	31
METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	31
1. Metodologia.....	31
2. Técnicas de recolha e análise dos dados	33
2.1. Procedimentos de recolha de informação	34
2.1.1. Observação participante	34
2.1.2. Entrevistas	36
Entrevista Focus Group.....	36
Entrevista semiestruturada	38
2.1.3. Pesquisa documental	40
2.2. Tratamento dos dados	40
CAPÍTULO 3	43
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	43

1.	Contexto	43
1.1.	Caracterização da instituição	43
1.2.	Caracterização da turma	45
1.3.	Caraterização da docente	46
2.	Intervenção pedagógica	46
2.1.	Análise das entrevistas aos alunos	47
2.2.	Apresentação das Intervenções	49
	Caça aos Ovos no Castelo de S. Jorge	50
	Descrição da atividade e análise dos dados	55
	Jogo de Observação no Jardim do Cerco da Graça	60
	Descrição da atividade e análise dos dados	63
	Uma visita pela história de Portugal no Mosteiro de S. Vicente de Fora	71
	Descrição da atividade e análise dos dados	72
2.3.	Análise da entrevista à professora cooperante	78
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	86
	ANEXOS	91

Lista de abreviaturas

AIEC- Associação Internacional de Cidades Educadoras

EB- Ensino Básico

AE- Aprendizagens Essenciais

Pt- Português

Mt- Matemática

EM- Estudo do Meio

Ed. F.- Educação Física

ED- Educação Dramática/Teatro

Mús- Música

AV- Artes Visuais

Índice de Figuras

Figura 1 Bandeiras com as caixas e ovos	52
Figura 2 Mapa Castelo S. Jorge com os postos assinalados.....	52
Figura 3 A decifrar o 1.º enigma	57
Figura 4 Exemplo caderno visitas.....	60
Figura 5 Grupo vestígios naturais.....	65
Figura 6 A construírem o cartaz	67
Figura 7 A apresentarem.....	67
Figura 8 O cartaz	69
Figura 9 Caça aos erros.....	70
Figura 10 No claustro	74
Figura 11 Na exposição das Fábulas de La Fontaine	75

Índice de Tabelas

Tabela 1- <i>Sistematização das intervenções</i>	49
Tabela 2- <i>Objetivos da atividade Caça aos Ovos no Castelo de S. Jorge</i>	54
Tabela 3- <i>Objetivos da atividade Jardim Cerco da Graça</i>	62
Tabela 4- <i>Objetivos da atividade no Mosteiro de S. Vicente de Fora</i>	72

INTRODUÇÃO

A investigação apresentada no presente relatório integra-se no curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Setúbal, no âmbito da Unidade Curricular de Estágio IV e foi desenvolvida numa turma de 4º ano de escolaridade durante o ano letivo 2021/2022.

A investigação decorreu ao longo de um período de dez semanas e foi a base do presente relatório. A investigação tem o tema: os espaços exteriores à escola como promotores da aprendizagem dos alunos.

O tema da utilização do espaço exterior no processo da aprendizagem é um tema muito importante na minha visão devido a diversas razões. No processo de escolha do tema para o relatório apercebi-me que são diversas as motivações que levaram à escolha final da temática.

O espaço exterior é negligenciado desde cedo no contexto escolar, considerando que no 1º ciclo este espaço passa a ser utilizado só para o intervalo e os professores esquecem-se de todas as suas potencialidades. Bento e Portugal (2016) confirmam esta ideia quando referem que as escolas se focam nas atividades dentro da sala de aula e esquecem-se do espaço exterior para o desenvolvimento e bem-estar das crianças. As autoras referem ainda que atualmente o contexto educativo onde a criança se insere e passa o seu tempo desempenha um papel importante, tanto na integração ou não integração, como na construção da relação das crianças com o espaço exterior e com a natureza.

Ao longo dos estágios realizados no pré-escolar e na creche tive o privilégio de estar com educadoras que valorizavam muito os espaços na sua prática, o que me levou a entender a sua importância, as suas potencialidades e o gosto das crianças pelo espaço exterior e o tempo passado nele.

No Jardim-de-infância, tive a oportunidade de ver o interesse e o gosto das crianças pela Natureza. A educadora tinha o objetivo de todas as semanas ir pelo menos uma vez à mata (um espaço exterior ao lado da

instituição) para as crianças poderem ter contacto com a Natureza. Durante o período de estágio pude observar que todos os dias as crianças pediam para ir a este espaço mesmo já tendo ido uma vez naquela semana. Estes exploravam sempre a natureza, subiam às árvores, trabalhavam em conjunto para movimentar rochas, entre outras coisas. Consegui observar muitas das possíveis aprendizagens que a mata proporcionava e o interesse do grupo por este espaço nunca diminuiu, havia sempre algo novo para explorar e descobrir.

Já no estágio de creche também pude observar todas as potencialidades deste espaço. A educadora fazia a maioria do dia nos diferentes espaços ao ar livre, mesmo quando chovia. As crianças vestiam a roupa adequada e iam brincar para a chuva. Com esta rotina consegui perceber as vantagens de ir para o espaço exterior mesmo com chuva, percebendo que este espaço, com chuva, pode trazer outro tipo de aprendizagens nestas idades.

Nos dois estágios realizados tive a oportunidade de refletir e compreender a importância do espaço exterior nas diferentes idades. As reflexões que realizei no âmbito desta temática ajudaram-me a querer utilizar este espaço no meu futuro como professora. Ao realizar o estágio no 1.º ciclo, numa turma de 2.º ano, observei que este espaço não é muito utilizado o que me fez querer descobrir formas de o utilizar neste ciclo de ensino e querer refletir mais uma vez sobre o mesmo.

Outra grande motivação vem do facto de as crianças cada vez passarem mais tempo em espaços fechados, e dependentes da tecnologia (telefones, *tablets*, televisões) e passarem menos tempo na rua, no jardim, ao ar livre e em contacto com a natureza, tal como refere Ferreira (2020) que explicita o facto de atualmente o contacto com os espaços exteriores, o ar livre e a natureza ser desvalorizado tanto pelas famílias como pelos educadores.

Com o estágio no 2.º ano do 1.º ciclo foi possível reforçar esta percepção. Às segundas-feiras de manhã as crianças falavam sobre o seu fim de semana e, na sua maioria, referiam que passaram o dia todo em casa

fechados não tendo contacto com o exterior e que passavam o dia a jogar no telemóvel ou na consola. Ao longo do período de estágio foi possível aperceber-me que quando as crianças estão a caminho da escola, estão em grande parte do tempo a olhar para o telemóvel, não tendo consciência do que se passa à sua volta.

Neto (2020) apresenta dados de estudos feitos nos últimos anos que mostram a necessidade de as crianças terem mais tempo ao ar livre. Segundo o autor, cerca de 70% das crianças passa menos de 60 a 120 minutos ao ar livre do que o tempo recomendado nos Direitos Humanos para os reclusos. Este foi um dos dados que confirmou a importância e me motivou mais uma vez a querer explorar e trabalhar os espaços exteriores.

Cada vez surgem mais movimentos, nas escolas, nas redes sociais que dão mais importância ao espaço exterior como meio de aprendizagem, mas também com o objetivo de tentar evitar a transmissão do vírus do COVID-19. Neto (2020) refere a importância da escola na formação das crianças, afirmando que devem arranjar espaço e tempo para que os alunos brinquem e aproveitem o espaço exterior. Reforça ainda que a melhor solução é haver aulas ao ar livre e com contacto com a natureza. Existem vários países como a Noruega, a Dinamarca ou a Austrália que, no período após o confinamento, quando regressaram às aulas, começaram a recorrer a estratégias de realização de aulas ao ar livre atenuando assim as barreiras entre o exterior e a sala de aula. Estas estratégias têm como base a ideia de que os conteúdos programados sejam transmitidos e explorados no exterior.

Assim, e de forma a trabalhar este tema, foi desenvolvida a investigação que deu origem ao presente relatório. Com este tema procuro perceber quais são as perceções que os alunos têm relativamente à exploração do espaço exterior e se a utilização do espaço exterior em articulação/extensão com a sala de aula, os alunos se envolvem, interessam, participam e aderem com facilidade às atividades, criando assim um ambiente propício à aprendizagem. Assim optei pela seguinte questão de investigação:

Como explorar os espaços exteriores à escola de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças?

Inicialmente, para a presente investigação, tinha considerado que as atividades no espaço exterior seriam focadas numa área curricular, mas ao ler os documentos oficiais (Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória e as aprendizagens essenciais) comecei a perceber que focar numa só área não faria muito sentido uma vez que com os espaços exteriores é possível trabalhar as diferentes áreas. Assim, decidi que ao longo da investigação iria desenvolver intervenções que trabalhassem as diversas áreas curriculares e possibilitassem o desenvolvimento das diferentes áreas de competências e dos valores presentes no documento o “Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória” (Martins et al., 2017).

O documento oficial “Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória” (Martins et al., 2017) apresenta diversos valores e competências que podem ser desenvolvidos nos diversos espaços exteriores (jardins, museus, entre outros).

Quanto aos valores podemos destacar a responsabilidade, ao respeitar o outro e a natureza; cidadania e participação, ao respeitar a natureza e a diversidade cultural, tomando iniciativa e mostrando-se empreendedor, e o valor da liberdade ao desenvolver a autonomia centrada na cidadania, no respeito e no bem comum.

A exploração dos espaços exteriores possibilita a aquisição de várias aprendizagens, tanto ao nível de competências, conhecimentos e construção de carácter. Relativamente às principais competências que se podem desenvolver nos espaços exteriores e nos interiores presentes no “Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória”, considero que o relacionamento interpessoal (na interação com o outro, ao expressar e gerir as suas emoções); o desenvolvimento pessoal e autonomia (ao desenvolver a autoconfiança, a autorregulação e a motivação para aprender); bem-estar, saúde e ambiente (promover, respeitar e ter atitudes que promovam o bem-estar e a qualidade de vida pessoal e do coletivo).

Durante a realização deste projeto de investigação procurei focar a minha prática nos espaços exteriores à escola tais como: jardins, museus, a cidade e outras instituições que pudessem ser contextos de aprendizagens significativas para os alunos.

Este relatório encontra-se dividido em quatro capítulos: Revisão da Literatura, Metodologia de Investigação, Análise e Discussão dos Dados da Intervenção Pedagógica, e Considerações Finais.

O primeiro capítulo, referente à Revisão da Literatura, apresenta alguns conceitos considerados essenciais para o desenvolvimento do estudo. Conceitos como: educação ao longo da vida (Pires, 2002), espaço público de educação (Nóvoa, 2002) e a educação nas cidades (Bernet, 1999; Gomes, 2011, 2014; Gomes & Cabral, 2009). Para além da apresentação dos conceitos, este capítulo realiza ainda a análise de alguns documentos oficiais referentes ao currículo e à política educativa no 1.º ciclo do ensino básico, fazendo referência à importância do papel do professor na construção e utilização dos novos espaços de educação.

A apresentação da Metodologia de Investigação está presente no segundo capítulo. Aqui será apresentada a metodologia selecionada, metodologia investigação sobre a prática, e a justificação da seleção da mesma. Neste capítulo serão apresentadas as técnicas de recolha de dados utilizadas: observação participante, pesquisa documental, entrevista de grupo e entrevista semiestruturada. No final do segundo capítulo poderá ser encontrada a técnica utilizada para a análise de dados.

O capítulo seguinte designa-se de Análise e Discussão dos Dados da Intervenção Pedagógica. Este capítulo está dividido em duas partes, a primeira irá consistir na caracterização da instituição e da turma em que a investigação foi realizada. A segunda parte referente ao processo da investigação realizando uma apresentação dos dados e a análise dos mesmos. Por sua vez esta parte do capítulo está organizada cronologicamente, ou seja, irá começar com a análise das entrevistas aos alunos, de seguida com a apresentação e análise das atividades realizadas no âmbito da investigação sendo a primeira uma Caça aos Ovos no Castelo

de S. Jorge, seguida de um Jogo de Observação no Jardim do Cerco da Graça, acabando com a atividade Uma visita pela história de Portugal no Mosteiro de S. Vicente de Fora, finalizando com a análise da entrevista à professora cooperante.

O último capítulo diz respeito às Considerações Finais, no qual será realizada uma síntese do estudo onde serão apresentadas respostas à questão que deu origem à investigação, bem como uma reflexão global sobre o estudo e o contributo deste para a construção do meu perfil como professora.

No final do relatório pode-se encontrar a lista das referências bibliográficas utilizadas ao longo do mesmo e os anexos referidos do documento e que foram utilizados nos vários momentos da investigação. Os anexos incluem as planificações das atividades e os seus recursos, as observações realizadas e as transcrições das entrevistas, tal como a sua grelha de análise.

CAPÍTULO 1

REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo apresentam-se os conceitos chave do estudo, relacionados com a educação que é desenvolvida para além da escola, dando-se uma particular atenção aos conceitos de educação ao longo da vida (Pires, 2002), espaço público de educação (Nóvoa, 2002, 2022) e a educação nas cidades (Bernet, 1999; Gomes, 2011, 2014; Gomes & Cabral, 2009), analisando-se também alguns documentos chave de política educativa, como o Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória (Martins et al., 2017) e as aprendizagens essenciais (DGE, 2017).

Este capítulo está dividido em 4 pontos. O primeiro, designado de educação ao longo da vida e espaço público de educação, é onde se abordam os conceitos de educação ao longo da vida e de espaço público de educação (Nóvoa, 2002). O segundo ponto analisa os conceitos de cidade educadora e de educação nas cidades. No terceiro ponto deste capítulo analisa-se o papel do professor na construção dos novos espaços públicos de educação. Quadros de referência curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico é o título do último ponto deste capítulo, onde é realizada uma análise da autonomia da gestão do currículo e de alguns documentos de referência da ação educativa.

1. Educação ao longo da vida e espaço público de educação

A educação ao longo da vida é, segundo Pires (2002), compreendida como um conceito global e integrador, que valoriza todas as aprendizagens realizadas em qualquer momento e contexto de vida, e que podem ter como objetivo aperfeiçoar as competências, as aptidões e os conhecimentos, tanto numa perspetiva social, pessoal e/ou profissional. Para além destes aspetos, a educação ao longo da vida é entendida como uma primazia

política europeia e tem como objetivo promover a aquisição de novos conhecimentos a partir de aprendizagens adquiridas em contextos formais, não formais e informais.

Gomes (2009) e Pires (2002) reconhecem a importância que as aprendizagens formais, não-formais e informais têm não só na aprendizagem ao longo da vida, mas também nos diferentes espaços de educação.

Neste sentido Gomes (2009) e Pires (2002) começam por referir que a aprendizagem formal se desenvolve em contextos formais de educação, promovendo a aquisição de competências, conhecimentos e em instituições de ensino e formação como as escolas e as universidades, e que fornecem ao aluno um grau de qualificação e a aquisição de um diploma.

Por outro lado, as mesmas autoras afirmam que a aprendizagem não-formal resulta de aprendizagens adquiridas no exterior dos sistemas formais de educação, como os museus, a comunidade e o trabalho, e que, apesar de resultarem de situações organizadas com intencionalidade educativa, muitas vezes não conduzem a uma certificação.

Por fim, a aprendizagem informal é, segundo Gomes (2009) e Pires (2002), a aquisição de todas as aptidões, competências e conhecimentos que resultam de experiências vividas ao longo da vida numa grande diversidade de contextos, sem que exista intencionalidade educativa, como, por exemplo, as situações do quotidiano, e que não costumam ser reconhecidas e valorizadas tanto ao nível pessoal como social.

Seguindo a linha de pensamento da utilização dos espaços exteriores aos limites escolares, Nóvoa (2002) apresenta o conceito de espaço público de educação, que se entende como a construção de redes de instituições e iniciativas de projetos/espço focados nos domínios da formação, da cultura, da ciência e da arte, possibilitando analisar novas formas de pensar e fazer educação na sociedade contemporânea (Pires, 2020b).

Relativamente a este conceito, Nóvoa (2002) refere que ao longo dos anos foi criado o debate sobre a possibilidade de integrar na vida escolar

tanto as famílias como a comunidade de forma a criar uma cultura partilhada. Para conseguir dar resposta a este dilema o autor refere a necessidade de reformular os espaços públicos de educação construindo assim um novo espaço que vai de encontro ao conceito apresentado.

Para a construção deste espaço Nóvoa (2002) apresenta algumas sugestões e organiza as mesmas em 3 temas: a capacidade organizadora das escolas, a realidade multipolar das escolas, e o novo espaço de conhecimento.

Relativamente ao primeiro tema, Nóvoa (2002) refere que as escolas, ao regressarem às dinâmicas associativas, poderão desenvolver uma narrativa de educação pública, evitando os movimentos burocráticos e corporativas.

Quanto ao segundo tópico, Nóvoa (2002) afirma que o atual modelo escolar se baseia nos espaços físicos fechados, com um currículo de estrutura rígida cuja organização do trabalho tem características arcaicas. Por esse motivo a escola, para se definir como espaço público, participativo e democrático, deverá retomar a práticas mais antigas onde a família, a comunidade e a sociedade estavam presentes, criando assim uma nova cultura de educação. Para a construção desta nova cultura de educação é necessário reforçar as estruturas sociais que apoiam e suportam a educação, dando-lhes bases mais consistente, pois a renovação do espaço público de educação está dependente destas estruturas (Nóvoa, 2002).

Quanto ao tema do novo espaço de conhecimento, Nóvoa (2002) refere que atualmente pode-se encontrar conteúdo relacionado com o conhecimento em vários lugares sobre diversas formas, mas que o professor tem um papel fundamental para explicar as informações e dar sentido às mesmas. Na construção do novo espaço de conhecimento, Nóvoa (2002) afirma que o professor deve valorizar os conhecimentos uma vez que a pedagogia está intimamente ligada aos conteúdos trabalhados nas diferentes áreas disciplinares; deve admitir que a escola não pode ignorar as novas relações relativas aos saber e à realidade atual do mundo, inovando assim a sua forma de ensinar integrando as tecnologias da

informação e da comunicação, que têm cada vez mais impacto na nossa sociedade, aceitando o facto destas trazerem novas formas de aprender e adquirir conhecimentos Nóvoa (2002).

Pires (2019, 2020b) reforça a importância de construir outros tempos e espaços de educação que permitam uma maior abertura, e promovam a aquisição de conhecimentos relativos à diversidade cultural e às suas diferentes realidades, que definem o que é hoje a educação na nossa sociedade. Nóvoa (2002, 2022) propõe algumas características necessárias para a construção do novo espaço de educação. Este lugar deve ser um lugar híbrido, ou seja, deve ser um local que tenha presente e articule várias realidades. Legítima que o novo espaço de educação é um lugar de encontro onde se valoriza a experiência e o saber de todos os envolvidos, utilizando tanto dinâmicas como estratégias de participação e cooperação. Reconhece que este lugar seja um espaço de entrelaçamento, isto é, existe uma interligação entre os saberes e os espaços. Por fim, identifica este lugar como sendo um espaço de ação pública, em que as comunidades locais e a sociedade são envolvidas, criando um espaço de cooperação entre a dimensão pedagógica e as dimensão cultural, ética e científica (Nóvoa; 2002, 2022 e Pires, 2019, 2020b)

Completando a ideia da importância da criação de um novo espaço público de educação referida por Nóvoa (2002, 2022) e Pires (2019, 2020b), Anastácio et al. (2021) referem que ao criar uma aliança entre os equipamentos públicos e dos espaços ao ar livre com as escolas e as aulas cria-se um novo espaço no currículo que promove o desenvolvimento dos alunos. Anastácio et al. (2021) expõem ainda que as utilizações dos equipamentos públicos na educação proporcionam a formação de um ecossistema educativo composto pelos pilares de uma cidade amiga da criança e educadora; por sua vez a utilização dos espaços ao ar livre permite que os alunos aprendam na e com a natureza promovendo uma educação integral em que para além dos diferentes conteúdos permite a evolução das várias dimensões humanas.

Neste sentido Consiglio (2018) e Nóvoa (2022) afirmam que a escola como espaço fechado e no interior do recinto escolar, é o primeiro lugar que se pensa quando se referem as relações pedagógicas. No entanto, os autores referem que cada vez mais, existem outros espaços que começam a dar prioridade a atividades pedagógicas e que se focam nas relações entre os espaços exteriores ao recinto escolar e os contextos locais, familiares e nas cidades.

Azevedo (2019) ao reviver as experiências vividas durante a infância no espaço público afirma que os adultos atualmente têm tendência a diminuir a visão de privilégio das crianças na cidade e a terem soberania sobre as mesmas. O autor refere que existe uma tendência em preparar a cidade como um grande conjunto de possibilidades educativas que tende a não exceder o espaço com características e instituições de funcionalismo, mas sim a valorizar o que está por acabar e é imprevisível. Os adultos não devem negar o direito às crianças de explorar e experienciar a cidade, as ruas, o bairro e o espaço da sua comunidade, devendo incentivar a participação da criança enquanto cidadã de forma a desenvolver as suas ações e poder de decisão (Azevedo, 2019). Modler et al. (2019) referem o facto da Educação Infantil ter um compromisso político-pedagógico de educar as crianças desde cedo, afirmando que a educação deve ter características acolhedoras e desafiadoras, pelo que as experiências na cidade, fora da escola, se enquadram nesta ideia.

2. A cidade educadora e a educação nas cidades

Atualmente as cidades disponibilizam várias possibilidades educadoras, oferecendo diversos elementos para uma educação completa, tornando-se assim uma cidade educadora (Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE), 2020). A cidade educadora vive permanentemente num processo cujo objetivo final é a construção da comunidade e de uma cidadania solidária, livre e responsável.

Bernet (1999) refere que os princípios da cidade educadora baseiam-se na heterogeneidade e da globalidade/integração, afirmando que após ser reconhecida a heterogeneidade da educação reconhece-se em simultâneo a necessidade de se ter um olhar global, holístico e integrador sobre o sistema educativo. Estas cidades integram diversos tipos de instituições que promovem tanto a educação como as funções tradicionais, tal como a política, social, económica, ... (AICE, 2020).

Seguindo a linha de pensamento de AICE (2020) e de Bernet (1999) as autoras Gomes & Cabral (2009) destacam que uma cidade é educadora se houver conteúdos de educação que podemos aprender, tais como a sua história, regras, dinâmicas, lugares, pessoas e ritmos, mas também se for agente de educação. Gomes (2014) destaca a sistematização de Bernet (1990) sobre a cidade educadora nas vertentes conteúdo, contexto e agente de educação. A autora destaca que para uma cidade ser educadora deverá oferecer uma rede estável de escolas e todos os tipos e níveis de ensino; existirem equipamentos urbanos, educativos ou não, que promovam processos de educação de forma intencional; oferecer um conjunto de atividades ou acontecimentos que tenham uma dimensão educativa; existir um grupo de espaços dispersos que permitam experiências educativas não planeadas. Apesar de as cidades terem um elevado potencial educador, as autoras afirmam que é preciso existir um trabalho prévio onde se identifica as características da cidade que encaixam num contexto de educação (Gomes & Cabral, 2009).

A educação deve ser vista no seu sentido mais holístico de formação de pessoas sendo assim considerada no seu sentido mais abrangente, pois não é um processo abstrato ou neutro, mas é orientado pelas ideias de civilidade e humanidade, e está contextualizada em contextos sociais, culturais, históricos e geográficos (Gomes, 2011). Por outro lado, a autora refere que a cidade deverá ser vista na sua dupla interpretação no território geográfico que foi construído pelo Homem, mas é gerido politicamente tendo por base as ideias de justiça, solidariedade e cultura.

Gomes (2011) afirma que a educação e a cidade interligam-se numa relação necessária à manutenção e à renovação das duas partes, apoiando-se quando os acontecimentos históricos impõem a necessidade de repensar as dinâmicas e a vida em sociedade. Por esse motivo, a autora refere que para a educação dos atenienses Aristóteles sugeria que a mesma deveria ser pública e coletiva, de forma a que a cidade se interessasse e participasse na educação dos seus cidadãos. No entanto, atualmente, esta relação cidade-educação não é pacífica perante os riscos da pedagogização da vida em proveito do ideal de cidadão. A partir desta relação, Gomes (2011) reflete sobre o espaço público e as suas características.

Quando um espaço é considerado a partir do ponto de vista físico, este é considerado um espaço público se não for exclusivo de ninguém, ou seja, se for partilhado e se for ao encontro com o estranho/alternidade (Gomes, 2011). A autora explicita ainda que o espaço público não é só a área que corresponde às instituições públicas, mas sim as suas formas de funcionamento e as suas características.

Gomes (2013) partilha a forma como os diversos contextos, como as escolas e os museus, e os seus profissionais contribuem para a educação dos alunos nas cidades. A cidade permite que os processos de educação se tornem heterogêneos e plurais. Nesta linha de pensamento, Gomes (2013) identifica quatro tipos de usos da cidade normalmente utilizados pelos professores e educadores: instrumental, potenciador, lúdico, socializador.

O uso instrumental ou a cidade recurso existe, segundo Gomes (2013), quando o espaço público é utilizado com o objetivo de aprofundar e/ou consolidar as aprendizagens realizada em sala. Assim, as saídas são consideradas instrumentais e as instituições utilizadas são consideradas um recurso didático. Quando as visitas de estudo pretendem que o grupo vivencie uma experiência que a professora titular considera ser relevante diz-se que a cidade está a ser usada de forma potenciadora ou que é uma cidade experiência (Gomes, 2013).

A cidade é considerada uma cidade recreio ou de uso lúdico quando o espaço é pensado, desenvolvido e utilizado com o intuito não só das

crianças poderem explorar e brincar de forma segura e livre, mas também de todos os cidadãos poderem conviver (Gomes, 2013).

Uma das funções centrais da educação é a socialização, deste modo a última categoria de uso da cidade referido por Gomes (2013) é o uso socializador ou cidade representação. As saídas escolares que se encontram nesta categoria têm como objetivo de envolver os alunos em programas de cariz social promovendo a aprendizagem de valores e comportamentos considerados adequados.

Chiovatto (2020) faz a ligação entre instruir e criar, referindo que ambas as palavras são importantes no ato de educar. No entanto, faz a distinção entre elas afirmando que instruir está intimamente relacionado com a transmissão de conhecimentos, enquanto criar está relacionado com o gerar e produzir conhecimentos pressupondo sempre uma autonomia por parte de todos os envolvidos. Parajara e Rampazo (2018) acrescentam que o princípio da educação deve ser inseparável à vida reconhecendo os vários sujeitos que fazem parte no meio social formando uma comunidade de aprendizagem, permitindo que todos os espaços sejam educadores.

Numa cidade, podemos considerar serem instituições que fazem parte do espaço público de educação, como referido anteriormente, as bibliotecas, as escolas, espaços artísticos e culturais e os museus (Gomes, 2011; Pires, 2019), neste sentido, Campos (2017) destaca os museus afirmando que estas instituições valorizam a cultura, têm um carácter de formação não formal e pretendem preservar a memória social. Os museus tendem a ser considerados espaços multiculturais e interdisciplinares com um ambiente complexo onde os seus visitantes têm abertura para questionar, descobrir, contemplar e dialogar proporcionando assim diversas oportunidades educativas (Campos, 2017; Parajara & Rampazo, 2018; Pires, 2020b).

Consiglio (2018) afirma que apesar das diferentes características de educação apresentadas tanto pelas escolas como pelos museus, estes dois espaços têm criado vários momentos de interligação entre as suas práticas educativas. Campos (2017) acrescenta que apesar dos professores e

museólogos trabalharem em conjunto, refere que este trabalho não pode ser só o contacto entre ambas as partes, mas que deveria envolver a elaboração conjunta do programa educativo que fundamente a educação museológica e que beneficie todos os grupos que vão participar nestes programas.

Na educação museológica, Campos (2017) identifica 3 momentos de aprendizagem relativos á visita ao museu o “antes” (exploração sobre o local de vista), o “durante” (observação + recolha de dados) e o “depois” (Análise e síntese + apropriação) relevando que o momento do meio se realiza na instituição enquanto os restantes concretizam-se nas escolas. O autor defende que utilizando estes três momentos a ida ao museu torna-se uma estratégia de aprendizagem presente no processo educativo, perdendo o carácter meramente lúdico. Apesar de Campos (2017) ter referido este modelo para a utilização nas visitas aos museus, podemos utilizá-lo para todas as visitas, sejam museus ou não, na medida em que são atividades pedagógicas no espaço público de educação.

Relativamente aos educadores dos museus, Chiovatto (2020) destaca o facto de estes pretenderem muitas vezes criar momentos de educação mais criativos, dinâmicos e interativos, no entanto muitas vezes os visitantes e as escolas solicitam que sejam transmitidas as informações de forma mais objetiva, preferindo assim as visitas com características mais informativas.

A partir das categorias apresentadas por Gomes (2013) e relacionando com a informação apresentada por Campos (2017) e Chiovatto (2020), podemos concluir que as visitas de estudo a museus se enquadram no grupo uso instrumental ou recurso, pois é usado na sua maioria para aprofundar ou consolidar os conteúdos.

3. O papel do professor na promoção do espaço público de educação

Ao longo dos anos os professores nunca gostaram de se explicar às comunidades locais, no entanto, cada vez mais a relação entre o professor,

a comunidade e o espaço comunitário tem vindo a ser incentivado (Nóvoa, 2002). Nesta linha de pensamento, Nóvoa (2002) defende que a formação de professores deve desenvolver 3 competências: saber gerir relações; o saber analisar e o saber organizar.

A competência de saber gerir relações é segundo o autor essencial para criar um novo sentido social do trabalho do professor neste novo espaço de educação, mas também é importante para o docente saber relacionar e relacionar-se (Nóvoa, 2002). A concretização deste novo espaço obriga a que os professores repensem o sentido social da sua docência começando a diminuir a quantidade de burocracia e criar uma nova identidade profissional. Criando esta nova identidade o professor deve descobrir também como relacionar-se com o aluno no novo espaço público de educação de forma a incentivar a que a criança coopere de forma ativa na sua aprendizagem e respeite o espaço em seu redor. Assim, conclui-se, que o professor deve ter também uma formação para saber relacionar-se com as comunidades locais (Nóvoa, 2002).

O saber analisar é uma das competências essenciais na formação de professores, segundo Nóvoa (2002). O autor refere que a partir do conceito de autonomia surgiram novos modelos de organização tanto das escolas como na própria profissão, pois é importante que se promova a organização de espaços de partilha e entre ajuda.

De acordo com a necessidade de fornecer mais autonomia aos professores, Pires (2020b) apresenta o modelo da reimaginação (da autoria de Sachs, 2009), um dos modelos de desenvolvimento profissional contínuo de professores docente. Este modelo pretende que no fim da formação o professor, no exercício da sua profissão, seja capaz de rejeitar movimentos burocráticos, e consiga ser mais autónomo. Pretende ainda que o professor seja capaz de formular os seus próprios objetivos, experimentar diversas práticas e refletir sobre as mesmas, articulando sempre as dimensões de aprendizagem formal com a informal.

Tal como referido anteriormente, o modelo da reimaginação pretende preparar os futuros professores para serem mais autónomos

(Pires, 2020b) , o que, segundo Nóvoa (2002), é a dimensão da profissão docente que se mostra ser mais problemática, pois, em Portugal, o professor está dependente de um vasto conjunto de burocracias. O autor afirma ainda que os conjuntos de competências referidas anteriormente, são fundamentais para que os docentes se situem no novo espaço público da educação.

Ao ser proposto um novo espaço público de educação é necessário que os professores se abram à ideia de aceder a novos espaços para além da instituição, e de reforçar os dispositivos de avaliação, pois estes são um meio de regulação interna da ação profissional e pedagógica (Nóvoa, 2002).

A última competência apresentada por Nóvoa (2002) é o saber analisar. O autor afirma que definir o conhecimento profissional não é uma tarefa fácil pois estamos perante um conjunto de saberes, competências e atitudes que para além da dimensão teórica e que envolve também uma dimensão prática e uma dimensão experimental.

Nóvoa (2022) questiona como é que os alunos e os professores podem ser autónomos se têm espaços-tempos normalizados e como podem relacionar-se com os espaços exteriores à instituição se todos os seus momentos de aprendizagem acontecem dentro dos limites da escola. Assim, o autor propõe uma mudança no papel do professor de forma a dar resposta a estas questões e para que o mesmo possa contribuir no desenvolvimento do espaço público de educação.

Um dos movimentos apresentados por Nóvoa (2022) pretende refletir sobre o papel dos professores na estruturação dos espaços públicos de educação. Neste movimento Nóvoa (2022) refere ser necessário que existam professores capazes de assumir a missão de construir este novo espaço de educação em conjunto com as famílias, as entidades locais, e a restante comunidade de forma a construir uma relação de desenvolvimento educativo baseado na convivialidade e na comunidade. O compromisso destes professores torna-se bastante importante uma vez que este espaço público comum só fará sentido se tiver uma grande participação social e da comunidade. Neste sentido, Nóvoa (2022) afirma que a pedagogia que o

professor utiliza é decisiva para que se comece a pensar nas mudanças na escola e na educação.

Tanto Nóvoa (2002, 2022) como Pires (2020b) reforçam a necessidade de reforçar a autonomia dos professores, não só para facilitar o seu papel como agentes na criação do novo espaço público de educação, pois estes precisam de ter a capacidade de construir relações com a comunidade. No entanto o professor, quando, não tem autonomia e está dependente de burocracias tem menos tempo para se dedicar a desenvolver novas práticas e na preparação de matérias e atividades dinâmicas.

4. Quadros de referência curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico têm diversos documentos de referência para a sua prática. Entre os documentos de referência para a prática educativa dos professores destacam-se o Perfil do aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins et al., 2017), as Aprendizagens Essenciais nas várias áreas curriculares (DGE, 2017) e o Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário (Câmara et al., 2018). Por esse motivo considerou-se fazer sentido dedicar um espaço neste capítulo ao currículo.

Frequentemente os professores deparam-se com barreiras específicas decorrentes quer do contexto geográfico, social e económico em que a escola se encontra, ou decorrentes de problemas mais gerais da educação, como por exemplo de natureza de gestão do currículo ou de utilização dos espaços exteriores à escola. Neste sentido, os autores Anastácio et al. (n.d.) referem que para haver uma alteração das barreiras é necessário existir uma alteração tanto nos territórios e espaços educativos como no currículo.

O documento oficial Perfil do aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017) tenta realizar alterações de forma a acabar com algumas barreiras referidas por Anastácio et al. (2021) e é segundo os seus autores

Martins et al. (2017), um quadro de referência que permite ao professor trabalhar diversas áreas de competência (como o relacionamento interpessoal, o desenvolvimento pessoal e a autonomia, etc.), valores (responsabilidade, cidadania e participação entre outros) e princípios (como por exemplo a base humanista e a sustentabilidade). Este documento foi desenvolvido tendo em conta a realidade em que vivemos, um mundo onde existe uma grande diversidade cultural, repleto de mudanças e incertezas, visando assim a formação de pessoas autónomas, responsáveis e ativas na sociedade. Os autores referem ainda que houve uma preocupação de definir um perfil que possa ser adaptado às diferentes realidades, uma vez que a sociedade humana é imperfeita, não existe um perfil único e perfeito, neste sentido reforça a necessidade do desenvolvimento flexível das competências, dos valores e dos princípios propostos.

Na linha de pensamento da necessidade do desenvolvimento flexível das competências Pires (2020a) e Pires et al. (2020), referem o Perfil do aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória e o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, que pretendem conceder às escolas um maior nível de autonomia, promovendo uma flexibilidade na gestão do currículo, na organização das matrizes curriculares base, e da sua carga horária. Desta forma, será possível definir as principais aprendizagens a desenvolver com os seus alunos, tendo em conta o seu contexto e as suas necessidades, assumindo assim a centralidade dos professores, dos alunos e das escolas e reconhecendo o exercício efetivo da autonomia na educação (GSEE, 2017). O Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular pretende fornecer às escolas a possibilidade de complementarem o currículo com conhecimentos e atitudes previstas no documento Perfil do aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Por outro lado, as Aprendizagens Essenciais (DGE, 2017) foram elaboradas com base nos documentos curriculares previamente existentes, fornecendo ao professor indicações dos conteúdos indispensáveis de cada disciplina e de cada ano de forma estruturada (GSEE, 2017). Desta forma, pretendem apoiar os professores na concretização das planificações e das

avaliações, promovendo o desenvolvimento das áreas de competência presentes no Perfil do aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, tornando-se a base de referência para as aprendizagens dos alunos.

As autoras Pires et al. (2020) constataam o esbatimento das fronteiras que estabeleciam os limites entre os diferentes modos de educação previamente referidos (formal, não formal e informal), aproximando-se do conceito de espaço público de educação (Nóvoa, 2002) e da ideia de cidade educadora de Bernet. Referem que um dos motivos desta aproximação é o facto de cada vez mais a educação nas escolas estar a alcançar um carácter de natureza flexível e participativa, permitindo o desenvolvimento de aprendizagens mais significativas e em espaços diferentes (como museus, jardins, cinemas, galerias de arte, entre outros). As utilizações de diferentes espaços cooperam para as aprendizagens relacionadas com a cidadania, relação com o outro e com os diversos tipos de lugares (Pires et al., 2020), permitindo assim proporcionar os momentos de aprendizagens integradas com as competências das Aprendizagens Essenciais e do Perfil do aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Acho ainda relevante referir nesta parte do capítulo que Gomes (2014) afirma que ao existir uma aprendizagem assumida os limites entre as instituições e as práticas dos professores desaparecem pois é construído um espaço mais flexível e autónomo. Neste espaço tanto os professores como a direção da escola consideram os acontecimentos e as experiências pelas quais passaram durante a sua vida como ponto de partida para as mudanças dos processos de educação, aprendizagem e formação.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A recolha de dados da presente investigação decorreu durante um período de dez semanas (de 21 de março a 1 de junho de 2022), correspondentes ao período de estágio, no entanto foi necessário ir à instituição mais três dias para fazer recolha de dados (14, 17 e 28 de junho 2022). Para o decorrer da mesma, foi adotada uma metodologia de investigação sobre a prática. Foi utilizada uma abordagem qualitativa, mais especificamente a metodologia da investigação sobre a prática, devido ao limitado tempo de realização dos estágios, ao facto de esta permitir que o investigador assuma o papel principal de intervenção no contexto, possa desenvolver o seu carácter profissional e refletir sobre a sua prática.

Relativamente à recolha de dados, foram utilizadas 4 técnicas: observação participante, pesquisa documental, entrevistas de grupo aos alunos (focus group) e uma entrevista semiestruturada à professora cooperante. Para a análise e tratamento dos dados optou-se pela análise de conteúdo.

Deste modo, o presente capítulo está dividido em dois pontos: a caracterização da metodologia de investigação e a apresentação do processo de recolha e tratamento dos dados utilizadas ao longo da investigação.

1. Metodologia

Segundo Ponte (2002), a investigação sobre a prática é uma metodologia ligada à educação, uma vez que contribui para o desenvolvimento da identidade e da prática do professor, colabora na construção da prática docente, permitindo que o investigador reflita sobre a sua relação com os colegas, com os alunos e com as famílias. Segundo o autor, este método contribui ainda para que o professor adquira o conhecimento para argumentar as suas propostas e ações, podendo assim

questionar a sua ação, refletir sobre a mesma e alterar a sua prática consoante o contexto e o grupo. Para Ponte (2002), a investigação sobre a prática é uma metodologia na qual convergem múltiplas práticas, construções e partilhas de conhecimentos entre investigadores e investigados, em que ambas as partes partilham as aprendizagens realizadas.

Soares (2006) refere que, recentemente, as investigações na área da educação percecionam as crianças não só como participantes, mas também como atores sociais, ou seja, consideram-nas com voz e integradas no procedimento da investigação, tornando-se num processo de parceria entre as duas partes (adultos e crianças).

O relatório é baseado numa metodologia de investigação sobre a prática, adotando uma abordagem qualitativa. Numa investigação qualitativa em educação, os investigadores estão constantemente a questionar-se e a interrogar os sujeitos de investigação. Desta forma o investigador consegue entender os acontecimentos que ocorreram durante a realização do projeto e o que trouxeram aos intervenientes (Bogdan e Biklen, 1994).

Quanto às características da abordagem qualitativa, tanto Bogdan e Biklen (1994) como Carmo e Ferreira (2008) enumeram as características que se seguem. Segundo estes autores, a investigação qualitativa tem como principal ambiente de recolha de dados o ambiente natural, uma vez que compreendem que as ações podem ser melhor entendidas quando observadas diretamente no local, utilizando assim grande parte do seu tempo no local de estudo, pois preocupam-se com o contexto. Outra característica enumerada por Bogdan e Biklen (1994) é o facto de a abordagem qualitativa ser descritiva, ou seja, os dados recolhidos têm a forma de palavras e/ou imagens, os seus resultados incluem citações baseadas nos dados recolhidos de forma a ilustrar e a sustentar as conclusões. Para o investigador qualitativo, o processo tem mais importância do que os resultados e não procura que estes verifiquem as suas hipóteses, mas que permita compreender os fenómenos (Bogdan e

Biklen, 1994; Carmo e Ferreira, 2008), assim esses dados são analisados de forma indutiva.

A abordagem qualitativa é o tipo de abordagem de investigação que enquadra o presente estudo, uma vez que procura aprofundar um tema e recolher informações sobre as motivações e atitudes dos intervenientes através da utilização de técnicas de recolha de dados privilegiadas neste tipo de investigação (como a observação participante e a entrevista); pretende compreender conceitos; pretende analisar os participantes como um grupo e não focar nas atitudes de cada aluno individualmente (Carmo e Ferreira, 2008).

Considero ainda importante realçar que esta investigação procura seguir e cumprir diversas questões de ética apresentadas por Bogdan e Biklen (1994). Neste estudo, todos os participantes participaram de forma voluntária, no que diz respeito ao preenchimento das grelhas e à realização das entrevistas. Por outro lado, as crianças participaram em todas as atividades, uma vez que as atividades fizeram parte da rotina da sala de aula e a sua realização tinha como finalidade a aquisição de conteúdos presentes nas Aprendizagens Essenciais. No início do período de estágio, tanto os alunos como os encarregados de educação foram informados da investigação e dos seus objetivos, sendo que aos encarregados de educação foi solicitada a sua autorização para a captação de imagem e áudio dos seus educandos. Aos alunos foi pedida a autorização oralmente para a captação dos dados. Por fim, no presente relatório a identidade de todos os participantes está protegida, tal como a identidade da instituição onde a investigação foi realizada (Bogdan e Biklen, 1994).

2. Técnicas de recolha e análise dos dados

Nesto ponto do capítulo vão ser apresentadas as técnicas e procedimentos utilizados para a recolha e análise dos dados.

2.1. Procedimentos de recolha de informação

No âmbito deste projeto, como referido anteriormente, foram selecionadas e postas em prática quatro técnicas de recolha de dados, sendo estas: a observação participante, cujos registos foram realizados através de fotografias, gravação de imagem e som, e notas de campo, bem como de uma grelha de observação; a entrevista de grupo (focus group) aos alunos; a entrevista semiestruturada à professora cooperante e a pesquisa documental.

2.1.1. Observação participante

Amado e Silva (2014) afirmam que a observação participante consiste na participação num contexto, por parte do investigador, durante um longo período de tempo, de modo a observar e sistematizar o modo de vida e pensamento dos sujeitos envolvidos no contexto. Carmo e Ferreira (2008) acrescentam que, na maioria das situações, o pesquisador deve, junto do grupo que está a ser observado, assumir o seu papel de observador de forma explícita, tornando-se um observador participante no momento em que combina esta função com outro papel (por exemplo de professor) e participa na vida da população.

A observação é um processo seletivo em que o investigador tem tendência a retirar tudo o que não considera ser relevante da observação realizada (Amado e Silva, 2014). Esta técnica de recolha de dados é considerada, por Afonso (2005), vantajosa e fidedigna pois os dados não estão dependentes das opiniões, experiências, saberes e pontos de vista dos sujeitos. O autor afirma que os registos da observação podem estar na forma escrita, ou seja, a partir das notas do investigador ou no formato digital, como as gravações de áudio, os vídeos e as fotografias.

Esta técnica é uma das técnicas mais importante das que foram utilizadas e com mais expressão no decorrer de toda a investigação, uma vez que aconteceu em todos os momentos do projeto. Ao longo da intervenção foram utilizadas várias técnicas de registo, entre elas estão os registos fotográficos, de vídeo e áudio (com a devida autorização dos encarregados de educação) e os registos de observação, utilizada durante

as atividades fora da escola, que tiveram por base a uma grelha de observação (Anexo A). Para a construção da grelha foram identificados alguns parâmetros para a observação. Esta tinha como objetivo preparar o olhar, auxiliar e orientar a observação e não fazer uma observação exaustiva dando a oportunidade de fazer o registo de alguma situação fora dos parâmetros selecionados. A grelha foi preenchida a lápis durante e depois da atividade, posteriormente a informação foi transportada para a grelha digital de forma a se tornar mais legível e a informação estar mais completa.

As técnicas de registo utilizadas são, segundo Bogdan e Biklen (1994), técnicas diretamente ligadas à investigação qualitativa. As fotografias, os vídeos e os áudios permitem que os investigadores tenham acessos a dados mais descritivos e possibilitam a melhor compreensão do sujeito. As fotografias utilizadas estão enquadradas na categoria, apresentada por Bogdan e Biklen (1994), de fotografias produzidas pelo investigador. Ao longo de toda a investigação a captura das fotografias foi realizada por mim ou pela minha colega de estágio¹ tendo como foco as atividades e os seus produtos. As fotografias foram captadas através do telemóvel e estão intimamente ligadas à observação participante uma vez que auxilia o investigador a lembrar-se não só de alguns detalhes das atividades, mas também da atitude com que os participantes estavam. O facto de ser o investigador a captar os diversos momentos utilizando as técnicas referidas possibilita a que os dados recolhidos estejam alinhados com a informação que o mesmo considera ser relevante para o seu estudo e apoiar a sua observação.

Carmo e Ferreira (2008) referem que quando as notas de campo são realizadas através de uma grelha de observação orientadora são conciliadas com as técnicas de registo referidas anteriormente e com a observação direta, tornam-se um dos instrumentos que mais se adequa ao estudo qualitativo. Existe esta adequação uma vez que as notas de campo

¹ O estágio curricular foi realizado em parceria com uma colega sendo que a mesma colaborou na realização na planificação das atividades e na recolha de dados.

permitem o investigador registar conversas e atitudes após as mesmas acontecerem de modo a poder estar presente e atento ao que está a acontecer naquele momento, e de forma a saber o que pretende observar, uma vez que vai para a observação com o olhar preparado e direccionado.

2.1.2. Entrevistas

Foram utilizados dois tipos de entrevistas, sendo um destes uma entrevista de grupo aos alunos e o outro uma entrevista semiestruturada à professora cooperante.

O uso das entrevistas como técnica de recolha de dados é muito frequente nas investigações naturalistas e qualitativas. As entrevistas constituem uma interação verbal entre o entrevistador e o entrevistado (Afonso, 2005). Amado e Ferreira (2014) acrescentam que esta técnica de recolha de dados é um dos meios mais preponderantes para compreender o outro e obter informações. É importante referir que após a realização das entrevistas (guião no Anexo F) foi realizada a sua transcrição de forma que estas pudessem ser analisadas (transcrições Anexos B, D e G, grelha de análise C, E e H).

Entrevista Focus Group

Amado e Ferreira (2014) referem que esta é uma técnica utilizada regularmente nas investigações educativas. Nesta linha de pensamento Graue e Walsh (2003) consideram que as entrevistas em pequenos grupos são uma estratégia bastante útil pois as crianças ficam mais descontraídas quando estão ao pé de um par em vez de estarem sozinhos com o entrevistador, e por vezes acabam por se entreajudar a responder. Apesar da vantagem enunciada por Afonso (2005), os autores Amados e Ferreira (2014) referem que esta técnica pode levantar algumas questões para o investigador, pois este tem de assumir o papel de entrevistador e o de gestor do grupo e o facto de o entrevistado não estar sozinho poder vir a influenciar o seu discurso.

A entrevista em grupo, denominada de focus group, que foi realizada teve como objetivo ouvir as crianças e envolvê-las no processo de criação das intervenções, tentando ir ao encontro dos seus interesses e curiosidades. Para a realização entrevista a turma foi dividida em três grupos de oito crianças, de forma a dar oportunidade a todos os alunos falarem, especialmente os mais tímidos e aos alunos inscritos no Português Língua Não Materna, que têm receio de falar para o grande grupo. É de realçar que nenhum aluno foi obrigado a participar e que esta divisão foi pensada apenas para tentar colocar todas as crianças mais à vontade. As entrevistas realizadas tiveram sempre o mesmo processo: começámos o momento a conversar sobre o que ia acontecer e sobre as regras (como levantar o dedo para falar e ficar em silêncio quando alguém falava), a definir o que íamos considerar como sendo o espaço exterior e a pedir autorização para gravar a sua voz.

Apesar de terem sido criados três grupos, de forma a que todas as crianças pudessem estar envolvidas e tivessem oportunidade de partilhar a sua opinião e experiências, só foi possível fazer a entrevista a dois grupos devido ao tempo. Inicialmente estava previsto ser realizada uma entrevista na primeira semana de estágio (Anexos B e C) e as restantes na segunda. No entanto, devido ao facto da minha colega de estágio ter ficado com Covid, de forma a conseguir assegurar as atividades planificadas e ao facto de os alunos terem bastantes apoios escolares, só foi possível, nessa semana, realizar a entrevista a mais um grupo (Anexo D e E). Tendo em conta que na terceira semana de estágio foi implementada a primeira atividade, deixou de fazer sentido a realização da entrevista ao terceiro grupo.

Antes das entrevistas, foi realizada uma pequena conversa com os grupos para explicar o que iria acontecer e foi explicitado que durante a conversa que íamos ter deveríamos focar o nosso pensamento nos jardins, na rua, museus e outros espaços que se lembrassem, que não fossem a escola e a sua casa. Foi ainda pedida a autorização às crianças para as entrevistas serem gravadas e que levantassem o dedo sempre que

quisessem falar, de forma que, ao fazer a transcrição, conseguisse identificar quem falava. É importante realçar que desde o início da conversa até ao fim foi sempre referido que não eram obrigados a participar e em qualquer momento poderiam não participar mais.

A entrevista focou-se em três perguntas principais:

- O que já aprenderam lá fora?
- O que gostam de fazer ao ar livre/fora da escola?
- O que gostavam de aprender fora da escola?

As questões anteriores pretendiam conhecer as experiências de aprendizagem no espaço exterior que as crianças fizeram, os seus gostos e o que gostavam de aprender/visitar. Quando passámos à última pergunta, solicitei que, antes de responderem, as crianças escrevessem num papel a sua resposta. Este momento teve como objetivo dar a possibilidade a que todos dessem a sua opinião sem serem influenciados pelas respostas dos colegas.

As entrevistas foram realizadas em dias diferentes: a primeira decorreu no dia 25 de março de 2022 e teve como participantes o N., a I., a E., o S.S., a C., o J.S., o U., e o A.A. (grupo um); nos anexos B e C encontram-se a transcrição da entrevista e a análise da mesma, respetivamente. Já no dia 28 de março foi realizada a entrevista ao R., à L., ao A.P., à J.M., ao M.P., ao S.O., à A.S. e ao M.I. (grupo dois), com a transcrição e a análise da conversa nos anexos D e E. Ao realizar a análise das entrevistas foi possível definir oito dimensões para o grupo um e sete para o grupo dois, sendo que todas as dimensões presentes na análise do grupo dois estão presentes no grupo um.

Entrevista semiestruturada

A entrevista semiestruturada foi realizada à professora cooperante, utilizando um guião (Anexo F) e foi gravada, com a devida autorização, em áudio, para que posteriormente pudesse ser transcrita e analisada (Anexos G e H). Esta tem como objetivo compreender melhor as suas práticas e experiências com o espaço exterior (nomeadamente com os jardins e

museus), as suas estratégias quando utiliza estes espaços, como faz a preparação destas atividades e a seleção dos museus.

Afonso (2005) refere que este tipo de entrevista se encontra entre as entrevistas estruturadas e não estruturadas, ou seja, é criado um guião de entrevista com temas e perguntas que se pretendem abordar, mas que no decorrer na mesma podem ser realizadas outras perguntas para além do que está estipulado no guião. Amado e Ferreira (2014) desenvolvem a ideia de Afonso (2005), referindo que as entrevistas semiestruturadas baseiam-se num guião em que as questões são previamente planeadas numa ordem que o entrevistador considera lógica e que lhe permita obter todas as informações que pretende. No entanto, no decorrer da entrevista, é fornecida uma grande liberdade ao entrevistado para responder, mas também ao entrevistador de adaptar a ordem das questões e o rumo da interação consoante as respostas obtidas. Assim, a entrevista semiestruturada torna-se um dos principais instrumentos nas investigações qualitativas.

A entrevista à professora cooperante foi organizada num guião de entrevista (Anexo F) organizado em 6 blocos temáticos: legitimação da entrevista, caracterização do/a entrevistado/a, conceções sobre a utilização do espaço exterior à escola para a aprendizagem, prática da utilização do espaço exterior à escola, relação alunos com o espaço exterior à escola e por último, obstáculos/dificuldade que existem na utilização do espaço exterior à escola.

Esta entrevista e os seus blocos tiveram como principais objetivos: conhecer a entrevistada e o meio onde a instituição se encontra, conhecer quais as suas conceções, práticas e perspetivas quanto à utilização do espaço exterior à escola, tal como identificar obstáculos e as estratégias para os superar.

A entrevista à professora cooperante realizou-se no dia 13 de julho, na qual comecei por agradecer a sua participação, por pedir a autorização para gravar e explicar que a sua identidade irá permanecer anónima. Após este momento comecei a realizar a entrevista, o ambiente estava

descontraído e no decorrer de toda a entrevista a professora foi bastante direta e sucinta, mas não desenvolvendo muito as questões. Considero que incentivar a professora a desenvolver as suas conceções foi a maior dificuldade que senti e que as estratégias utilizadas nem sempre tiveram muito sucesso. Após refletir sobre a entrevista considero que se voltasse a realizar a entrevista à professora cooperante entregaria o guião com alguns dias de antecedência de forma que esta tivesse tempo de se preparar e desenvolver as respostas. De forma a incentivar a professora tentaria fazer mais perguntas, como por exemplo “O que entende por ambiente peculiar?”.

2.1.3. Pesquisa documental

A pesquisa documental é uma das técnicas que foi utilizada, e na presente investigação teve por base a leitura e análise do Projeto educativo da instituição e do Projeto de Turma construído pela professora cooperante.

Afonso (2005) afirma que esta técnica se baseia na utilização da informação de documentos considerados relevantes para responder às questões de investigação. Segundo o autor, uma das vantagens da recolha documental como técnica de recolha de dados é o facto de ser “uma abordagem não reativa em que os dados são obtidos por processos que não envolvem recolha direta de informação” (Afonso, 2005, p.88).

Afonso (2005) refere que na pesquisa documental os documentos a investigar podem estar divididos em 3 categorias, a saber: documentos oficiais, documentos públicos e documentos privados. Esta investigação irá focar-se essencialmente nos documentos privados, estando nestes incluídos o Projeto educativo da instituição e o Projeto de Turma e foram utilizados essencialmente para a caracterização da instituição e da turma onde foi desenvolvida a investigação.

2.2. Tratamento dos dados

A técnica de tratamento de dados que foi utilizada na presente investigação é a análise de conteúdo, uma vez que se trata de um projeto

de carácter qualitativo e tem por base a análise de entrevistas, documentos de carácter pessoal e registos de observação. Amado et al. (2014) referem que ao longo dos anos esta técnica de análise de conteúdo tem evoluído e tornado uma técnica em que valoriza o sentido inferencial e interpretativo.

Quivy (1992) afirma que a análise de conteúdo recai sobre diferentes fontes de informação (programas audiovisuais, atas de reunião, relatórios de entrevistas, entre outros) sobre as quais o investigador constrói um conhecimento. A análise de conteúdo como técnica de tratamento de dados envolve a utilização de vários processos técnicos precisos (como por exemplo o número de ocorrências de um determinado termo utilizado, ou a sua relevância para o tema do estudo), possibilitando assim que o investigador não tenha como referência e não tome partido dos seus próprios valores, representações, ideias e crenças. A análise de conteúdo, segundo o autor, possibilita ao investigador tratar a informação recolhida de forma metódica satisfazendo as exigências de uma investigação de forma coerente e que nem sempre é fácil de consolidar.

Amado et al. (2014) completam a ideia referindo que a técnica de análise de conteúdo deve seguir uma postura de objetividade, finalidade e validade, tendo como objetivo ilustrar ou comprovar teorias, e desenvolver as mesmas de origem. Os autores fazem referência às fases do sistema de análise de conteúdo que está dividido em 6 momentos, sendo estes: definição da questão e dos objetivos do estudo; construção de um quadro de fundamentação teórica; composição de um corpus documental; leitura atenta e ativa; formulação de hipóteses e categorização. Fazendo a ligação entre as fases apresentadas por Amado et al. (2014) e o presente estudo, devido à sua natureza, não se procedeu à fase da formulação de hipóteses, assim torna-se relevante explicitar apenas as restantes fases.

A primeira fase, de definição da questão e dos objetivos do estudo, consiste na construção da questão de investigação, que no caso desta investigação é “Como explorar os espaços exteriores à escola de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças?”.

De acordo com Amado et al. (2014), a construção de um quadro de fundamentação teórica, a segunda fase, possibilita a que o investigador questione os dados, mas também explicar e interpretar os mesmos.

Na terceira fase, composição de um corpus documental, pretende-se contruir e analisar um conjunto de dados, devendo existir sempre uma flexibilidade e comparação entre os mesmos (Amado et al., 2014).

Segundo Amado et al. (2014) o momento leitura atenta e ativa, exige que o investigador efetue várias leituras, devendo fazer a triagem das mesmas. É a leitura dos textos que permite a escolha e explicitação dos temas mais relevantes, das ideias e autores de referência.

Ainda de acordo com estes autores, a fase de categorização consiste na passagem dos dados brutos/soltos para diferentes categorias, permitindo assim uma descrição precisa dos dados considerados importantes para o estudo.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

No presente capítulo serão apresentados e analisados os dados recolhidos a partir das intervenções realizadas nos diversos momentos da investigação.

Inicialmente irei apresentar a caracterização do contexto onde foi realizada a investigação, nomeadamente da instituição e da turma. De seguida irei apresentar o processo de intervenção, descrevendo as situações e fazendo a sua análise.

1. Contexto

Nesta parte do capítulo irei focar o meu discurso na caracterização do contexto onde ocorreu a investigação. Primeiramente irei referir o contexto da instituição tendo por base o Projeto Pedagógico 2018-2021. De seguida irei realizar a caracterização dos participantes, recorrendo não só a informações obtidas ao longo do período de investigação, mas também ao Projeto de Turma, realizado pela professora cooperante.

1.1. Caracterização da instituição

A escola básica onde a presente investigação decorreu localiza-se em Lisboa, mais especificamente na Freguesia de Santa Maria Maior, tendo acesso facilitado a várias instituições e locais, como por exemplo ao Castelo de São Jorge, à Mouraria, ao Jardim do Cerco da Graça, ao Panteão Nacional, entre outros locais. A instituição está inserida num local turístico tendo bastante movimento à sua volta.

A escola pertence à rede pública e integra cerca de cento e vinte crianças, sendo constituída por cinco salas, uma de pré-escolar e as restantes do 1º ciclo (do 1º ao 4º ano). O facto de a dimensão da escola ser

pequena possibilita uma interação mais próxima entre adultos-crianças, crianças-crianças e adultos-adultos.

De acordo com o Projeto Pedagógico 2018-2021² do agrupamento em que a escola se encontra inserida, este é composto por cerca de trinta e quatro nacionalidades, sendo que na EB1 onde a investigação decorreu existem cerca de quinze nacionalidades. Esta diversidade de nacionalidades é observada através de diferentes formas de comunicação, nomeadamente a língua, sendo, possivelmente, uma barreira ao diálogo entre pares. Este aspeto é verificado nas salas de aula, no recreio e nas interações, requerendo, por parte do adulto, algum cuidado e sensibilidade.

A instituição disponibiliza diversos apoios para os alunos, dando resposta às suas necessidades. Estes apoios são lecionados por profissionais coadjuvantes da área da terapia da fala, da psicologia, da psicomotricidade, do ensino especial, do português língua não-materna, entre outros. Os apoios são lecionados em tempo letivo, num espaço exterior à sala de aula, não sobrecarregando a criança com apoios após as aulas.

Para além destes apoios, a escola ainda disponibiliza atividades inseridas no tempo letivo, como a Educação Física e a Capoeira (professores coadjuvantes), que acontecem semanalmente num horário fixo para cada turma. A escola incentiva a participação em diversos projetos estabelecidos em parceria com instituições de diferentes áreas, tais como a Vitaminos (saúde), a Ciência Viva (interdisciplinaridade), Academia C. V. (interculturalidade) e teatros (educação artística). O agrupamento providencia atividades extracurriculares, no horário das 16h às 17h.

A instituição está localizada num local histórico com jardins à volta, próxima do Castelo de S. Jorge, miradouros, do palácio de S. Vicente, da Graça, do Museu da Água, do Rossio e da Mouraria.

² No momento em que se realizou a investigação era o documento, de livre acesso, mais recente.

1.2. Caracterização da turma

A investigação decorreu numa turma do 4.º ano de escolaridade inicialmente constituída por vinte e quatro crianças, nove do sexo feminino e quatorze do sexo masculino. No entanto, após a realização da primeira atividade integrada no projeto de investigação, houve um aluno que foi transferido para outra escola, deste modo no final da investigação a turma integrava vinte e três alunos sendo treze destes do sexo masculino.

A turma contempla seis crianças com apoio da equipa de educação especial e seis estão inseridos nas aulas português língua não-materna, sendo que um aluno está inserido nos dois grupos. No entanto, e apesar da turma ser designada como uma turma do 4.º ano, existem quatro alunos que estão matriculados e frequentam o 3.º ano de escolaridade.

Segundo o Projeto de Turma realizado pela professora cooperante, as famílias dos alunos estão inseridas em contextos socioculturais de classe média baixa e baixa, sendo que na sua maioria o encarregado de educação tem emprego, no entanto alguns beneficiam do rendimento mínimo de inserção social.

A professora titular, no seu Projeto de Turma, apresenta um quadro onde identifica as potencialidades e as fragilidades da turma. A professora reconhece como potencialidades do grupo a expressão e compreensão tanto oral como escrita, a aquisição e aplicação de conhecimentos, a capacidade de questionar/ problematizar/ resolver problemas, a capacidade e criar/ produzir, a destreza motora, a participação e cooperação, o comportamento de tarefas, as relações interpessoais, o comportamento e assiduidade. Por outro lado, refere que o raciocínio lógico e abstrato, a interpretação de gráficos e gravuras, a pesquisa, a seleção e a organização de informação, o interesse, atenção e participação, os hábitos de trabalho e de estudo, a responsabilidade, a organização e a autonomia são as principais fragilidades da turma.

Em conversa informal, a professora afirmou que a nível de sentimento de grupo, é uma turma com dificuldades em trabalhar a níveis

sociais, a trabalhar em grupo, tem pouca autonomia e cansa-se rapidamente das diversas atividades, mesmo com atividades que são consideradas mais lúdicas. É ainda importante referir que estas crianças, segundo a professora cooperante, apresentam diversas lacunas emocionais, têm dificuldades em lidar com a frustração, com a gestão de conflitos e têm dificuldades em se autorregular, o que influencia a aquisição de conhecimentos.

Apesar destas fragilidades e do seu contexto, é um grupo interessado e participativo quando são realizadas atividades em grande ou pequeno grupo.

1.3. Caracterização da docente

Uma das dimensões utilizadas na análise da entrevista à professora cooperante (Anexo H) foi a caracterização do/a entrevistado/a, que tem formação em 1.º ciclo do ensino básico, tendo-se especializado em Ensino Especial na vertente do domínio cognitivo e motor. A entrevistada exerce a profissão há 18 anos e está na instituição há 2 anos.

2. Intervenção pedagógica

Nesta secção do capítulo, será apresentada a intervenção realizada no âmbito do projeto de investigação bem como a análise dos dados recolhidos.

Irei por começar por analisar as entrevistas realizadas aos alunos, passando de seguida à descrição e análise das atividades realizadas e finalizando com a análise da entrevista à professora cooperante. É importante referir que para todas as atividades tentei seguir o modelo por Campos (2017) anteriormente, no entanto, não foi possível realizar o antes e o depois da visita em todas as atividades, pelas razões que se explicitarão oportunamente.

2.1. Análise das entrevistas aos alunos

O primeiro momento foi a realização das entrevistas aos alunos, que tiveram como objetivo ouvir as crianças, envolvê-las no processo de criação das intervenções, tentando ir ao encontro dos seus interesses e curiosidades e conhecer as experiências de aprendizagem que cada uma tinha tido previamente.

Tal como referido anteriormente, as entrevistas foram realizadas em dois momentos, com diferentes alunos (grupo um e grupo dois). Ambos os grupos fizeram referências a experiências de aprendizagens que realizaram no espaço exterior à escola e à sua casa, quer tivessem acontecido no jardim, no museu ou na cidade. Estas aprendizagens por vezes estavam relacionadas com conteúdos curriculares, como por exemplo aprender a contar “Aprendi a contar até cem” (A.A.) ou mais relacionadas com valores e atitudes por exemplo aprender a reciclar “A reciclar (...) Vi o lixo no chão. Eu já limpei um jardim todo” (A.S.). Devido ao vasto número de exemplos que cada grupo apresentou, dividi os mesmos por várias dimensões sendo estas: experiências no jardim, experiências no museu, experiências na rua, experiências (cujo espaço ou não foi identificado ou não me fazia sentido estar inserido nas outras dimensões), valores e atitudes. Para além das dimensões relacionadas com as experiências foram ainda criadas a dimensão interesses, o que gostavam de aprender, o que podemos aprender com...

Relativamente às experiências no jardim, no grupo um identificaram experiências como aprender a contar até cem (A.A.), como tratar os animais, como andar a cavalo, “eu aprendi a abrir o portão da minha casa.” (E.), a bater palmas (N.). O grupo dois apresentou experiências lúdicas, tais como aprender a comandar um drone (S.O.), saltar à corda (M.P.), as tabuadas (L., S.O.) e a andar de overboard (M.P.).

Quanto às experiências no museu, os alunos não identificaram tantas situações e por vezes tiveram de ser incentivados a referir este espaço. No entanto, referiram que aprenderam a montar uma maquete de giz no Museu do Dafundo (A.P.), aprenderam que “os dinossauros

sobreviveram durante 1000 anos, em que a guerra, as aventuras no meio do mar, a guerra começou 1000 e de ossos de dinossauro e de relíquias muito antigas” (A.A.) e visitaram o museu do terramoto (S.S.). Enquanto as experiências no jardim foram todas realizadas num contexto familiar, as experiências no museu já aconteceram todas no contexto escolar.

Foram poucas as experiências na rua referidas pelas crianças, no entanto todas estas foram realizadas em contexto familiar. Os elementos do grupo um referem estas aprendizagens como aprender a atravessar a rua e a ler o semáforo (E.), o grupo dois afirma ter aprendido inglês (A.S.) e a desenhar (M.P. e L.).

Outras experiências que as crianças afirmam ter realizado em espaços exteriores foram aprender a jardinar (N.), a não ter medo de alturas (C. e I.), a nadar (A.A. e S.S.), a ordenhar uma vaca (S.S. a andar de bicicleta (N. e L. grupo um e dois respetivamente), perder o medo de andar de avião (E.), aprender a comandar um robô (L.), a fazer contas de dividir (M.P.), andar de skate (A.P.).

Por outro lado, ainda em contexto familiar, as crianças afirmam ter tido experiências que acabaram por lhes ensinar alguns valores e atitudes, referidas como não se afastar do adulto (S.S.), não ser egoísta/partilhar com o outro (S.S.), a andar sozinha na rua (E. e A.A.), a reciclar (A.S.), a ouvir o outro (J.M.). Apenas o N. referiu ter aprendido um valor em contexto escolar quando vivia na Suíça tendo contado como aprendeu a não ter mau perder.

Em conversa com os dois grupos consegui concluir que a maioria das experiências de aprendizagem que os alunos tiveram em espaços exteriores à escola, foram realizados em contexto familiar, com exceção das experiências no museu. Assim, a partir da informação fornecida pelos alunos sobre as suas experiências, constata-se que a escola proporcionou apenas visitas a museus e teatros, não considerando os jardins e a cidade em si como contextos de aprendizagem.

Relativamente aos interesses destes grupos, constata-se que estes passam por ir ao parque brincar, fazer desporto quando vão aos treinos, estar com os amigos, andar de bicicleta, jogar à bola, brincar com os cães,

jogar à rabia, desenhar, correr, fazer jogos, viajar e explorar, dançar, entre outros. Estes interesses são refletidos quando perguntado o que gostavam de aprender fora da escola e algumas das respostas passam por ir a um museu, a conhecer novas ruas, ir ao museu de arte, aprender a desenhar, português e matemática, fazer o jogo da cidade com a turma, fazer um piquenique com a turma, entre outros.

Com o primeiro grupo houve ainda tempo para falar um pouco sobre o que se poderia aprender a partir de algumas das ideias do que gostavam de fazer/aprender, de forma a tentar compreender se conseguiam identificar possíveis aprendizagens. Este momento da conversa partiu das ideias de atividade de sugeridas pelas crianças. A partir da sugestão de irmos fazer um piquenique, os alunos afirmaram ser possível aprender a dividir e a interagir com o outro. Relativamente às visitas aos museus, referiram ser possível aprender muita coisa, dando exemplos de aprendizagens relativas à segunda guerra mundial, a calcular os ângulos, à história de um país, sobre dinossauros e sobre artes (anexo C).

2.2. Apresentação das Intervenções

De forma a sistematizar as intervenções realizadas apresento o seguinte tabela (tabela 1), de forma a facilitar a compreensão da natureza e da ordem das atividades:

Tabela 1

Sistematização das Intervenções

Nome	Momento	Local	Meio de deslocação	Preço	Intervenções
Caça aos ovos da páscoa	Visita	Castelo de S. Jorge	A pé	Grátis	Pedy-paper
Jogo de Observação	Antes da visita	Sala de aula	-----	-----	A história do jardim
	Visita	Jardim do Cerco da Graça	A pé	Grátis	Jogo de observação Recolha de lixo
	Depois da Visita	Sala de aula	-----	-----	Cartaz

					Construções com lixo
Uma visita pela história de Portugal	Antes da Visita	Sala de aula	-----	----- -	Exploração da zona e da história do mosteiro
	Visita	Mosteiro S. Vicente de Fora	A pé	Grátis	Visita guiada: história + fábulas de La Fontaine
	Depois da Visita	Sala de aula	-----	-----	Cronologia

Caça aos Ovos no Castelo de S. Jorge

A primeira atividade realizada no âmbito do projeto de investigação foi um peddy-paper pelo castelo de S. Jorge. Esta atividade surgiu durante uma conversa com a professora cooperante. Nesta conversa estávamos a falar sobre as atividades que se iriam realizar na semana seguinte e as ideias que tínhamos para a prenda da Páscoa. Ao chegar ao tema da Páscoa, referi que gostava de fazer uma atividade com uma caça ao ovo em estilo peddy-paper, pela zona envolvente à escola, acabando num parque/jardim perto da instituição. A professora sugeriu fazer no Castelo de S. Jorge, uma vez que não se paga a entrada e fica perto da escola. A ideia de fazer um peddy-paper na zona envolvente surgiu a partir da ideia da E. de fazer o “jogo da cidade” (anexo B).

No dia seguinte, em conversa com as professoras e as colegas que estavam a estagiar na turma do 3.º ano, no intervalo, as professoras cooperantes sugeriram fazermos esta atividade com as duas turmas, tendo nós aceitado o desafio. Assim sendo, a planificação e a preparação desta atividade foi realizada em conjunto com as colegas, tendo como objetivo integrar todas as áreas curriculares, no entanto, a recolha dos dados foi focada na turma do 4.º ano.

Esta atividade, segundo o modelo apresentado por Campos (2017) referido anteriormente, contou apenas com o momento de observação e

recolha de dados (durante a atividade) uma vez que a zona ao redor do Castelo de S. Jorge já era bastante conhecida pelo grupo, pelo que não fazia sentido o momento do antes da visita (exploração sobre o local de visita). Por outro lado, não foi realizada a atividade depois da visita pois a atividade foi realizada numa quarta-feira (6 de Abril de 2022) e na semana a seguinte não iríamos ao local do estágio devido às férias da Páscoa, perdendo assim o sentido e o fio condutor da atividade.

Em termos de organização da atividade e de forma a facilitar a recolha de dados e a gestão dos grupos (uma vez que a atividade foi realizada no início do período de estágio e ainda não conhecíamos bem as crianças), ambas as turmas seriam divididas, previamente, em grupos de cerca de 7/8 crianças. Na turma do 4.º ano os grupos iriam ser organizados tendo em conta o que conhecíamos de cada criança e dos seus níveis de conhecimento, sendo que os alunos do 3.º ano, pertencentes à turma, seriam divididos, tal como os alunos do português língua não-materna. A cada equipa iria ser atribuída, de forma aleatória, uma cor e os seus elementos escolheriam um nome para o seu grupo, sendo ainda distribuídos cartões de identificação (anexo J) onde cada criança iria escrever o nome da equipa e o seu próprio nome.

No dia 6 de abril de forma a preparar os últimos pormenores da atividade, duas das estagiárias, que estiveram envolvidas na organização e planificação da atividade, iriam ao Castelo distribuir pelos pontos escolhidos as bandeiras com o símbolo do desafio/posto (anexo K) junto de caixas coloridos (com as cores das equipas, Figura 1). Cada caixa iria conter o desafio correspondente ao posto, um ovo da Páscoa para cada membro da equipa, e o enigma relativo ao posto para o qual deveriam dirigir-se a seguir (anexo L). Assim, a atividade foi dividida em 6 pontos principais distribuídos pelo Castelo de São Jorge (Figura 2).

Figura 1

*Bandeiras com as
caixas e ovos*



Figura 2

*Mapa Castelo S. Jorge com os postos
assinalados*



A atividade começaria, para todos os grupos, no ponto de partida (círculo verde), onde seria entregue a cada grupo um mapa do castelo com os postos assinalados (anexo M) e um enigma, para que as crianças descobrissem para que ponto se deviam deslocar a seguir.

Previamente, foi preparado para cada adulto um mapa com a ordem dos postos pela qual a sua equipa deveria passar. O adulto teria também a ordem dos enigmas e os desafios a serem realizados em cada posto (anexo M), uma vez que os visitantes poderiam mexer nas caixas. Desta forma, caso alguma coisa fosse retirada, o grupo poderia continuar a sua atividade sem constrangimentos.

Como referido anteriormente, cada ponto iria ser identificado com uma bandeira com um símbolo e cada símbolo faria correspondência com a área de conhecimento abordada maioritariamente nesse ponto. Os desafios e os seus respetivos objetivos serão descritos de seguida:

O desafio corresponde à área do Português () consistia na ordenação de frases de um texto (anexo N). Ou seja, quando os grupos passassem neste ponto seriam disponibilizadas frases de um texto

relacionado com o Castelo de São Jorge e, em conjunto, os alunos teriam de as ordenar. Este desafio tinha como objetivo “Mobilizar experiências e saberes no processo de construção de sentidos do texto” (AE Pt. 3.º e 4.º ano- p.8).

O segundo desafio () estaria relacionado com a área da Música, no qual iria ser proposto às crianças que, através de elementos que encontrassem no Castelo (por exemplo: pedras, folhas, paus, bancos, etc.), explorassem os sons. Tendo como objetivo “Explorar fontes sonoras diversas (corpo, objetos do quotidiano, instrumentos musicais) de forma a conhecê-las como potencial musical” (AE Mús. – p. 7).

Para o desafio relacionado com a área do Estudo do Meio () foram selecionadas duas atividades diferentes: uma para o 3.º ano e outra para 4.º ano de escolaridade. Assim, para o 3.º ano e tendo como objetivo “Fazer inferências, reconhecendo como se constrói o conhecimento” (AE EM 3.ºano- p.9), a atividade consistia no registo, por escrito, em duas listas, dos elementos naturais e dos elementos que tiveram intervenção do Homem que os alunos observassem à sua volta. Para o 4.º ano, a atividade consistia na realização de correspondências entre as bandeiras e os países da Europa que lhes correspondem. Nesta atividade seria disponibilizado a cada grupo um mapa da Europa em A4 e as bandeiras (anexo O) que as crianças deveriam colar no mapa. Este desafio tinha como objetivo “Conhecer os Estados membros da União europeia e países europeus, localizando-os no mapa da Europa” (AE EM 4.ºano-p.6).

“Experimentar possibilidades expressivas dos materiais (graffiti) e das diferentes técnicas, adequando o seu uso a diferentes contextos e situações” (AE AV- p.8) era o objetivo do desafio corresponde à área de Artes Visuais (). Neste ponto seria solicitado que as crianças recolhessem elementos da natureza, como folhas ou flores que se encontrassem no chão e que decalcassem as suas texturas numa folha branca, que iria ser disponibilizada pelas estagiárias aquando da realização da atividade.

O quinto desafio aqui descrito corresponde à área de Teatro () em que os alunos deveriam representar uma função imaginária de um

determinado objeto. Para esta atividade as crianças teriam de, primeiramente, tentar encontrar um objeto ou elemento natural que se encontrasse à sua volta, caso não fosse possível, os adultos tinham consigo um objeto para disponibilizar para a realização desta atividade. “Explorar as possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades e com diferentes objetos” (AE ED, p.7) foi o objetivo selecionado para este desafio.

O último desafio que iria ser proposto correspondia à área da Matemática (❤️). Este desafio consistia na procura e no registo fotográfico de elementos que se assemelhem a figuras geométricas. Este desafio contemplou objetivos diferentes para cada ano de escolaridade, sendo que o 3.º ano tinha como objetivo “Descrever características dos sólidos e distingui-los” (AE Mt. 3.º ano – p.42) e o 4.º ano “Identificar figuras planas e sólidos geométricos no espaço em seu redor” (AE Mt. 4.ºano- p.9).

Para além dos objetivos específicos de cada desafio, foram ainda selecionados os seguintes objetivos relacionados com a atividade como um todo (Tabela 2)

Tabela 2

Objetivos atividade Caça aos Ovos no Castelo de S. Jorge

Objetivos	
Aprendizagens Essenciais (DGE, 2017)	Reconhecer e valorizar o património cultural (AE EM 4.ºano- p.9); Colaborar com a sua equipa interpretando sinais informativos simples (no percurso e no mapa), para que esta, acompanhada pelo professor, cumpra um percurso, combinando as habilidades aprendidas anteriormente, mantendo a perceção da direção do ponto de partida e outros pontos de referência (AE Ed. F. Anexo1 3.º e 4.ºano- p.15);
Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória (Martins et al., 2017):	Respeitar-se a si mesmo e aos outros; consciente da obrigação de responder pelas próprias ações; ponderar as ações próprias e alheias em função do bem comum (p.17); Querer aprender mais (p.17); Dominar capacidades nucleares de compreensão escrita e visual (p. 21);

	Desenvolver processos conducentes à construção de produtos e de conhecimentos, usando recursos diversificados (p. 23); Adequar comportamentos em contextos de cooperação, partilha, colaboração e competição (p.25); Trabalhar em equipa e usar diferentes meios para comunicar presencialmente e em rede (p.25).; Estabelecer relações entre conhecimentos, emoções e comportamentos (p. 26).
--	--

Como referido anteriormente, devido ao facto de nas duas semanas a seguir não ir ao local da investigação, não me fez sentido fazer uma atividade depois da visita. No entanto, a ideia inicial era partir dos desafios e fazer atividades relacionadas com os mesmos. Um exemplo diz respeito ao desafio da matemática, para o qual se poderia, posteriormente, na sala de aula, imprimir as fotografias tiradas pelas crianças, dar aos alunos para que recortassem as figuras geométricas e realizar diferentes montagens numa folha, na tentativa de fazer um desenho com figuras geométricas, explorando as mesmas e as suas características.

Descrição da atividade e análise dos dados

A atividade decorreu dia 6 de abril de 2022 e como já foi referido a turma foi dividida em três grupos, dois de oito alunos e um de sete. Como cada adulto ficou com um grupo, não foi possível preencher a grelha de observação (anexo P) de igual forma para os três grupos, no entanto, a professora cooperante e a minha colega de estágio forneceram-me informações que me permitiram preencher a grelha. Assim, irei começar por fazer uma análise dos dados fornecidos e de seguida farei uma pequena descrição da atividade e análise dos dados que recolhi com o grupo que acompanhei.

O grupo verde foi acompanhado pela professora cooperante. Segundo esta, durante o decorrer da atividade, os alunos mostraram-se entusiasmados, no entanto, não mostravam iniciativa para fazer os desafios

e só queriam procurar os ovos. Mas com um pouco de incentivo da professora participaram em todos os postos. Na relação com o outro, a professora cooperante referiu que apesar de se terem exaltado uns com os outros por não conseguirem ver devido ao facto de terem uma cabeça à sua frente, entreajudaram-se durante os desafios. Um exemplo que demonstra a entreajuda, dado pela professora, foi no desafio do estudo do meio (posto-triângulo cor de laranja), no qual apenas dois elementos desceram as escadas e levaram a caixa com os desafios para perto dos colegas que não queriam ou não conseguiam descer as escadas.

A docente referiu que por duas vezes os alunos fizeram um comentário que mostravam uma articulação entre o que estava a acontecer e o saber/experiências anteriores, sendo estas o “Já mexi em mapas” dito pelo S.S., tendo o S.Z. afirmado “Conheço as bandeiras todas”.

Nota de campo n.º1 – 6 de abril de 2022

No final da atividade, ao conversar com a professora cooperante e ao preencher a grelha, esta referiu que os símbolos no mapa confundiram as crianças dificultando a leitura do mesmo, no entanto, o seu foi o único grupo que sentiu esta dificuldade.

A minha colega de estágio, acompanhou a equipa vermelha ao longo da atividade a equipa esteve bastante envolvida querendo sempre participar e queriam fazer mais. No entanto o D., o S.D., e a J.M. tiveram de ser chamados à atenção de forma a focarem-se no que estava a acontecer. Apesar disso participaram nas atividades que queriam, leram e fizeram os desafios juntos do grupo. O N. fez um comentário relativo às visitas anteriores ao castelo afirmando que já tinham visitado este lugar, no entanto os alunos nunca tinham subido às muralhas e só tinham andado pela parte da frente do castelo. Ao chegarem à parte de cima das muralhas e ao olharem para a vista identificaram várias zonas de Lisboa que conheciam, sendo que algumas eram locais onde viviam. Na relação com o outro, a minha colega afirmou que no início da atividade as crianças queriam fazer tudo sozinhas, mas após reforçar que deviam trabalhar em equipa, começaram a cooperar e colaborar entre si trabalhando em grupo até ao fim

da atividade. No fim da conversa sobre a atividade a outra estagiária referiu que o A.A. disse uma frase que a comoveu devido á simplicidade e á inocência com que foi dita: “Esta vista é a coisa mais linda que vou guardar na minha memória”. Este comentário demonstrou a atenção com que o A.A. estava a prestar ao que se passava ao seu redor.

O grupo azul ficou comigo e fez o percurso presente no anexo M “mapa para o professor grupo”. Ao chegarmos ao ponto de partida o meu grupo fez uma roda para falarmos sobre o que ia acontecer, quais eram as regras e dar-lhes o primeiro enigma (Figura 3). Enquanto os alunos, em grupo, tentavam descobrir qual era o local para onde teriam de ir a professora S., professora do ensino especial, juntou-se a nós. Após a equipa decifrar para onde tinha de ir foi altura de ler o mapa e descobrir qual o ponto para que tinham de ir. No entanto ao início tiveram alguma dificuldade em ler o mapa, foi neste momento que pediram ajuda e eu apoiei fazendo questões como “onde é que estamos?” e “onde fica o ponto de partida?”. Após algum apoio conseguiram compreender de que forma deviam ler o mapa, a partir daí não foi mais necessário ajudar.

Figura 3

A decifrar o 1.º enigma



Ao chegarem ao primeiro posto, os alunos deparam-se como o desafio da expressão dramática. O grupo trabalhou em conjunto e conseguiu compreender o que era para fazer. Todos os alunos estavam entusiasmados e queriam realizar o desafio e só precisaram do apoio do

adulto para se organizarem, uma vez que não estavam a conseguir decidir-se quem seria o primeiro a participar. Até este momento o grupo esteve sempre a trabalhar em equipa e colaborar entre si, no entanto a caminho do desafio da música começou a existir uma situação, referida no anexo M, onde o M.R. ficou frustrado pelo grupo não esperar por ele. Neste momento a professora S. chamou o grupo para esperarem pelo M.R., no entanto, nem todos os elementos colaboraram.

Ao chegar ao local o R. e o A.P. descobriram e leram o desafio. Neste momento o M.R. ficou chateado, mas participou no mesmo. Após o desafio estar completo o S.O. leu o enigma deixando o M.R. frustrado e este afastou-se do grupo. Os colegas, ao aproximarem-se do M.R. para perceber o que estava a acontecer, o aluno afirmou que não queria fazer mais a atividade (anexo M). Neste momento, quando as crianças tentavam resolver a situação, a professora S. interveio, não dando nem espaço ao M.R. de sentir a frustração nem ao grupo de resolver o conflito. Neste momento a professora, devido ao receio de não haver tempo para acabar a atividade, incentivou que o M.R. aceitasse as desculpas dos colegas mesmo não estando preparado para isso. Após a criança se acalmar o grupo integrou-o na atividade e a partir deste momento o grupo trabalhou sempre em equipa não deixando ninguém para trás e permitindo que todos os elementos participassem e fizessem um pouco de tudo.

Ao chegar ao cimo das muralhas, o grupo parou para ver a vista, nesse momento a M.M. chegou perto de mim e apontou para uns prédios referindo que vivia naquele local, após esse comentário o R. referiu que não era só ela que vivia ali. Nesse momento a M.M. rapidamente acrescentou que era ela, o R., o N. e mais alguém que não se lembrava naquele momento.

Nota de campo n.º2 – 6 de abril de 2022

De seguida foram para o local onde se iria realizar o desafio de estudo do meio. Aqui a M.M. iria fazer o desafio do 3.º ano enquanto os restantes elementos realizavam o do 4.º ano.

Quando a M.M. soube que existia um desafio destinado para o 3.º ano a aluna colocou um grande sorriso na cara. De seguida, foi pedir à professora S. para ficar ao lado dela enquanto fazia o desafio.

Nota de campo n.º3 – 6 de abril de 2022

Neste momento todos queriam participar e contar as suas experiências em alguns países.

E. afirmou “eu já fui nesse país, na primeira vez que vim para aqui, foi o meu primeiro voo entre continentes”. Já o M.R. que adora história e geografia comentou “Eu sei quase todas as bandeiras, tenho um jogo de países, eu gosto muito disto”.

Nota de campo n.º4 – 6 de abril de 2022

No final da tarde, depois da aula de teatro, estive cerca de 5/10 min a conversar com os alunos sobre a atividade, optando por lhes dar um papel e solicitar que escrevessem o que mais gostaram da atividade e o que menos gostaram (Anexo Q). Nesse momento, a maioria das crianças gostaram da atividade no geral, de encontrar os ovos, dos desafios. Por outro lado, houve duas crianças que não gostaram dos enigmas por serem difíceis e os restantes não gostaram de subir e descer as escadas até ao posto do estudo do meio (triângulo laranja). O J.S. e o D. não queriam escrever, por esse motivo a professora M. sugeriu que fizessem uma cara que mostrasse se gostaram da atividade ou não, ambos colocaram uma cara sorridente.

Com esta atividade foi possível conhecer melhor a turma e as suas dinâmicas, percebendo que na maioria do tempo trabalham bem em equipa e tem uma relação com o outro de respeito e preocupação. Foi possível também observar que estiveram envolvidos e motivados querendo fazer mais, pois no final da atividade elementos do grupo azul e do vermelho comentaram que queriam ficar no castelo e fazer mais desafios e enigmas.

Considerando os tipos de uso da cidade apresentados por Gomes (2013, 2014) podemos considerar que esta atividade se integra no tipo cidade recurso ou uso instrumental uma vez que a atividade pretendia consolidar algumas das aprendizagens realizadas em sala. No entanto, pode

ser integrada na cidade potenciadora uma vez que a atividade pretendia permitir que os alunos vivenciassem uma nova experiência, esta intervenção deu espaço para que cada criança desenvolvesse competências para além das que são trabalhadas na sala de aula.

Jogo de Observação no Jardim do Cerco da Graça

O segundo conjunto de atividades teve como nome “Jogo de Observação no Jardim do Cerco da Graça”, estas surgiram da vontade de fazer uma atividade no jardim. Antes de passar à apresentação da atividade é relevante referir que cada aluno construiu o seu caderno das visitas, um recurso que seria utilizado na ida ao Jardim. Estes cadernos foram construídos na semana anterior à visita e tinham como propósito apoiar os alunos no decorrer das visitas (Figura 4).

Figura 4

Exemplo caderno visitas



Este conjunto de atividades foi planificado (anexo R) e dividido em três momentos: o antes, o durante e o depois da visita. O antes da visita consistia numa pequena conversa sobre as experiências dos alunos naquele jardim e sobre a história do mesmo e foi realizado na sala de aula.

Já no jardim foi realizado o segundo momento: este foi dividido em três partes, o primeiro consistia na exploração e brincadeira no jardim, pois algumas crianças poderiam não conhecer este espaço, dando-lhes assim

oportunidade de explorar e conhecer o mesmo. De seguida, a turma seria dividida em três grupos heterogêneos (previamente definidos), de acordo com os conhecimentos prévios e seria proposta a realização de um jogo de observação fazendo a observação do jardim e registando no caderno das visitas tudo o que achassem relevante. Por fim, o terceiro momento, que consistia num jogo de observação com o olhar guiado, no qual seria atribuído a cada grupo um tipo de vestígio (da natureza, histórico ou humano) e seria solicitado que ao encontrarem este tipo de registo fizessem um registo fotográfico e escrito do mesmo, escrevendo o que viram no caderno. Ao logo dos últimos dois momentos seria ainda solicitado que as crianças, com as luvas e sacos disponibilizados, apanhassem o lixo que encontrassem. Desta forma, foi possível promover a aprendizagem de valores como o respeito pela natureza e atitudes como não deitar o lixo para o chão e reciclar. Este momento foi pensado de forma a promover o cuidado, a reciclagem e a limpeza dos espaços comuns.

De volta à sala de aula seria realizado o momento “depois da visita”, que foi dividido em duas atividades. A primeira constituía a construção de um cartaz sobre os diferentes tipos de vestígios e sobre aqueles que foram encontrados durante a visita. Para esta atividade seriam disponibilizadas as fotografias, impressas, tiradas pelas crianças no jardim (anexo S). A outra atividade, que seria realizada caso encontrassem lixo durante a visita, visava a construção de esculturas com materiais reciclados que foram recolhidos e levados pelas estagiárias.

Após a realização de todas as atividades seria solicitado às crianças que, individualmente, preenchessem uma tabela em que iriam referir o que mais gostaram, o que menos gostaram, o que gostariam de ter feito/fazer, o que aprenderam e com que dúvidas ficaram.

Estas atividades contemplaram diversos objetivos retirados das Aprendizagens Essenciais das áreas do Estudo do Meio, do Português e das Artes Visuais, mas também do “Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória” (Martins et al., 2017) , bem como do Referencial de Educação

Ambiental para a Sustentabilidade (Câmara et al., 2018). Assim, o conjunto de atividades tinha como objetivos:

Tabela 3

Objetivos atividade Jardim do Cerco da Graça

Objetivos	
Aprendizagens Essenciais (DGE, 2017)	Reconhecer vestígios do passado local: construções (AE E.M. 3.ºano – p.5); Reconhecer e valorizar o património natural e cultural local- identificando na paisagem elementos naturais (sítios geológicos, espaços da Rede Natura, etc.) e vestígios materiais do passado (edifícios, pontes, moinhos e estátuas, etc.), símbolos e efemérides (AE E.M. 4.ºano – p.10) Fazer inferências, reconhecendo como se constrói o conhecimento (AE E.M. 3.ºano- p.9); Observar os diferentes universos visuais escultura, desenho, fotografia, instalação, utilizando um vocabulário específico e adequado (AE AV – p.7); Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão (escultura; fotografia, entre outras) nas suas experimentações: físicas e/ou digitais (AE AV – p.8); Planear, produzir e avaliar discursos orais breves, com vocabulário variado e frases complexas, individualmente ou em grupo (AE Pt 4.º ano – p.6); Participar com empenho em atividades de expressão oral orientada, respeitando regras e papéis específicos (AE Pt 4.º ano – p.6); Gerir adequadamente a tomada de vez na comunicação oral, com respeito pelos princípios da cooperação e da cortesia (AE Pt 3.º ano – p.6);
Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória (Martins et al., 2017):	Reconhecer vestígios do passado local: construções (AE E.M. 3.ºano – p.5); Reconhecer e valorizar o património natural e cultural local- identificando na paisagem elementos naturais (sítios geológicos, espaços da Rede Natura, etc.) e vestígios materiais do passado (edifícios, pontes, moinhos e estátuas, etc.), símbolos e efemérides (AE E.M. 4.ºano – p.10) Fazer inferências, reconhecendo como se constrói o conhecimento (AE E.M. 3.ºano- p.9); Observar os diferentes universos visuais escultura, desenho, fotografia, instalação, utilizando um vocabulário específico e adequado (AE AV – p.7); Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão (escultura; fotografia, entre outras) nas suas experimentações: físicas e/ou digitais (AE AV – p.8); Planear, produzir e avaliar discursos orais breves, com vocabulário variado e frases complexas, individualmente ou em grupo (AE Pt 4.º ano – p.6); Participar com empenho em atividades de expressão oral orientada, respeitando regras e papéis específicos (AE Pt 4.º ano – p.6); Gerir adequadamente a tomada de vez na comunicação oral, com respeito pelos princípios da cooperação e da cortesia (AE Pt 3.º ano – p.6);
Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade (Câmara et al., 2018):	Compreender o impacto das atividades e atitudes humanos num contexto de recursos naturais (p.16); Associar elementos da paisagem à identidade local (património natural e património construído) (p.17).

Descrição da atividade e análise dos dados

Este conjunto de atividades começou com uma conversa, no dia 2 de maio de 2022, sobre a localização do jardim e a sua história. Foram várias as crianças que fizeram partilhas sobre as suas experiências no jardim, seja por viverem perto do mesmo e irem brincar para o parque com regularidade, ou pelos pais gostarem deste local e por vezes o frequentarem.

Estava previsto fazer a visita ao jardim no dia 2 de maio, no entanto, devido às condições atmosféricas, só foi possível ir no dia 4 de maio. Mais uma vez voltamos a ter o apoio da professora S. no decorrer da visita. Durante o caminho até ao jardim os alunos estiveram sempre com o seu par, tendo em atenção o resto da turma e a conversar com os amigos. Ao chegarmos ao jardim os alunos que estavam no fim da fila, e que acompanhei durante o percurso, comentaram (anexo T) algumas das suas experiências neste local, como por exemplo o N. que referiu o facto de ir muitas vezes para o Jardim do Cerco da Graça com o A.P. jogar à bola, pois vivem os dois naquela zona de Lisboa.

Ao chegarem ao jardim, os alunos tiveram a possibilidade de o explorar durante 10 min. Após as crianças brincarem, foram chamadas para fazer a atividade. Infelizmente, devido ao pouco tempo que tínhamos, não foi possível fazer o segundo momento planificado, que consistia na observação do jardim e dos elementos que os alunos consideravam mais importantes. Assim, as crianças foram divididas em três grupos, aos quais foram distribuídas luvas descartáveis, sacos do lixo, os seus lápis e cadernos de visitas e, por fim, foi atribuído um tipo de vestígios. O grupo dos vestígios históricos ficou com a professora cooperante, o grupo dos vestígios humanos tinha o apoio da colega de estágio e o grupo dos vestígios naturais realizou a atividade comigo, enquanto isso a professora S. ficou, por sua escolha, encarregada de tirar fotografias aos meninos e à atividade. Antes do início da atividade houve uma conversa com a turma sobre o que achavam que eram vestígios e os tipos de vestígios que poderiam existir. Nesta conversa foi pedido que os alunos registassem os

vestígios que encontravam no seu caderno, sendo que se pode encontrar um levantamento destes registos no anexo V.

À semelhança da atividade realizada no Castelo de S. Jorge, cada adulto ficou com um grupo de alunos e após a atividade tanto a professora cooperante como a minha colega de estágio apoiaram-me no preenchimento da grelha de observação do seu grupo, por esse motivo irei realizar a análise dos dados por grupo, sendo que aquele que acompanhei será o último.

Segundo a professora cooperante, os alunos do grupo dos vestígios estavam todos motivados e ativos, entreajudaram-se, partilharam o saco do lixo e relacionaram-se sem discussões. A professora referiu um episódio que ocorreu durante a atividade, no qual os alunos encontraram seringas no parque e foram perguntar à docente se as podiam apanhar, ao que esta disse que não. Após a resposta, um dos elementos fez referência ao facto de existir venda e consumo de droga naquele parque. Esta atitude demonstra que as crianças sabiam o que se passava naquele parque durante o dia/noite e mobilizaram esse conhecimento ao questionarem se podiam pegar nas seringas, devido à possibilidade de estas transmitirem doenças.

Segundo a minha colega de estágio, no início da atividade os elementos do grupo dos vestígios humanos estiveram bastante focados na recolha do lixo, enquanto a E. estava empenhada em procurar os vestígios e em fotografar os mesmos. Após a minha colega pedir que o grupo ajudasse a E. , algumas crianças foram apoiá-la, sendo que cerca de metade do grupo ficou mais motivada para procurar vestígios, enquanto a outra metade estava mais motivada para recolher o lixo, trabalhando sempre em equipa. Durante toda a atividade o grupo não relacionou saberes nem experiências passadas, no entanto, de forma natural, assumiram que os vestígios históricos eram humanos, sem compreenderem que um vestígio poderia estar incluído nos dois grupos.

Quanto ao grupo dos vestígios naturais, os alunos estiveram entusiasmados durante toda a atividade para recolher o lixo, vindo sempre mostrar-me o que encontravam.

Por vezes, o U. para além de me mostrar o que encontrava perguntava o que era, pois não sabia o nome em português. A M.A. e a I., em especial, vinham questionar se o que encontravam era um vestígio natural ou humano, como por exemplo uma pedra e azulejo “Isto é um bocado de azulejo, Marta. isto é vestígio humano, não é?” - M.A. – apontou para um bocado de azulejo que o U. pegou.

Nota de campo n.º5 – 4 de maio de 2022

No que diz respeito à relação com o outro, ao longo da atividade, o S.S. não quis partilhar o saco com os colegas e por vezes não existia trabalho de entreajuda quando as crianças necessitavam. Assim o M.I. fez referência ao peddy-paper realizado no castelo e como na altura tinha sido necessário trabalhar em equipa (Figura 5), tal como era preciso agora dizendo “estramos juntos como no castelo”, após o comentário foi ajudar o U. a participar e explicou-lhe, por iniciativa própria, a atividade em hindi. Quando a atividade estava a acabar a I. repara no convento e pergunta se é a “Igreja” fazendo referência ao que tínhamos falado no dia anterior.

Figura 5

Grupo dos vestígios naturais



Ao chamar a turma para finalizar a atividade, esta começa a protestar pois não queria ir embora pois desejava continuar a procurar vestígios e a

recolher o lixo. Na volta para a escola, foi lançado o desafio de no caminho olharem ao seu redor e procurar vestígios humanos, naturais e históricos para tirarmos uma fotografia. Vários alunos fizeram a referência a vestígios pedindo para eu fotografar, no entanto a E. foi quem esteve mais empenhada. Enquanto no jardim foram as crianças a tirar as fotografias com o telemóvel emprestado na volta à instituição quem fotografou fui eu, devido ao curto tempo que tínhamos para regressar.

No dia 9 de maio, na sala de aula, havendo no final do dia 20 minutos disponíveis, cada grupo reuniu-se à volta de uma mesa e juntos escreveram qual o tipo de vestígio que tinham andado à procura no jardim. Neste momento os alunos depararam-se com alguma dificuldade em formular uma definição que não fosse baseada em exemplos, mas com ajuda e trabalho em equipa conseguiram escrever a mesma. Durante este processo, o grupo dos vestígios históricos descobriu que estes vestígios podiam ser tanto humanos como naturais.

No dia a seguir, 10 de maio, na sala de aula, foram criados três locais de trabalho, um em que o grupo dos vestígios humanos estava a realizar um trabalho para o projeto de investigação da minha colega de estágio, outro onde o grupo dos vestígios históricos esteve a fazer construções com materiais reutilizáveis e por fim o último grupo esteve a construir a secção do cartaz (Figura 6) sobre o seu tipo de vestígios utilizando as fotografias utilizadas na visita (anexo S). Após concluídas as atividades os grupos rodaram de modo que todos os alunos pudessem passar por todas as atividades, este processo decorreu durante o dia 10 e o dia 16 de maio.

Figura 6

A construírem o cartaz



Quando o cartaz e as construções ficaram concluídos, os alunos foram à frente da sala apresentar o que tinham e mostrar aos colegas (Figura 7). Com estas apresentações foi possível concluir que os alunos compreenderam o tipo de vestígio com que trabalharam, no entanto, não sabiam como fazer uma apresentação, pois liam e estavam sempre de costas para os colegas. Quando eu e a minha colega de estágio percebemos esta fragilidade decidimos que iríamos trabalhar esta questão mais à frente no estágio, no entanto não estaria relacionado com o projeto de investigação.

Figura 7

A apresentar



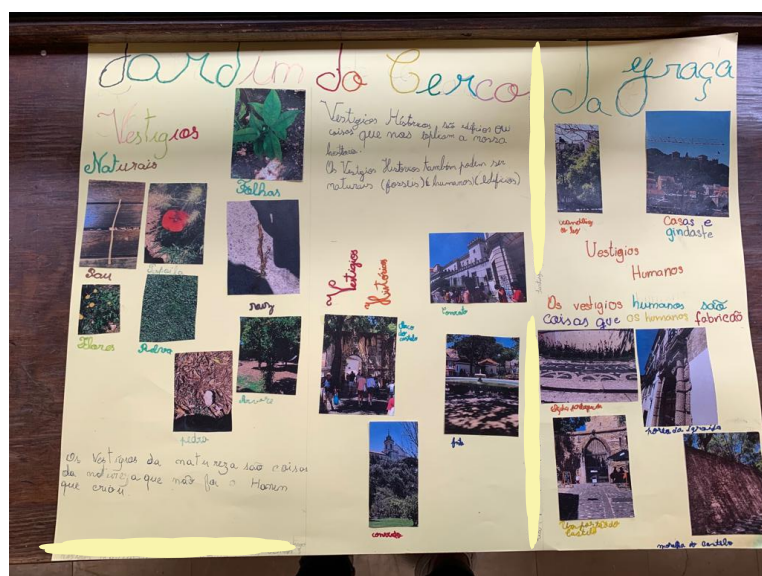
De forma a concluir a atividade, os alunos preencheram a grelha referida anteriormente. Segundo as crianças (anexo U), algumas das atividades que mais gostaram de fazer foram: brincar, recolher o lixo, fazer construções, procurar e saber mais sobre os tipos de vestígios e ir para o jardim. Algumas das atividades que gostaram menos de fazer foram: escrever, não poderem andar livremente no parque e andar até à escola. Os alunos queriam ter brincado mais tempo e ter feito a reciclagem do lixo apanhado. Aprenderam o que são os vestígios e os diferentes tipos, a escrever e que é preciso cuidar do planeta. Quanto à coluna “fiquei com dúvidas...” a maioria dos alunos referiu que não tinha dúvidas, no entanto as interrogações que ficaram foram essencialmente sobre o que são e como se escrevem vestígios e sobre vestígios humanos.

Quando me entregaram a folha de respostas, consegui perceber que ainda existiam algumas dúvidas sobre qual é o significado de vestígios e o que eram vestígios humanos, levando a que criasse um momento de conversa, mostrando mais exemplos e solicitando que algumas dessas crianças identificassem o tipo de vestígio. Aproveitei este momento para realizar um balanço global com o grupo sobre o trabalho realizado. Os alunos referiram que nem sempre a realização das tarefas correu bem, depois da visita, pois não colaboraram nem se apoiaram uns aos outros. Durante a conversa uma aluna referiu o facto do seu grupo ter encontrado uma seringa e que perguntaram à professora se poderiam apanhar, uma vez que sabiam que era perigoso pegar na mesma e que esta podia transmitir doenças.

Ao observar o cartaz (Figura 8), construído com a minha orientação, com a minha supervisora de estágio, observámos a existência de vários erros ortográficos. Por este motivo, foi planificada uma atividade extra (anexo W) que pretendia fazer a correção do cartaz. Esta atividade estava prevista ser realizada na semana de 28 de maio, no entanto eu fiquei em isolamento por ter ficado com Covid e acabou por se realizar no dia 14 de junho.

Figura 8

O cartaz



Para esta atividade realizei inicialmente, em casa, o levantamento das palavras escritas com erros e das palavras escritas sem erros. Ao chegar à instituição, enquanto os alunos escreviam a data, coloquei o cartaz no quadro e ao seu redor escrevi as palavras selecionadas. Após estar tudo preparado organizei os alunos em pares heterogêneos, de acordo com os seus níveis de aprendizagem relativamente ao nível do domínio da língua portuguesa, e realizei uma conversa com a turma sobre o que eram os vestígios, de forma a rever e perceber se ainda sabiam o que eram. Com a conversa consegui perceber que sabiam não só exemplos para cada tipo de vestígios como tinham interiorizadas as definições que criaram para os mesmos.

No final da conversa, passei para a explicação da atividade. Esta consistia numa caça ao erro onde tinham que olhar para as palavras que estavam escritas no quadro encontrar o erro e corrigir. No final, seriam corrigidas no quadro e seriam explicadas as regras ortográficas quando necessário, sendo o trabalho sistematizado com a escrita das palavras

corretas no caderno, fazendo de seguida a ilustração das mesmas, e finalizando com a construção de um texto utilizando estas palavras. Infelizmente só houve tempo para fazer a correção (Figura 9).

Figura 9

Caça aos erros



Esta atividade correu bastante bem, pois os alunos estavam bastante empenhados e decididos a encontrar todos os erros, trabalharam sempre em colaboração com o par, ajudando-o a perceber os erros nas palavras, quando necessário. Houve um par que conseguiu identificar e corrigir todos os erros existentes, mas na sua maioria não conseguiram. Contudo, todos os alunos que foram ao quadro corrigir os erros fizeram-no com sucesso e sem ajuda.

As atividades desenvolvidas no Jardim do Cerco da Graça incorporam-se em três das categorias apresentadas Gomes (2013, 2014) relativamente ao uso da cidade. O momento do jogo de observação está inserido no uso de forma potenciadora da cidade pois pretende que o grupo vivencie uma experiência. Já o momento da recolha do lixo insere-se no uso socializador da cidade uma vez que tem como objetivo promover a aprendizagem de valores e comportamentos considerados adequados. Por sua vez, a intervenção está também enquadrada no uso instrumental da

cidade (Gomes, 2013, 2014), uma vez que o jardim é utilizado com o objetivo de aprofundar e consolidar algumas aprendizagens realizadas na sala de aula.

Uma visita pela história de Portugal no Mosteiro de S. Vicente de Fora

O conjunto de atividades relativas ao Mosteiro de S. Vicente de Fora, incluindo os momentos antes e os depois, foram planeadas tendo por base a programação que a professora C. (professora do 2.º ano) tinha realizado para a visita ao local. Esta visita surgiu por iniciativa desta professora com o objetivo inicial de trabalhar a história de Portugal com os alunos do 4.º ano, enquanto a professora cooperante trabalhava as fábulas com os alunos do 2.º ano.

À semelhança da atividade anterior, foram planificadas atividades para os três momentos da visita referidos por Campos (2017). Para a atividade antes da visita foi planificada uma pequena conversa sobre o Mosteiro de S. Vicente de Fora, as experiências prévias dos alunos, o que sabiam sobre o monumento, incluindo a sua localização e a sua história.

A visita ao museu seria dividida em três momentos. O primeiro momento consistia na visita guiada ao museu, pela professora C., onde seria realizada a ligação entre a história de Portugal e os elementos presentes no Mosteiro. Após este momento, os alunos seriam guiados para a exposição sobre as fábulas de La Fontaine e seria desenvolvida uma conversa sobre as fábulas e os mosaicos, fazendo uma sistematização sobre o que são fábulas e as suas características. Para finalizar a visita, seria pedido que os alunos desenhassem a fachada do Mosteiro.

O depois da visita consistia na construção de um friso cronológico, em grande grupo, relacionado com os eventos históricos falados durante a visita. Depois do friso construído, os alunos deveriam passá-lo para o seu caderno escrevendo os factos mais importantes

sobre cada evento, quando pertinente, e fazendo um desenho sobre o um ou mais eventos que considerassem ser os mais importantes.

No final de todas as atividades terem sido realizadas, seria solicitado que, individualmente, os alunos preenchessem uma tabela relativamente a todas as atividades, que tinha como objetivo perceber: o que mais gostaram, o que menos gostaram, o que gostariam de ter feito, o que aprenderam, e ainda sobre eventuais dúvidas.

Para este conjunto de atividades foram selecionados diversos objetivos:

Tabela 4

Objetivos atividade Mosteiro de S. Vicente de Fora

Objetivos	
Aprendizagens Essenciais (DGE, 2017)	Relacionar datas e factos importantes para a compreensão da história local (AE EM 3º ano – p.5); Reconhecer e valorizar o património cultural local (AE EM 4º ano – p.9); Construir um friso cronológico com os factos e as datas relevantes da História de Portugal, destacando a formação de Portugal, a época da expansão marítima, o período filipino e a Restauração, a implantação da República e o 25 de Abril (AE EM 4º ano – p.6); Conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal, com recurso a fontes documentais (AE EM 4º ano – p.6); Relacionar a Revolução do 25 de Abril de 1974 com a obtenção de liberdades e direitos (AE EM 4º ano – p.6); Falar com clareza e articular de modo adequado as palavras (AE Pt. 3º ano – p.6); Usar a palavra para exprimir opiniões e partilhar ideias de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados (AE Pt. 4º ano - p.6); Ouvir ler obras literárias e textos da tradição popular (AE Pt. 3ºano – p.9); Manifestar ideias, sentimentos e pontos de vista suscitados por histórias ouvidas (AE Pt. 4ºano – p.9).

Descrição da atividade e análise dos dados

A atividade antes da visita foi realizada no dia 14 de junho de 2022, dia em que explorámos a história do mosteiro e a sua localização, com recurso ao mapa do google. Ao descobrirem onde ficava o mosteiro, várias crianças referiram saber onde é que se localizava, dizendo que passavam pelo local todos os dias para ir para a escola, uma vez que moravam ali perto. Ou, simplesmente, contaram episódios da sua vida que ocorreram naquele sítio.

“Já sei onde fica, eu passo todos os dias aí à frente. Até houve uma vez que fui com o meu pai para a frente do mosteiro e estive a aprender a jogar à apanhada.” – S.O.

Nota de campo n.º 6 – 14 de junho de 2022

É importante realçar que estas atividades eram para ter sido realizadas na semana de 23 de maio, mas a professora C. estava com covid e por esse motivo a visita foi adiada para o dia 17 de junho. Ao chegarmos ao Mosteiro de S. Vicente, as crianças sentaram-se nas escadas à frente do mosteiro e lancharam. De seguida a professora C. começou a visita com uma conversa sobre a história do Mosteiro e sobre os símbolos que estavam representados na sua fachada, bem como os santos presentes. Durante esta conversa, como se pode observar na tabela do anexo Y, as crianças estavam todas a prestar atenção com exceção dos alunos não cristãos. Deste grupo apenas o M.I. estava com atenção fazendo perguntas de forma a tentar compreender um pouco mais sobre a religião cristã.

Após a conversa, os alunos dirigiram-se para dentro do mosteiro onde começaram por ouvir a explicação do que é uma cisterna e verem a mesma. Ao verem a cisterna, os alunos perguntaram o que era e para o que servia, demonstrando não terem estado com atenção, uma vez que tinha sido explicado pela professora C. minutos antes.

A seguir dirigiram-se até ao claustro (Figura 10) onde a professora começou a contar a história de Portugal fazendo algumas perguntas aos alunos do 2.º ano que já sabiam essa parte da história.

Figura 10

No claustro



Neste momento, algumas crianças estavam atentas interagindo com a professora C. quando esta fazia perguntas, no entanto, na sua maioria estavam a falar com os colegas, a olhar ao seu redor e a mexer em pedras. Este comportamento acontecia especialmente quando a professora estava a ler o que dizia no manual e não a contar a história por si. Enquanto a professora C. contava a história a I. perguntou à outra estagiária o que significava independente, o M.I. afirma já saber algumas das coisas que a professora estava a contar pois o seu pai já lhe tinha contado.

Nota de campo n.º7 – 17 de junho de 2022

Ao chegarem à entrada do panteão da dinastia de Bragança e sabendo que iam entrar, a atitude dos alunos do 3.º e 4.º ano mudou, especialmente quando estavam dentro do panteão. Neste momento, adotaram uma atitude mais ativa e focada, estando mais atentos à explicação da professora. Mas existiram na mesma perguntas às quais a resposta já tinha sido dito especialmente pelo S.O..

Dentro do panteão o T., a M.M., o D., a I. e o S.O. faziam muitas perguntas como “Quem são estas pessoas?”, “Estão mesmo ossos aqui?”, “As coroas eram as que eles usavam?” entre outras (anexo Y) algumas das perguntas respondiam uns aos outros, no entanto outras tive que ser eu a dizer. A ida ao panteão acabou por levantar muito entusiasmos, interesse e curiosidade por parte dos alunos.

Nota de campo n.º8 – 17 de junho de 2022

A seguir ao panteão, os alunos foram até à capela dos “Meninos de Palhavã”, e antes de entrarem na capela a professora C. contou mais uma parte da história de Portugal e a história desta capela.

Quando referiu que estão enterrados no pavimento os corações e as vísceras de alguns dos reis da IV dinastia a I. afirmou não querer entrar na capela pois tinha “medo e nojo de pisar os corações” (anexo Y). O facto de existirem corações enterrados no piso levantou muitas perguntas por parte das duas turmas.

Nota de campo n.º9 – 17 de junho de 2022

O momento a seguir foi mais direccionado ao 2.º ano, no entanto, como em toda a visita, estiveram presentes as duas turmas. Para esta parte da visita o grupo dirigiu-se até à exposição das fábulas de La Fontaine

Quando estávamos a chegar à exposição o S.O. comentou já ter ido ao mosteiro no outro 4.º ano com a professora A., mas que da última vez tinham realizado uma atividade muito chata na qual simplesmente ficavam sentados a ouvir as fábulas e nada mais. Não foi possível continuar a conversa pois a visita ia continuar.

Nota de campo n.º10 – 17 de junho de 2022

Nesta parte da visita o grupo falou sobre o que eram as fábulas e a professora C. leu a fábula “O Gato e o Rato” acabando o momento a discutir sobre o que esta falava, as suas características e sobre os mosaicos que a acompanhava (Figura 11).

Figura 11

Na exposição das Fábulas de La Fontaine



Para finalizar a visita, os alunos foram até ao cimo das torres da igreja, onde foi contada um pouco mais da história de Portugal e onde os alunos tiveram a possibilidade de ver a vista sobre Lisboa, desta vez por uma nova perspetiva. Os alunos do 4.º ano conseguiram ver ainda a escola que a maioria irá frequentar no 5.º ano.

No geral, ao longo da visita, a turma esteve em silêncio quando a professora C. falava apesar de não demonstrar estar com muita atenção pois estavam a olhar em seu redor e a mexer com as mãos nas pedras. Os momentos que mostravam estar mais atentos e focados foram aqueles em que estavam a ver a exposição, a andar pela mesma e a ouvir as fábulas. Demonstram esta atenção através não só do seu silêncio, mas também através da sua postura e da sua expressão que por sua vez apresentava ser focada e concentra (olhos fixos na professora e a reagir ao que estava a ser dito).

Nota de campo n.º11 – 17 de junho de 2022

A relação com o outro foi um desafio para a turma durante a visita, uma vez que os alunos tiveram tendência a ir queixar-se de um colega ao adulto durante a visita toda.

A I. foi quem teve mais dificuldade, estava num dia mais complicado, pois tudo à sua volta incomodava passando a maior parte do dia a queixar-se do T. e do D., que a meio da visita começaram a provocá-la.

Nota de campo n.º12 - 17 de junho de 2022

Só foi possível realizar a atividade depois da visita no dia 28 de junho de 2022, que ocorreu uma semana e meia depois da visita. Ao chegar à instituição, estava previsto contruir um friso cronológico, como referido anteriormente. No entanto, ao iniciar a atividade, foi possível perceber que a turma já não se lembrava do que lhes tinha sido dito durante a visita. Por esse motivo, deixou de fazer sentido prosseguir com a atividade tal como estava planeada. Optei por realizar apenas uma conversa sobre os diferentes eventos históricos, criando um ambiente de partilha. Cada aluno tinha a possibilidade de partilhar o que sabia sobre o mesmo e refletindo sobre o que se podia aprender com os acontecimentos.

De modo a finalizar o conjunto de atividades sobre o Mosteiro de S. Vicente de Fora, solicitei que os alunos preenchessem a mesma tabela que preencheram na atividade anterior. Com estes registos (anexo Z)

compreendi que, no geral, a turma gostou mais de andar pelo mosteiro e de ouvir a história de Portugal.

Sendo que o T. especificou ter gostado de “ver a esterna com água” tal como o M.P. “do buraco com água” e a E.

Nota de campo n.º13 – 17 de junho de 2022

Os alunos gostaram menos de andar sobre os corações na capela (I., M.M.), de saber sobre a luta dos portugueses contra os muçulmanos (M.I.), da cisterna (M.P., o que acabou por ser contraditório), do facto de ter sido muito longo (R.), de ouvir a fábula (S.O., que anteriormente não tinha gostado de fazer essa atividade com a professora A.) e o T. referiu o subir as escadas.

Quando questionados sobre o que gostavam de ter feito muitos referiram que gostavam de ter brincado e de ter jogado à bola. A E. gostava de ter visto melhor a vista e o A.P. gostava de aprender a história em e de outros mosteiros. Foram poucas as dúvidas indicadas sendo que indicaram foram apenas “Os *corasois*” pela I. e “porquê tinha uma *esterna*” referido pelo T.

Relativamente ao que aprenderam, o grupo afirma ter aprendido sobre a história de Portugal e os seus reis, o R. aprendeu que “que as pessoas *enportantes fujiram*”, “Eu aprendi fala *Pretages*” refere o S.D., o A.A. e o S.O. referem ter aprendido coisas à cerca da cisterna “Eu *apremdi* que o um *posso* levo a *sertermo*” e “que a *esterna gardava* a água da chuva”, por último o M.P referiu que aprendeu “que não podíamos falar muito alto” no mosteiro. Os erros presentes nas respostas demonstram o facto de alguns alunos não saberem algumas regras da escrita, mas também o facto de terem fragilidades na oralidade. Pois alguns dos erros foram dados pelos alunos estrangeiros que escreveram como falam.

A visita ao Mosteiro de S. Vicente de Fora integra-se predominantemente na categoria da utilização da cidade recurso (Gomes, 2013,2014) uma vez que o espaço público utilizado pretende aprofundar os

conhecimentos sobre a história de Portugal e sobre as fábulas de La Fontaine.

2.3. Análise da entrevista à professora cooperante

Na análise da entrevista à professora cooperante (anexo F), a docente descreve a instituição onde se realizou a investigação como familiar, sendo que o seu meio ambiente é peculiar. Relativamente aos espaços exteriores à escola a professora refere ser um espaço com muito turismo e turistas tanto de cultura como de hostels. Indica ainda que a população ao redor da instituição é envelhecida.

Relativamente às concepções da entrevistada sobre a utilização do espaço exterior à escola para a aprendizagem, esta refere que o facto da escola “perto do castelo é um grande contributo, porque é um espaço que tanto dá para explorar a matemática, como o estudo do meio, como as expressões, dá...ali dá tudo.” Desta forma, ao longo da entrevista, a professora foi caracterizando sua visão do espaço exterior como cidade recurso (Gomes, 2013, 2014), pois pretende nas suas atividades aprofundar ou consolidar as aprendizagens realizadas na sala de aula. Este espaço é usado para a consolidação das diferentes áreas como referido pela docente. Afirma não serem necessários recursos materiais para sair com a turma da escola, no entanto, são necessários recursos humanos sendo estes a docente e um auxiliar.

Quanto à prática da docente relativamente à utilização do espaço exterior à escola, refere que faz visitas uma vez que considera que “a aprendizagem no exterior é muito importante, tanto dentro da sala de aula como exteriormente”. Indica que a escolha dos locais está dependente da turma, do que estão a fazer em sala e do projeto que está a ser desenvolvido. No que diz respeito à turma onde a investigação decorreu, foram visitados locais como o Museu do Teatro, o Museu da Arqueologia, e o Museu da Etnologia. Nestes locais observaram as exposições, sendo que no Museu da Arqueologia estiveram a trabalhar a importância histórica dos mosaicos e construíram um mosaico. Quando questionada sobre os critérios

que utiliza para fazer a seleção dos locais, a professora refere que depende do projeto, pois tem que estar relacionado com as aprendizagens. Durante a entrevista a professora cooperante reforçou esta perspetiva uma vez que utiliza a cidade como recuso didático (Gomes, 2013, 2014). A docente refere que as visitas são organizadas no início do ano, sendo que ao longo do mesmo vão ainda aparecendo novas visitas.

Relativamente à relação dos alunos com o espaço exterior à escola, a professora M. afirma que durante as visitas a turma participa. As aprendizagens realizadas dependem da visita, no entanto, as principais aprendizagens que os alunos realizam para além das do currículo e que acontecem mais vezes, são ao “nível da cidadania é o mais abrangente nas visitas, nas aprendizagens é”. Relacionando a utilização dada, pela professora, destes espaços podemos referir que as atividades realizadas integram-se dentro da utilização socializadora (Gomes, 2013, 2014). Enquadram-se nesta categoria uma vez que as atividades preveem a aprendizagem e desenvolvimentos de valores e comportamentos socialmente adequados.

Por vezes, os utilizadores do espaço exterior são, segundo a professora cooperante, um obstáculo à utilização deste espaço pois quando está muita gente pode tornar-se muito confuso e constrangedor. No entanto, não é por esse motivo que deixa de fazer atividades no exterior da instituição, referindo que espera que o espaço fique livre, antes de avançar com a visita. Quando questionada sobre que apoios gostaria de ter para realizar mais visitas aos espaços exteriores, a resposta foi monetária, sendo de seguida questionada se a questão monetária poderia ser um obstáculo. A esta questão a professora refere que não, pois este facto não a impede de fazer visitas, no entanto, se tivesse o apoio poderia fazer visitas mais diversificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente e último capítulo do relatório diz respeito às considerações finais do estudo. Será feita uma síntese do estudo onde serão apresentadas respostas à questão problema que deu origem à investigação, e será realizada uma reflexão sobre o seu contributo para a construção do meu perfil como professora.

Como referido anteriormente, com a presente investigação procurei perceber se utilizando o espaço exterior como extensão da sala de aula, os alunos ficam mais envolvidos e aderem com mais facilidade às atividades, se ficam mais interessados e participativos, criando assim um ambiente propício à aprendizagem. Dessa forma surgiu a seguinte questão problema *“Como explorar os espaços exteriores à escola de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças?”*.

Ao longo de todo o período de investigação realizei o esforço de criar atividades de carácter pedagógico e interdisciplinar, que estivessem de acordo com os interesses da turma, recorrendo a locais que fossem acessíveis tanto monetariamente como geograficamente, com as temáticas que a professora cooperante pretendia que trabalhássemos durante o período de estágio e com os objetivos presentes nos documentos orientadores para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (DGE, 2017 e Martins et al., 2017).

Considero que o maior desafio que enfrentei ao longo da investigação foi a gestão do tempo. Refiro ter sido um dos maiores desafios uma vez que no período das dez semanas tive que conciliar o período letivo disponível, com os apoios que a turma usufruía, com as temáticas a serem lecionadas em sala de aula a pedido da professora M. e com o projeto de investigação da minha colega de estágio, que à semelhança do meu requeria bastante tempo para ser colocado em prática. Foi um desafio conseguir conciliar todos os aspetos anteriormente referidos com os três momentos apresentados por Campos (2017). As atividades antes da visita, onde se aprende sobre o local da visita, o durante, que consiste na recolha de dados e visita ao espaço, e o depois da visita, referente à apropriação

do mesmo e consolidação de aprendizagens. No entanto, com um pouco de esforço e deixando algumas atividades que gostava de ter realizado para trás, acho que consegui superar este desafio e todos os entraves, como o tempo e os isolamentos devidos ao covid, de forma a concluir a investigação com sucesso.

Com o projeto de investigação fiz o esforço de tentar fornecer aos alunos a possibilidade de desenvolverem um conjunto de aprendizagens de natureza formal, não-formal e informal (Gomes, 2009 e Pires, 2002) recorrendo aos locais ao redor da instituição, mas também ao trabalho entre crianças. Consiglio (2018) e Nóvoa (2022), como referido anteriormente, reforçam a ideia de que a escola é vista como um espaço fechado e restrito ao recinto escolar, mas que existem outros espaços que permitem/desenvolvem atividades pedagógicas. Desta forma tentei reforçar, sempre que possível, a conjugação das atividades dentro e fora da escola, pois a sala de aula não é o único espaço que permite a aquisição das aprendizagens e, como aprendi com este estudo, quando utilizado em articulação com o espaço exterior, seja este um jardim, a cidade ou um museu potencializa a aprendizagem.

Ao longo das atividades apercebi-me que a turma com a qual realizei o estudo aderiu facilmente a todas as atividades propostas. No entanto, relativamente às atividades antes da visita (Campos, 2017) os alunos estiveram mais envolvidos e participativos na conversa sobre o Mosteiro de São Vicente, pois conseguiam ver onde ficava o local relativamente à instituição, sentindo que a sua experiência era importante no seu processo de educação. Achei este momento bastante relevante para o conjunto da atividade, pois permitiu que as crianças soubessem para onde iam, mesmo não sabendo o que iam fazer, conhecessem virtualmente ou através da conversa o espaço ao redor do Mosteiro e a sua história. O facto dos alunos terem, previamente, à visita, aprendido a história do local para onde iam, permitiu que todos os intervenientes, adultos e crianças, olhassem para o local com um olhar mais informado e que o valorizassem.

A atividade durante a visita tornou-se um dos meus momentos preferidos do modelo apresentado por Campos (2017). Esta preferência deveu-se a vários fatores sendo os principais a possibilidade de explorar cada lugar com as crianças e poder tornar aquele lugar significativo para as mesmas através das aprendizagens e experiências que acabam por as acompanhar para a vida. Das três atividades desenvolvidas considero que a visita ao Mosteiro de S. Vicente de Fora acabou por ser a menos significativa, pois os alunos não estavam muito atentos e consideraram a visita um pouco maçadora. Penso que as outras duas atividades como permitiram o envolvimento dos alunos e o facto de serem atividades em equipa, em que o principal foco não é o adulto, as tornou mais apelativas e significativas. No entanto, a visita ao mosteiro proporcionou às crianças a exploração de um novo espaço e experiências, pois, por exemplo, vão ser poucos os alunos que se irão esquecer do momento em que pisaram os corações no Mosteiro de São Vicente de Fora.

O momento depois da visita mostrou ser um momento cheio de potencialidades, no qual os alunos tanto podem sistematizar as aprendizagens realizadas no local da visita, como partilhar experiências e sensações com os colegas. Este momento tornou-se, a meu ver, essencial quando falamos de visitas de estudo, pois a realização de atividades pós-visita permite que os alunos sistematizem as aprendizagens, como podemos ver na análise dos dados recolhidos relativamente à atividade realizada no Jardim do Cerco da Graça. No entanto, para esta atividade fazer sentido e ser significativa não poderá decorrer muito tempo depois visita. Pois se não houver algum tipo de sistematização antes irá acontecer o mesmo que aconteceu na atividade relativa ao Mosteiro de S. Vicente de fora, onde as crianças já não se lembravam do que tinha sido aprendido e feito.

Apesar de ter conseguido realizar a investigação sem entraves de lugares, posso dizer que concordo com a professora cooperante quando esta refere que se existisse apoio monetário teria sido possível fornecer novas experiências a estas crianças, que na sua maioria não têm

possibilidades de conhecer outras instituições, como por exemplo o jardim zoológico.

Tal como Nóvoa (2002) refere, o professor deve ter a competência de saber gerir relações não só com as famílias, mas com a comunidade local. O autor refere também que na construção do Espaço Público de Educação os professores devem reconstruir o sentido social da sua prática integrando todo o espaço ao redor da instituição. Neste espaço público de educação o adulto deve procurar relacionar-se, de uma nova forma, com o aluno e arranjar estratégias de incentivar que o aluno coopere de forma ativa e respeitadora no espaço ao seu redor (Nóvoa, 2002). Foi neste sentido que no conjunto de atividades relativas ao Castelo de S. Jorge e ao Jardim do Cerco da Graça o trabalho de equipa e o desenvolvimento de aprendizagens presentes no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins et al., 2017) se tornaram essenciais e foram muitas vezes priorizadas. Pois a relação com o outro, devido à pandemia, aos isolamentos e ao medo do Covid-19, eram uma fragilidade e um ponto a ser trabalhado com a turma.

Considero que a presente investigação contribuiu de diversas formas para a minha formação e construção do perfil como futura profissional de educação, não só como professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico, mas também como educadora em sentido lato.

Esta investigação permitiu-me conhecer um modelo utilizado para as visitas de estudo (Campos, 2017), dando-me uma nova visão do trabalho que pode ser feito e da importância de todos os momentos. Até este estágio todas as visitas de estudo que tinha visto serem realizadas ou que tinha participado como estudante baseavam-se apenas na visita propriamente dita, não fazendo atividades antes e/ou depois, separando a sala de aula dos espaços exteriores à instituição. Assim, consegui compreender de que forma os dois espaços podem completar-se e serem a extensão um do outro, de forma a potencializar as aprendizagens.

Outra aprendizagem que considero que o projeto me trouxe e que me ajudou na construção do meu perfil como docente, foi o trabalho de equipa. Ao longo de todo o projeto foram várias as pessoas com quem tive

de trabalhar durante a preparação das atividades e o decorrer das mesmas. Aprendi a gerir os recursos humanos que tinha disponíveis para as diferentes atividades, tive o privilégio de ter colegas e professoras sempre prontas a ajudar. Mas principalmente aprendi a lidar com cujas ações atrapalhavam e contrariavam a minha prática, de forma a fazê-las sentirem-se integradas na atividade e úteis. Estes fatores todos levaram a que eu tivesse de refletir mais, melhorando assim a minha reflexão crítica.

A gestão do imprevisto foi um dos maiores desafios, mas ao mesmo tempo a maior aprendizagem que trago comigo. Estando num contexto onde estava constantemente a ser avaliada, a gestão do imprevisto tornou-se essencial no que se referiu às atividades relativas ao Jardim do Cerco da Graça, uma vez que, devido ao tempo, tivemos de cancelar a visita duas vezes (uma no dia antes e outra no dia) o que levou a termos de criar atividades de um momento para o outro sem tempo para realizar a preparação. Após essas mudanças, sempre que a atividade era realizada no exterior, tinha uma atividade pensada para segundo plano caso fosse necessário.

Como o desenvolvimento do projeto e com a análise dos dados recolhidos consegui concluir que o facto de se realizar uma atividade após a visita ajuda na consolidação das temáticas trabalhadas e atribui um valor mais significativo à visita. Pude compreender também que quando, durante a visita, a atividade é mais dinâmica e os alunos têm um objetivo a cumprir, tornam-se mais motivados, participativos e ativos na realização da mesma, tendo uma relação mais positiva com o outro, apoiando-o e respeitando-o.

REFERÊNCIAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. 1ª ed. Edições ASA.
- Amado, J., Costa, A. P. & Crusoé, N. (2014). A técnica da análise de conteúdo. In J. Amado (Ed.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp. 207-233). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J. & Ferreira, S. (2014). A entrevista na investigação em educação. In J. Amado (Ed.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp. 207-233). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J. & Silva, L. C. (2014). Os estudos etnográficos em contextos educativos. In J. Amado (Ed.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp. 145-169). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Anastácio, G., Mendonça, P., Barbarulo, A., & Dantas, T. (2021). *Guia de aprendizagem ao ar livre*. Criança e Natureza.
- Associação Internacional de Cidades Educadoras (2020). *Carta das Cidades Educadoras*. <https://www.edcities.org/carta-de-ciudades-educadoras/>
- Azevedo, G. A. N. (2019). Sobre o habitar da criança no espaço público: desenclausurando a infância. In G. A. N. Azevedo (Ed.), *Diálogos entre Arquitetura, Cidade e Infância: territórios educativos em ação* (pp. 22–35).
- Bento, G. & Portugal, G. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Iberoamericana de Educação*, 72, pp. 85-104.
- Bernet, J. T. (1999). A educación non formal e a cidade educadora. Dúas perspectivas (unha analítica e outra globalizadora) do universo da educación. *Revista Galega do Ensino*, (24), 199–221.

- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Câmara, A. C., Proença, A., Teixeira, F., Freitas, H., Gil, H. I., Viera, I., Pinto, J. R., Soares, L., Gomes, M., Gomes, M., Amaral, M. L., & Castro, S. T. (2018). *Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*. Ministério da Educação.
- Campos, J. A. de F. (2017). *Os Museus como Parceiros na Educação e Formação de Adultos* [Unpublished doctoral dissertation]. Universidade Nova de Lisboa.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação: Guia para Autoaprendizagem*. 2ª edição. Universidade Aberta.
- Chiovatto, M. (2020). Educação museal e definição de museu: construindo conceitos. In R. Montechiare & G. K. Heitor (Eds.), *Museus e Educação* (Vol. 16, pp. 31–50).
- Consiglio, T. (2018). Perspectivas da educação nos museus de artes: tradução e leitura. In *Rede de Redes - diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil* (pp. 240–252).
- Despacho n.º 5908/2017 do Gabinete do Secretário de Estado da Educação. (2017). Diário da República: II série, n.º128. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/despacho_5908_2017.pdf
- Direção-Geral da Educação. (2017). *Aprendizagens Essenciais*. <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>
- Ferreira, J. C. G. (2020). *Descobrir, aprender e brincar na Natureza em contexto de Creche*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Coimbra]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/32946>
- Gomes, E. X. (2009). Children's Educational Processes in Contemporary Cities: preliminary findings and insights from a case study

- developed in Lisbon. *European Educational Research Journal*, 8(2), 311–325.
- Gomes, E. M. X. V. (2011). *Perspectivar as cidades como “espaços públicos de educação” de crianças* [Doctoral dissertation]. Universidade Nova.
- Gomes, E. X. (2013). O Formal e o Não Formal na Educação das Crianças nas Cidades. *O Não-Formal e o Informal Em Educação: Centralidades e Periferias. Atas Do I Colóquio Internacional de Ciências Sociais Da Educação / III Encontro de Sociologia Da Educação*, 3.
- Gomes, E. X. (2014). Intermitências da educação de crianças: escolarização do social e interrupção do escolar. *Interacções*, 10 (29), 145-170. Obtido de <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3925/2954>
- Gomes, E. X., & Cabral, I. (2009). Cidade como recurso educativo. *Noesis*(78), 50-55.
- Graue, M. E. & Walsh, D. (2003). *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Fundação Calouste Gulbenkian
- Martins, G. d'Oliveira, Gomes, C. A. S., Brocardo, J. M. L., Pedroso, J. V., Carrillo, J. L. A., Silva, L. M. U., Encarnação, M. M. G. A., Horta, M. J. do V. C., Calçada, M. T. C. S., Nery, R. F. V., & Rodrigues, S. M. C. V. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Modler, N. L., Carvalho, R. S., & Rheingantz, P. A. (2019). Espaço-ambiente na Educação Infantil: Diálogos entre arquitetura e pedagogia da infância. In G. A. N. Azevedo (Ed.), *Diálogos entre Arquitetura, Cidade e Infância: territórios educativos em ação* (pp. 84–103).

- Neto, C. (2020). *Libertem as Crianças – A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.
- Nóvoa, A. (2002). O espaço público da educação: Imagens, narrativas e dilemas. *Espaços de Educação* (pp. 237–263). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nóvoa, A. (2022). *Escolas e professores proteger, transformar, valorizar*. Em colaboração com Yara Alvim. Salvador.
- Parajara, L. M., & Rampazo, R. T. B. (2018). Ação Educativa e Cultural “Bairros: incluindo memórias, incluindo cidadãos.” In *Rede de Redes - diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil* (pp. 111–123).
- Pires, A. L. O. (2002). *Educação e formação ao longo da vida: Análise crítica dos sistemas e dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagens e de competências*. [Doctoral dissertation]. Universidade Nova de Lisboa.
- Pires, A. L. O. (2019). Abordagens Inovadoras de Formação de Professores: Interligando Arte, Ambiente e Educação - O caso de INHOTIM. In *TDFP2019 IV Encontro Luso-Brasileiro Trabalho Docente e Formação de Professores* (pp. 698–707).
- Pires, A. L. O. (2020a). Escola e comunidade: uma experiência criativa entre Arte, Cultura e Educação. *Investigar Em Educação*, 2(11), 111–130.
- Pires, A. L. O., Alves, M. G., & Gomes, E. X. (2020). Entre escolas e equipamentos de arte e cultura: em busca de outros tempos e espaços de educação. In J. Pinhal, C. Cavaco, M. J. Cardona, F. A. Costa, J. Marques, & A. R. Faria (Eds.), *Tempos, espaços e artefactos em educação: atas do XXVI Colóquio da AFIRSE* (pp. 813–823). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). APM.

Quivy, R. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. (pp.209-232).

Gradiva.

Soares, N. F. (2006). A investigação participativa no grupo social da infância.

Currículo sem Fronteiras, 6 (1), pp. 25-40.

ANEXOS

Anexo A- Gelha de observação.

Grelha de apoio à observação na visita de estudo

Atividade: _____ Visita ao local: _____ Data: ____/____/2022

Motivação, participação e intervenção (Entusiasmo, participação ativa na atividade, comentários, perguntas, dúvidas, sugestões, exploração dos recursos)			
Relação com o outro (cooperação, interação, respeito)			

Aprendizagens/ Articulação com saberes (relaciona com aprendizagens/experiências anteriores, utiliza novos significados, novo vocabulário, pensamento crítico)			
Outras observações			

Anexo B- Transcrição Focus Group 1.

Estagiária – **Est.**

Entrevistados:

N., I., E. S.S., C., J.S., U., A.A.

Est.- Eu quero saber o que é que vocês, durante estes anos todos, já aprenderam lá fora, A.A.

A.A.- Agricultura.

Est.- Agricultura. Mas o que é que tu aprendeste sobre a agricultura e como. Consegues lembrar-te?

A.A.- Daquele dia em que fizemosbem, aprendi sobre agricultura porque temos que meter água, sol, deixar no sol e ar.

Est.- Estás a falar da vinda das pessoas da Câmara ontem, ou melhor anteontem?

A.A.- Ontem. Não foi quinta.

Est.- Sim, mas é essa a atividade de que estás a falar?. (A.A. acena que sim com a cabeça) Ok, boa. Mas isso foi no Recreio, não foi? S.S.

S.S.- Eu aprendi a contar pela primeira vez até vinte.

Est.- Como é que aprendes-te a contar?

S.S.- Eu...

Est.- Diz, não há respostas erradas.

S.S.- Eu estava a tomar banho. O meu pai estava-me a dar banho e eu ainda tinha uns quatro, cinco ou três anos e depois eu comecei a contar até dez e eu comecei, um, dois, três, quatro, cinco, seis sete, oito, nove, dez. E o meu pai diz, "qual é que é o resto?" e eu, um, dois, três, quatro. O meu pai depois diz onze e eu dronze e depois ele disse para eu contar até vinte e eu digo um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, vinte.

Est.- Ok, mas S.S., isso foi dentro de casa, não foi? Estavas a tomar banho dentro de casa e eu quero saber fora de casa fora de casa, fora da escola, fora da sala de aula.

A.A.- Ai, isso eu aprendi.

Est.- O que aprendes-te? A.A.

A.A.- Aprendi a contar até cem.

Est.- Como?

A.A.- Estava, estava a andar com o meu pai num parque com a minha família toda, o meu irmão, a minha irmã, o meu pai, a minha mãe. O meu pai disse, tenta contar até 100 e eu comecei a contar um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze

Est.- Ok, até chegares ao cem?.

A.A.- 20, 30, 40, 50, 70, 80.

Est.- Muito bem. Mais?

E.- Eu!

Est.- E.

E.- Eu estava na rua no Brasil e aí eu, eu aprendi a olhar o semáforo lá.

Est.- E o que é que aprendeste então? Que quando está vermelho?

E.- Não pode passar na rua.

Est.- Quanto está verde?

E.- Verde a gente pode passar.

Est.- É exatamente a regra, boa. S.S.?

S.S.- Então, houve um dia que eu estava na rua com a minha mãe, com mais alguns primos emprestados.

Est.- Sim?

S.S.- Família emprestada. E eu aprendi a não sair de vista. A minha mãe comprou-me um saco cheio de comida.

Est.- Sim.

S.S.- E a gente depois teve que ir acampar. Fomos acampar e aí a gente desceu no autocarro e estava lá um sem abrigo e a minha mãe disse que era para eu andar mais rápido. Só que eu dei um pouco aos senhores e a minha mãe achou bem. Ela disse que eu devo continuar assim, não posso ser egoísta e depois o senhor depois foi-me agradecer

Est.- E então, com esta história conseguimos perceber que lá fora conseguimos aprender alguns valores, conseguimos aprender algumas atitudes a ter

A.A.- até aprendi a nadar.

Est.- Agora deixa ouvir a I. que ainda não falou.

I.- Eu, uma vez estava a sair da casa da minha avó e estava a ir para a minha casa. Já era de noite. Eu estava com um óculos, estava com três anos e estava com os óculos de sol. Eu ficava com a minha chucha na boca e quando estava no meio da rua, perdi a chucha. Foi para debaixo de um carro. E agora não entendo nada, mas neste dia a minha chucha foi parar à minha avó e eu não sei.

Est.- E não sabes como? Eu também não sei mas de alguma forma foi lá parar. Vocês alguma vez foram um jardim e aprenderam alguma coisa... assim diferente?

N.- Não

S.S.- Sim.

Est.- A seguir é a E.

E.- Eu aprendi como se trata os animais, como andar a cavalo, eu aprendi a abrir o portão da minha casa.

Est.- Boa! N.

N.- Não foi no jardim.

Est.- Foi aonde?

N.- Na minha festa de anos, quando eu tinha.... 3 anos

Est.- Mas a festa de anos era aonde?

N.- Ali na rua, no parque.

Est.- No parque. Ok, muito bem.

N.- Tinha três ou dois anos e estavam me a cantar os parabéns. E eu estavam a bater palmas. E eu aprendi a bater palmas.

Est.- Boa N.! S.S.

S.S.- Eu gostava muito e aprendi também várias coisas, como andar, falar, rebolar. E também aprendi a puxar as orelhas do meu irmão.

Est.- A.A., querias dizer alguma coisa?

A.A.- Não

Est.- Não? I.

I.- Uma vez que eu fui andar de avião com a minha tia, o meu pai. Quando a gente chegou, mal agente chegou estavam à nossa espera. E ouve um pequeno acidente, é que o meu padrinho já era suposto estar lá para levar o meu pai. E o meu padrinho perdeu-se dentro do aeroporto.

Est.- A sério? N.?

N.-Eu aprendi a jardinar como o meu avô no jardim.

Est.- E como é que aprendeste a jardinar?

N.- Eu tinha umas ferramentas de brincar, mais ou menos de brinacr. Eram de madeira e ferro. Eu tinha cinco anos ou quatro e eu tinha lá um espacinho um bocadinho como eu tinha arranjado no quintal. Ele tinha uma horta gigante e um dia eu disse assim: "Ó Vô eu posso fazer como tu? E ele disse que sim. Então ele ensinou-me a plantar.

Est.- Boa! C.

C.- Eu aprendi a não ter medo e alturas.

Est.- Aprendeste a não ter medo de alturas? Boa! Como?

C.- A minha amiga teve uma festa dentro do avião, e havia um sitio que era que alto e eu tinha, que tinha que subir e tinhas de saltar para um colchão.E eu estava com muito medo. Mas depois eu consegui.

Est.- Conquistaste? Boa! Queres partilhar mais alguma coisa, J.S? (Acena com a cabeça que não) U. queres? (Diz que não com a cabeça) Não? Tantos braços no ar. Ok. Vamos fazer mais uma partilha sobre este assunto e depois passamos a outra coisa. Pode ser?Vão todos falar uma vez. Todos vão falar, não se preocupem. A.A.

A.A.- Para mim, aprendi a nadar

Est.- Sim, numa piscina?

A.A.- Sim. O meu pai me ensinou a nadar a partir dos cinco, seis, sete anos, porque estava numa praia, uma praia. Tinha boias de roda. Comecei-me a afogar, a afogar. Bati os braços para cima e depois aprendi a nadar.

Est.- Muito bem! S.S.

S.S.- Também aprendi a nadar e a tirar leite das tetas da vaca.

Est.- Aonde é que aprendeste a tirar leite da vaca?

A.A.-Ahh eu também aprendi.

Est.-Onde é que foi?

S.S.-Foi na terra do padrinho do meu irmão.

Est.- Ok.

S.S.- Eu estava a dormir, toda a gente a dormir e era 07h00. Só que eu acordei porque lá era muito calor e tinha uma janela bater o sol na minha cara e eu fui buscar a uvas à cozinha, comi-as e depois eu fui ver os cavalos. Como é que

eles estavam. A ver se eles ainda tinham comida, senão ia acordar o padrinho do meu irmão. E depois, quando eu fui ver as vacas, tinha lá umas coisas nas tetas das vacas e depois eu tirei. Dei três festinhas nelas, meti um balde em baixo e fiz isto

A.A.- E quantos anos é que tu tinhas?

S.S.- 5.

Est.- Boa. N.

N.- Eu aprendi a andar de bicicleta com duas rodas, aos 5 anos porque eu adorava andar de bicicleta. E então um dia que nós fomos à loja e meu avô ofereceu prenda, uma bicicleta. Então eu e o meu avô fomos para a garagem. E foi. E eu tinha muito medo. E então eu não conseguia à primeira, não consegui à segunda e não consegui à terceira. E depois, quando eu bati, quando eu bati em um sítio, não sei. Eu tentei outra vez e meu avô foi comigo e depois largou-me e eu não sabia que ele não estava lá e eu estava a andar sozinho.

Est.- Boa, I.

I.- Eu aprendi a não ter medo de alturas. Eu estava em um parque, eu estava a aproveitar com o meu padrinho que ia-se embora no dia a seguir. Eu fui andar num brinquedo que é tipo um canguru que sobe desce sobe desce. E a minha mãe não me deixava andar, mas quando fui para o meu pai, o meu pai deixou-me andar e eu aí aprendia a não ter medo das alturas porque aquele era o brinquedo mais alto que eu... Depois, antes, depois no dia a seguir, eu fui para a minha mãe e fomos ao mesmo parque. E a gente andou num outro brinquedo que parecia que ia bater nos outros uns nos outros. E não, e a minha mãe ia vomitando-se e depois quando foi à casa de banho acabou por se vomitar.

E.- Eu aprendi a andar sozinha na rua sem os meus pais.

Est.- Foi? E como é que aprendes-te isso?

E.- É porque eu estava no Brasil e a minha mãe foi para a Croácia. Eu tive que ficar com a família do meu pai e meu pai também estava lá. Então eu tive que ir do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul. E aí quando eu cheguei lá, tinha umas primas minhas que eu não conhecia. Eu conheci elas e nisso o meu pai, ele nem ligava o meu pai e ele deixava fazer tudo, menos a minha mãe, que a minha mãe morria de medo e ele me deixou sair de casa sozinha. Mas eu estava morrendo de medo. E aí ele me deixou com as minhas primas e ele saiu escondidinho e eu consegui.

A.A.- Pois isso também me aconteceu.

Est.- Também? Então?

A.A.- Bem como estava vindo de uma casa, de um amigo do meu pai lá na Romênia, estava a andar num carro, cheguei na casa dos meus bisavós, depois foi de dentro, foi para dentro da casa vestir a roupa e vi que os meus pais não estavam lá porque não saíram do carro. Foram para a casa do meu primo.

Est.- Ok boa, N.

N.- Foi com o meu primo e aprendi a ter mal perder.

Est.- Aprendeste a ter mal perder? Como é que isso aconteceu?

N.- Foi. Não foi na escola, foi bem perto da escola. Foi no pátio que estavam todos os meus amigos e a minha professora na Suíça. E então nós fizemos de jogos muitos, muitos, muitos jogos. Fizemos coisas, cozinhamos tudo isso e enquanto eu cozinha e depois fui para mais jogos e mais jogos. E quando eu fui para um sítio que só havia jogos de tabuleiros, estávamos a jogar todos e eu só tinha mal perder, Eu chorava quando perdia. E depois a minha professora disse para não fazer isso. Depois, quando fui jogar mais uma vez, eu perdi e não chorei.

Est.- Boa. Então acabas-te por ultrapassar o teu mal perder. Ok boa. E nos jardins? E nos museus? Aprenderam alguma coisa com os museus?

N.- Não

E.- Eu não gosto de museus.

Est.- Não gostam de museus?

A.A.- Eu adoro algumas coisas.

N.- É uma seca.

Est.- Mas não gostas de museus porque E.?

E.- Não gosto muito de exposições ,é assim... É a mesma coisa que eu não gosto muito assim de teatro eu prefiro o cinema.

N.- Eu também não gosto de estar a rezar e eu não gosto de eles estarem a batizar alguém e essa cena.

Est.- Mas isso é na igreja N. não é? Num batizado.

N.- É a mesma coisa.

Est.- É a mesma coisa ok.

I.- Eu quando estou lá fico a olhar para as paredes e nem sequer falo.

Est.- S.S.

S.S.- Eu no museu eu gosto muito do que um museu. Não é de um, só alguns museus que eu gosto. E um deles é o Museu do terramoto. Eu gostei muito, também gosto. E viu o filme de lá, que é um terramoto no quintal e eu gostei, o candeeiro abanou por cima de mim. E eu estava a tremer de medo e há outro a outros museus, que quando a gente tiver nas férias, quando acaba a escola, eu vejo.

Est.- Vais visitar?

S.S.- Sim o meu pai disse que eu ia lá. É um museu com várias coisas de sobre as pessoas que criaram os animes, as pessoas que inventaram coisas.

A.A.- Isso foi com a escola?

S.S.- Não.

Est.- O S.S. está a dizer que vai ser uma visita que vai fazer nas férias.

N.- Sim mas eles já foram. Isso foi numa visita? Ah então isso não se museu do terramoto. Chama-se Museu Lisbon center não sei o que,

Est.- C. por que é que não gostas de museus?

C.- É um bocadinho entediante.

Est.- É entediante ok, diz I.

I.- Eu o único museu que gostei foi o do terramoto.

Est.- Também? A.A.

A.A.- No primeiro ano, estava a andar com os meus amigos. Fomos com para um museu, vários museus no primeiro, no segundo, no terceiro. E aprendi muitas coisas nos museus em que os dinossauros sobreviveram durante 1000 anos, em que a guerra, as aventuras no meio do mar, a guerra começou 1000 e de ossos de dinossauro e de relíquias muito antigas.

Est.- E lembras-te do nome do museu?

A.A.- Acho que é o Museu do Teatro da Rocha. Isso foi, eu acho que no primeiro e no segundo ano.

Est.- Ok, boa E.

E.- Eu perdi o medo de andar de avião. É porque eu estava. Eu vinha para a Europa. E era o meu segundo voo Internacional. E no primeiro que eu fui nos últimos três anos eu não tinha esse medo. Mas aí eu fui eu que para eu ir para o Luxemburgo, não eu ia para Paris. Eu comecei a ficar muito triste, porque eu ia sair do Brasil, e eu estava chorando muito. E aí ai eu vi que o avião era muito legal e eu perdi o medo. Mas quando eu fui de Luxemburgo para Portugal esse se mexia todo

N.- Eu ainda tenho medo por causa que tenho medo que o avião caia.

Est.- É um medo normal.

N.- Eu já andei de avião umas milhões de vezes para ir para a Suíça, Portugal, Suíça, Portugal.

S.S.- E os jogos de sobrevivência em que os aviões caem no meio do mar, no avião ainda me dá mais medo ainda.

Est.- Boa muito bem, agora quero que pensem na vossa cabeça antes de responderem o que é que gostam de fazer fora da escola e fora de casa. I.

I.- Eu quando estou no parque, eu não vou muito ao parque só com o meu pai, sempre que eu vou com a minha mãe ao parque só dá ao fim de semana. Porque durante a semana fecham o parque às 6h da tarde, mas quando vou com o meu pai, ele vem me buscar sempre às três e meia e a gente convence-o a ir buscar os nossos overboards a casa e ir brincar com eles lá para o parque. Porque o parque tem uma parte que é todaaaa lisa e vai dar lá a cima e cá abaixo.

Est.- Então gostas de ir para o parque brincar e andar no overbord?

I.- Sim, porque não tem aquela parte que é inclinada para dentro assim.

Est.- Boa. N.

N.- Eu gosto de ir para os meus treinos.

Est.- Treinos de que?

N.- Maitai

Est.- Boa e onde é que tens os treinos?

N.- Em São Paulo, não é o do Brasil.

Est.- Mas é ao ar livre ou num sitio fechado?

N.- Mais ou menos os dois.

Est.- Boa. S.S.

S.S.- Eu gosto de estar com os meus amigos e amigas.

Est.- A fazer?

S.S.- Em festas, a parte mais triste é quando o meu pai me manda mensagem para eu ir para casa.

Est.- Está bem. A.A.

A.A.- Eu gosto de ir para o ar livre com o meu pai porque gosto muito de andar de bicicleta.

Est.- E gostas de ir para o ar livre andar de bicicleta? Boa.

A.A.- Sim, vou para o parque, brincar à bola com meninos que estão lá e depois volto para casa andar de bicicleta, o meu pai a segurar a minha bola.

Est.- Muito bem, E.

E.- Eu gosto de brincar com o meu pai no balanço porque a minha mãe quase morre do coração porque o meu pai me joga lá... e eu também gosto de brincar muito com os meus animais, eu gosto de caminhar meu cachorrinho, eu gosto de ir à piscina, andar de bicicleta é isso e não gosto de matemática.

Est.- Não gostas de matemática? Isso já percebemos.

N. e A.A.- Não gosto de Estudo do Meio.

S.S.- Odeio matemática.

N.- Matemática é muito melhor.

Est.- E estudo do meio e matemática na rua? Será que era mais giro?

N.- Sim!

Est.- C. o que é que gostas de fazer na rua?

C.- Gastar dinheiro.

(risos gerais)

Est.- Gastar dinheiro boa resposta. Usman o que é que gostas de fazer fora da escola?

U. fica em silêncio e não responde.

Est.- Gostas de ir ao parque ou de jogar à bola?

U. continua em silêncio.

Est.- Não queres responder? Não faz mal não és obrigado. Queres dizer J.S.?

J.S.- Eu gosto andar com bicicleta e jogar bola com meus migos.

Est.- Muito bem! No parque? Ou na estrada?

J.S.- No parque.

Est.- Boa. Última pergunta, agora é para vocês escreverem, podem virar os papei para vocês. E sem olharem para os papeis uns dos outros e dizerem as vossas respostas alto, para eu saber o que vocês gostam e querem, quero saber o que é que vocês gostavam de aprender lá fora. Ou seja, nos jardins, museus, na rua, na cidade.

E.- Já acabou.

Est.- Agora eu quero ouvir o que cada um escreveu. C.

C.- Temos mesmo de dizer?

Est.- Se não quiseres dizer não faz mal, podes não dizer.

C.- É que eu não sei se está bem escrito.

Est.- Se não estiver não há problema. Quem quer começar?

N.- Eu gostava de aprender a desenhar bem, eu gostava de fazer um piquenique com a turma.

Est.- Ok boa, I.

I.- Eu gostava que a Marta me ajudasse a aprender a fazer matemática.

Est.- Boa. J.S. podes dizer.

J.S.- Eu gostava de aprender a falar português.

Est.- Muito bem, mas já falas bastante bem. C. queres dizer?

C.- Eu gostaria de aprender a desenhar, fazer um piquenique com a turma.

N.- Tu sabes desenhar!

Est.- Então ela quer saber desenhar melhor. E.

E.- Eu gostava de aprender a dirigir, mas isso não vai ser possível agora. Fazer o jogo da cidade com a turma. Viajar com a turma, que é muito legal a outra vez que eu fiz com a minha outra turma. Fazer um piquenique com a turma. E ir na praia com a turma.

Est.- Boa, A.A.

A.A.- Eu gostava de fazer amigos e jogar à bola com os amigos.

Est.- S.S. já acabas-te?

S.S.- Ainda não.

Est.- Quando acabares diz. E olhem o que é que podemos aprender com o piquenique?

E.- A dividir.

Est.- Boa, e mais?

A.A.- A brincar juntos.

Est.- E acham que no jardim nós podíamos aprender português?

N.- Sim!

A.A.- Acho que sim.

E.- Com algumas coisas.

Est.- Com o que?

N.- Dizemos plantas, isto é uma P-lan-ta

Est.- Okay e mais?

A.A.- Aprender regar, regar uma flor

Est.- Sim, mas onde é que temos aí o português?

A.A.- Pois.

E.- Falando.

Est.- Falar sim, I. achas que podemos?

I,- (encolhe os ombros) Sim...

E.- Com as marcas das comidas, lermos a marca das comidas a gente consegue ler.

Est.- Acham que dá para aprender a escrever um texto descritivo?

E.- humm não.

A.A.- Mais ou menos.

N.- Sim.

Est.- Achas que sim N.? Como?

C.- Escrever com um lápis e uma caneta.

N.- Com ajuda.

Est.- Com ajuda? Boa. E no museu o que acham que podiam aprender?

Todos- Muita coisa.

Est.- Um exemplo?

A.A.- Aprendermos que a segunda guerra mundial.

N.- Não.

Est.- Podemos aprender sobre a segunda guerra mundial.

N.- Não quero.

E.- Eu também não.

Est.- Podemos, não quer dizer que seja isso que vamos fazer. E podemos aprender matemática no museu?

C.- Não.

N.- Sim, é só calcular os ângulos ali 90°.

A.A.- Mas isso para ti é fácil.

C.- Podíamos aprender a história de um país.

Est.- Boa C.

A.A.- Aprendermos sobre os dinossauros que sobreviveram mil anos.

Est.- Certo. E podemos aprender sobre artes?

Todos.- Sim.

N.- Como formam criadas as borrachas eu não sei.

A.A.- Pois também não.

I.- Nem eu sei.

Est.- Olhem eu também não sei, mas podemos ir investigar.

A.A.- Eu queria saber como é que a caneta... como a tinta da caneta é feita.

Est.- Okay podemos investigar sobre isso também.

E.- Aprender a cozinhar

Est.- Boa.

S.S.- Já acabei.

Est.- Foi? Boa, podes dizer.

S.S.- Eu gostava de fazer um piquenique... vou passar vergonha... com a minha namorada e com a Marta. Eu gostava que a Elena fosse minha amiga e gostava que fôssemos andar de avião e que tivesse amigos. Ir ao museu do japão da otokise e conhecer os criadores que fizeram os animes.

Est.- Boa, obrigada meninos.

Anexo C- Análise do Focus Group 1.

Dimensão	Conteúdo
Experiências no jardim	A.A.- Aprendi a contar até cem. Est.- Como? A.A.- Estava, estava a andar com o meu pai num parque com a minha família toda, o meu irmão, a minha irmã, o meu pai, a minha mãe. O meu pai disse, tenta contar até 100 e eu comecei a contar um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze Est.- Ok, até chegares ao cem?. A.A.- 20, 30, 40, 50, 70, 80. E.- Eu aprendi como se trata os animais, como andar a cavalo, eu aprendi a abrir o portão da minha casa. N.- Na minha festa de anos, quando eu tinha.... 3 anos Est.- Mas a festa de anos era aonde? N.- Ali na rua, no parque. Est.-No parque. Ok, muito bem. N.- Tinha três ou dois anos e estavam me a cantar os parabéns.E eu estavam a bater palmas. E eu aprendi a bater palmas.
Experiências no museu	S.S.- Eu no museu eu gosto muito do que um museu. Não é de um, só alguns museus que eu gosto. E um deles é o Museu do terramoto. Eu gostei muito, também gosto. E viu o filme de lá, que é um terramoto no quintal e eu gostei, o candeeiro abanou por cima de mim. E eu estava a tremer de medo e há outro a outros museus, que quando a gente tiver nas férias, quando acaba a escola, eu vejo. Est.- Vais visitar? S.S.- Sim o meu pai disse que eu ia lá. É um museu com várias coisas de sobre as pessoas que criaram os animes, as pessoas que inventaram coisas.

	A.A.- Isso foi com a escola? S.S.- Não. Est.- O S.S. está a dizer que vai ser uma visita que vai fazer nas férias. N.- Sim mas eles já foram. Isso foi numa visita? Ah então isso não se museu do terramoto. Chama-se Museu Lisbon center não sei o que, Est.- C. por que é que não gostas de museus? A.A.- No primeiro ano, estava a andar com os meus amigos. Fomos com para um museu, vários museus no primeiro, no segundo, no terceiro. E aprendi muitas coisas nos museus em que os dinossauros sobreviveram durante 1000 anos, em que a guerra, as aventuras no meio do mar, a guerra começou 1000 e de ossos de dinossauro e de relíquias muito antigas. Est.- E lembras-te do nome do museu? A.A.- Acho que é o Museu do Teatro da Rocha. Isso foi, eu acho que no primeiro e no segundo ano.
Experiências na rua	E.- Eu estava na rua no Brasil e aí eu, eu aprendi a olhar o semáforo lá. Est.- E o que é que aprendeste então? Que quando está vermelho? E.- Não pode passar na rua. Est.- Quanto está verde? E.- Verde a gente pode passar.
Experiências	N.-Eu aprendi a jardinar como o meu avô no jardim. Est.- E como é que aprendeste a jardinar? N.- Eu tinha umas ferramentas de brincar, mais ou menos de brinacr. Eram de madeira e ferro. Eu tinha cinco anos ou quatro e eu tinha lá um espacinho um bocadinho como eu tinha arranjado no quintal. Ele tinha uma horta gigante e um dia eu disse assim: "Ó Vô eu posso fazer como tu? E ele disse que sim. Então ele ensinou-me a plantar.

	C.- Eu aprendi a não ter medo e alturas. Est.- Aprendeste a não ter medo de alturas? Boa! Como? C.- A minha amiga teve uma festa dentro do avião, e havia um sitio que era que alto e eu tinha, que tinha que subir e tinhas de saltar para um colchão. E eu estava com muito medo. Mas depois eu consegui. A.A.- Para mim, aprendi a nadar Est.- Sim, numa piscina? A.A.- Sim. O meu pai me ensinou a nadar a partir dos cinco, seis, sete anos, porque estava numa praia, uma praia. Tinha boias de roda. Comecei-me a afogar, a afogar. Bati os braços para cima e depois aprendi a nadar. S.S.- Também aprendi a nadar e a tirar leite das tetas da vaca. Est.- Aonde é que aprendeste a tirar leite da vaca? A.A.- Ahh eu também aprendi. Est.- Onde é que foi? S.S.- Foi na terra do padrinho do meu irmão. Est.- Ok. S.S.- Eu estava a dormir, toda a gente a dormir e era 07h00. Só que eu acordei porque lá era muito calor e tinha uma janela bater o sol na minha cara e eu fui buscar a uvas à cozinha, comi-as e depois eu fui ver os cavalos. Como é que eles estavam. A ver se eles ainda tinham comida, senão ia acordar o padrinho do meu irmão. E depois, quando eu fui ver as vacas, tinha lá umas coisas nas tetas das vacas e depois eu tirei. Dei três festinhas nelas, meti um balde em baixo e fiz isto N.- Eu aprendi a andar de bicicleta com duas rodas, aos 5 anos porque eu adorava andar de bicicleta. E então um dia que nós fomos à loja e meu avô ofereceu prenda, uma bicicleta. Então eu e o meu avô fomos para a garagem. E foi. E eu tinha muito medo. E então eu não conseguia à primeira, não consegui à segunda e não consegui à terceira. E depois, quando eu bati, quando eu bati em um sítio, não sei. Eu tentei outra vez e meu avô foi comigo
--	--

	e depois largou-me e eu não sabia que ele não estava lá e eu estava a andar sozinho. I.- Eu aprendi a não tem medo de alturas. Eu estava em um parque, eu estava a aproveitar com o meu padrinho que ia-se embora no dia a seguir. Eu fui andar num brinquedo que é tipo um canguru que sobe desce sobe desce. E a minha mãe não me deixava andar, mas quando fui para o meu pai, o meu pai deixou-me andar e eu aí aprendia a não ter medo das alturas porque aquele era o brinquedo mais alto que eu... Depois, antes, depois no dia a seguir, eu fui para a minha mãe e fomos ao mesmo parque. E a gente andou num outro brinquedo que parecia que ia bater nos outros uns nos outros. E não, e a minha mãe ia vomitando-se e depois quando foi à casa de banho acabou por se vomitar. E.- Eu perdi o medo de andar de avião. É porque eu estava. Eu vinha para a Europa. E era o meu segundo voo Internacional. E no primeiro que eu fui nos últimos três anos eu não tinha esse medo. Mas aí eu fui eu que para eu ir para o Luxemburgo, não eu ia para Paris. Eu comecei a ficar muito triste, porque eu ia sair do Brasil, e eu estava chorando muito. E aí aí eu vi que o avião era muito legal e eu perdi o medo. Mas quando eu fui de Luxemburgo para Portugal esse se mexia todo
Valores e atitudes	S.S.- Então, houve um dia que eu estava na rua com a minha mãe, com mais alguns primos emprestados. Est.- Sim? S.S.- Família emprestada. E eu aprendi a não sair de vista. A minha mãe comprou-me um saco cheio de comida. Est.- Sim. S.S.- E a gente depois teve que ir acampar. Fomos acampar e aí a gente desceu no autocarro e estava lá um sem abrigo e a minha mãe disse que era para eu andar mais rápido. Só que eu dei um pouco aos senhores e a minha mãe achou bem. Ela disse que eu devo continuar assim, não posso ser egoísta e depois o senhor depois foi-me agradecer

	E.- Eu aprendi a andar sozinha na rua sem os meus pais. Est.- Foi? E como é que aprendes-te isso? E.- É porque eu estava no Brasil e a minha mãe foi para a Croácia. Eu tive que ficar com a família do meu pai e meu pai também estava lá. Então eu tive que ir do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul. E aí quando eu cheguei lá, tinha umas primas minhas que eu não conhecia. Eu conheci elas e nisso o meu pai, ele nem ligava o meu pai e ele deixava fazer tudo, menos a minha mãe, que a minha mãe morria de medo e ele me deixou sair de casa sozinha. Mas eu estava morrendo de medo. E aí ele me deixou com as minhas primas e ele saiu escondidinho e eu consegui. A.A.- Pois isso também me aconteceu. Est.- Também? Então? A.A.- Bem como estava vindo de uma casa, de um amigo do meu pai lá na Romênia, estava a andar num carro, cheguei na casa dos meus bisavós, depois foi de dentro, foi para dentro da casa vestir a roupa e vi que os meus pais não estavam lá porque não saíram do carro. Foram para a casa do meu primo. N.- Foi com o meu primo e aprendi a ter mal perder. Est.- Aprendeste a ter mal perder? Como é que isso aconteceu? N.- Foi. Não foi na escola, foi bem perto da escola. Foi no pátio que estavam todos os meus amigos e a minha professora na Suíça. E então nós fizemos de jogos muitos, muitos, muitos jogos. Fizemos coisas, cozinhamos tudo isso e enquanto eu cozinha e depois fui para mais jogos e mais jogos. E quando eu fui para um sítio que só havia jogos de tabuleiros, estávamos a jogar todos e eu só tinha mal perder, Eu chorava quando perdia. E depois a minha professora disse para não fazer isso. Depois, quando fui jogar mais uma vez, eu perdi e não chorei.
Interesses	I.- Eu quando estou no parque, eu não vou muito ao parque só com o meu pai, sempre que eu vou com a minha mãe ao parque só dá ao fim de semana. Porque durante a semana fecham o parque às 6h da tarde, mas quando vou com o meu pai, ele vem me buscar sempre às três e meia e a gente convence-o a ir buscar os nossos overboards a casa e ir brincar com eles lá para o

	parque. Porque o parque tem uma parte que é todaaaa lisa e vai dar lá a cima e cá abaixo. N.- Eu gosto de ir para os meus treinos. Est.- Treinos de que? N.- Maitai S.S.- Eu gosto de estar com os meus amigos e amigas. Est.- A fazer? S.S.- Em festas, a parte mais triste é quando o meu pai me manda mensagem para eu ir para casa. A.A.- Eu gosto de ir para o ar livre com o meu pai porque gosto muito de andar de bicicleta. Est.- E gostas de ir para o ar livre andar de bicicleta? Boa. A.A.- Sim, vou para o parque, brincar à bola com meninos que estão lá e depois volto para casa andar de bicicleta, o meu pai a segurar a minha bola. E.- Eu gosto de brincar com o meu pai no balanço porque a minha mãe quase morre do coração porque o meu pai me joga lá... e eu também gosto de brincar muito com os meus animais, eu gosto de caminhar meu cachorrinho, eu gosto de ir à piscina, andar de bicicleta é isso e não gosto de matemática. Est.- C. o que é que gostas de fazer na rua? C.- Gastar dinheiro. J.S.- Eu gosto andar com bicicleta e jogar bola com meus migos. Est.- Muito bem! No parque? Ou na estrada? J.S.- No parque.
O que gostavam de aprender	N.- Eu gostava de aprender a desenhar bem, eu gostava de fazer um piquenique com a turma.

	I.- Eu gostava que a Marta me ajudasse a aprender a fazer matemática. J.S.- Eu gostava de aprender a falar português. C.- Eu gostaria de aprender a desenhar, fazer um piquenique com a turma. E.- Eu gostava de aprender a dirigir, mas isso não vai ser possível agora. Fazer o jogo da cidade com a turma. Viajar com a turma, que é muito legal a outra vez que eu fiz com a minha outra turma. Fazer um piquenique com a turma. E ir na praia com a turma. A.A.- Eu gostava de fazer amigos e jogar à bola com os amigos. N.- Como formam criadas as borrachas eu não sei. A.A.- Eu queria saber como é que a caneta... como a tinta da caneta é feita. E.- Aprender a cozinhar S.S.- Eu gostava de fazer um piquenique... vou passar vergonha... com a minha namorada e com a Marta. Eu gostava que a Elena fosse minha amiga e gostava que fossemos andar de avião e que tivesse amigos. Ir ao museu do japão da otokise e conhecer os criadores que fizeram os animes.
O que podemos aprender com...	Est.- Quando acabares diz. E olhem o que é que podemos aprender com o piquenique? E.- A dividir. Est.- Boa, e mais? A.A.- A brincar juntos. Est.- E acham que no jardim nós podíamos aprender português?

	N.- Sim! A.A.- Acho que sim. E.- Com algumas coisas. Est.- Com o que? N.- Dizemos plantas, isto é uma P-lan-ta Est.- Okay e mais? A.A.- Aprender regar, regar uma flor Est.- Sim, mas onde é que temos aí o português? A.A.- Pois. E.- Falando. Est.- Falar sim, l. achas que podemos? I,- (encolhe os ombros) Sim... E.- Com as marcas das comidas, lermos a marca das comidas a gente consegue ler. Est.- Acham que dá para aprender a escrever um texto descritivo? E.- humm não. A.A.- Mais ou menos. N.- Com ajuda. Est.- Com ajuda? Boa. E no museu o que acham que podiam aprender? Todos- Muita coisa. Est.- Um exemplo? A.A.- Aprendermos que a segunda guerra mundial. Est.- Podemos, não quer dizer que seja isso que vamos fazer. E podemos aprender matemática no museu? C.- Não. N.- Sim, é só calcular os ângulos ali 90°. C.- Podíamos aprender a história de um país. A.A.- Aprendermos sobre os dinossauros que sobreviveram mil anos. Est.- Certo. E podemos aprender sobre artes?
--	---

	Todos.- Sim.
--	---------------------

Anexo D- Transcrição Focus Group 2.

Estagiária – **Est.**

Entrevistados:

R., L., A.P., M.P., S.O., J.M., A.S., M.I.

Est.- Estão todos confortáveis?

Grupo- Sim.

R.- Não estão-me a doer as costas.

Est.- Estão-te a doer as costas R.?

R.- Desde manhã.

Est.- Vamos ter que falar um bocadinho alto, porque aqui estamos ainda um pouco separados por causa do sítio de onde estamos sentados. Isso é não podemos falar para dentro, para o gravador apanhar porque senão depois a passar o que disseram já não me vou lembrar.

Est.- Então, a primeira pergunta que eu tenho para vos fazer é o que vocês já aprenderam lá fora, ou seja, fora da escola, fora da sala de aula? L.

L.- Comandar um robô.

Est.- Como é que aprendeste isso?

L.- Com um robô.

Est.- Ok, boa, A.P.

A.P.- Mas aprendemos lá fora, sem ser na escola, numa visita de estudo?

Est.- Pode ser visitas de estudo, pode ser com as vossas famílias, mas lá fora também fora de casa. É sempre na rua, nos Jardins, nos parques. S.O.

S.O.- Eu aprendi a soltar... Eu a... aprendi a comandar um drone.

Est.- Ok, e aprendeste isso com quem?

S.O.- Com o meu pai.

Est.- E estavas a onde quando aprendeste?

S.O.- Estava no parque.

Est.- Muito bem, A.P. podes falar.

A.P.- Então, eu aprendi a montar uma maquete de giz.

Est.- A sério? Que giro e como é que fizeste isso?

A.P.- Foi numa visita de estudos que foi a turma inteira e lá tinha pessoas e nós estávamos a colar maquetes.

Est.- E isso foi em que sítio? Lembras-te do nome? Como se chamava o sítio?

A.P.- Museu do Dafundo.

Est.- Museu Dafundo? Não conheço. M.P.

M.P.- Aprendi a saltar à corda.

Est.- A onde?

M.P.- Na Rua.

Est.- E estavas com quem?

M.P.- Com o meu pai. Não. Foi no parque.

Est.- Foi no parque e estavas com o teu pai. Muito bem. L.

L.- Aprendi a andar de bicicleta.

Est.- Boa! Tu também A.P.?

A.P.- Sim!

Est.- E vocês? Alguma vez pensaram, por exemplo, que estavam no parque e aprenderam qualquer coisa, como por exemplo, matemática. Não R.? (este estava a acenar com a cabeça a dizer que não)

R.- Não.

Est.- Ok, L.

L.- Aprendi uma conta de vezes, aprendia as tabuadas.

Est.- Aprendeste as tabuadas a onde?

L.- Num parque.

Est.- Como é que aprendeste a tabuada no parque?

L.- Eu estava a olhar para as plantas, depois comecei a inventar uma música para fazer as tabuadas.

Est.- A sério? Uma música para fazer as tabuadas. Boa! A.S.

A.S.- Aprendi Inglês na rua.

Est.- Como é que aprendeste inglês na rua? (R. começa a rir-se) Espera aí. Isto não é para rir. Qualquer resposta é válida, é correta porque ajuda-me a perceber o que é que eu posso fazer e o que vocês já sabem. Desculpa A.S., Continua.

A.S.- Eu aprendi inglês.

Est.- Como?

A.S.- Com livro.Na rua.

Est.- Ok, boa. M.P.

M.P.- Eu aprendi a fazer uma conta de dividir.

Est.-Como é que aprendeste a conta de dividir?

M.P.- O meu pai estava a fazer contas e eu disse e acertei.

Est.- Boa, A.P.

A.P.- Eu aprendi a andar de skate

Est.- Aprendeste a andar de skate, muito bem. Aonde?

A.P.- Era num pátio num prédio

Est.- Boa. S.O.

S.O.- Eu aprendi a ter mais tabuadas, mas fiz diferente da L.. Eu olhei para as flores, pensei numa conta e fui contando as flores.

Est.- Boa. M.P.

M.P.- Aprendi a andar de overboard no parque.

Est.- Aprendeste a andar de overboard no parque. Boa!

M.P.- Com os meus pais.

Est.- Foi? Boa, M.I.

M.I.- Eu.. eu... Eu aprendi a andar de bicicleta. No meu país.

Est.-No teu país, qual é o teu país?

M.I.- Bangladesh.

Est.- Bangladesh. Boa! L. e depois S.O. e depois passamos á próxima pergunta.

L.- Eu aprendi a andar de overboard na entrada do Lidl.

Est.- Na entrada do Lidl? E ninguém foi lá chatear-se contigo?

L.- Não.

Est.- Boa ainda bem!. S.O.

S.O.- Eu sou Romeno.

Est.- És romeno? A sério? Muito bem.

Est.- A outra pergunta é: O que é que vocês gostam de fazer fora da escola, mas fora da escola! Mas não é em casa, fechados a jogar PlayStation.

A.P.- Tem assim muitas coisas.

Est.- A.P.

A.P.- Jogar futebol.

Est.- Jogar futebol. M.I.

M.I.- Jogar futebol.

Est.- Também?

(M.I. Acena com a cabeça a dizer que sim.)

Est.- Queres dizer, J.M.?

J.M.- ir ao parque.

Est.- E o que gostas de fazer no parque?

J.M.- Brincar.

Est.- Boa. R.

R.- Jogar à rabia com os meus amigos e com a bola.

Est.- Muito bem, jogar à rabia. L.

L.- Eu gosto de desenhar com o meu kit de desenhos no parque.

Est.- Muito bem. E o que tu gostas de desenhar?

L.- Pessoas, especificamente meninas.

Est.- Boa. M.P.

M.P.- Gosto de ir para os treinos jogar, jogar troneio com os meus amigos.

Est.- Boa. E quando não estás nos treinos? O que gostas de fazer lá fora?

M.P.- Treinar para o próximo jogo de futebol.

Est.- Só gostas de jogar futebol nos seus tempos livres? É isso?

R.- Sim eu também faço isso.

M.P.- Não.. Também gosto de correr.

Est.- Gostas de correr ok. A.S.

A.S.- Andar de cavalo,

Est.- Andar de cavalo? Boa! S.O. podes dizer.

S.O.- Jogar bola, andar de bicicleta, correr, jogar à apanhada, escondidas.

Est.- Ok, boa. A.P.

A.P.- E viajar.

Est.- E gosta de viajar para aonde?

A.P.- Para o Algarve é muito bom. Tem outros lugares que eu queria conhecer, mas nunca viajei.

Est.- Tens muito tempo ainda para viajares para todos esses lugares. R.?

(R. abana a cabeça em sinal que não quer responder.)

Est.- L.

L.- Ballet, natação, piano, música, dança criativa.

Est.- Auu! Tanta coisa L. Agora és tu M.P.

M.P.- Ir para o parque com o meu primo, com as minhas primas, com o meu pai, com a minha mãe

Est.- E que costumam fazer quando vão ao parque?

M.P.- Andar de baloiço.

A.P.- Eu gosto de ir para a praia com os meus amigos e ir para festas de aniversário, eu também gosto.

Est.- Ok boa A.P., podes falar L.

L.- Também gosto de desenhar as coisas que vejo.

Est.- Ok, boa. E agora que já ouvimos o que vocês gostam de fazer lá fora, eu queria saber, mas para isso vocês precisam de escrever. Esta é a parte em que todos vocês vão escrever. Oçam com atenção. Primeiro pensam: O que é gostavam que eu e a Mariana vos ensinássemos, ou seja, o que é que vocês gostavam de aprender lá fora? Não é dentro da sala de aula. Que vocês gostavam de aprender em museus, nos jardins, etc. Podem escrever, se se enganarem não tem mal.

R.- Só temos que escrever.

Est.- E para escrever o vocês gatariam. Não precisa fazer uma frase. Eu quero que vocês escrevam o que vocês gostavam de aprender nos museus, no jardim, lá fora. Fora da escola, na rua, na cidade.

A.P.- Ah! Já sei. Eu gostaria que...

Est.- É para escrever. Escreve primeiro e depois já dizes. Aqui não há respostas erradas. Podem escrever quantas coisas quiserem.

R.- Já escrevi.

Est.- Já escreveste? Deixa só todos terminarem.

Est.- A.P., então diz o que gostarias de aprender.

A.P.- Gostaria que a Marta e a Mariana nos ensinassem a pilotar um avião.

Est.- Boa. J.M. agora és tu.

J.M.- Eu gostava de ir a um museu.

Est.- E gostarias de ir a que museu? Há algum que gostarias muito de ir?

J.M.- Ao museu do Castelo.

Est.- Ao do castelo de são Jorge?

J.M.- Sim.

Est.- Então escreve aí que é ao castelo de são Jorge, se faz favor. E o que gostavas de aprender lá? a história ou outra coisa?

J.M.- A história.

Est.- Boa. R.

R.- Conhecer ruas que eu nunca fui e também ir ao Algarve.

Est.- Ok.Boa. Diz L.

L.- Escrever o que vejo, escrever o que oiço, desenhar o que oiço, fazer as contas completas.

Est.-Ok. Gosto. M.I.

M.I.- Eu gostava de ir no museu para aprender sobre os dinossauros.

Est.- Ok, boa. M.P.

M.P.- Aprender coisas sobre flores e sobre os planetas, aprender jogos. Queria que a Marta e a Mariana ensinasse-me a andar de carro.

Est.- OK, essa é um bocadinho difícil. A.S.

A.S.- Museu de Arte

Est.- Ir ao museu de Arte? Boa. S.O.

S.O.- Como fazem os vidros?

Est.- Boa. M.P.

M.P.- Ir de mota.

Est.- Oh M.P. cada uma mais difícil que a outra, não me parece que dê para vos ensinar isso. L.

L.- Aprender sobre a natureza e ao Museu de arte, também.

A.P.- Andar de avião é mais fácil do que andar de mota.

Est.- Diz M.P.

M.P.- Ir trepar as montanhas

Est.- Eu só queria saber mais uma coisa. Além da matemática que vocês aprenderam no jardim e de andar de bicicleta e essas coisas, aprenderam mais alguma coisa, que se lembrem, e acham que foi muito importante? A.S.

A.S.- A reciclar.

Est.- Reciclar boa, e como é que aprendeste a reciclar, lá fora?

A.S.- Vi o lixo no chão. Eu já limpei um jardim todo.

Est.-Mais alguma coisa? R., diz o que estás a pensar? Não há respostas erradas.

R.- Já me esqueci.

Est.- L.

L.- Aprendi a conduzir um carro telecomandado.

Est.- A conduzir um carro telecomandado boa. Mais alguma coisa acerca desta pergunta?

J.M.- Eu

Est.- Diz J.M.

J.M.-Eu na biblioteca.

Est.- O que aprendeste na biblioteca?

J.M.- Ouvir as histórias dos animais.

Est.-Ok boa. M.P.

M.P.- Aprendi uma coisa que eu nunca gostei.

Est.- O que é que tu aprendeste que nunca gostaste?

M.P.- Desenhar

Est.-Não gostas de desenhar?

M.P.-Não. Nunca. Nunca gosto.

L.- Eu também aprendi a desenhar na rua.

Est.-Também foi na rua que aprendeste. E tu M.I.?

M.I.- Eu gosto de ouvir histórias sobre o todo o mundo. O mundo é muito antigo.

R.- Nós podemos dizer coisas que aprendemos, mas não podemos ainda fazer?

Est.-Podes.

R.-A andar de moto.

Est.- Aprendeste a andar de mota? Boa. L.

L.- Aprendi a desenhar os olhos como a minha mãe faz.

Est.- UAU. Gosto muito e já agora, quem é que aqui, não gosta de fazer nada relacionado com artes?

A.P.- Nada..

Est.- Nada?

A.P.- Como assim? Artes?

Est.- Música, quem gosta de música?

(os alunos levantam todos o dedo)

Est.- Todos gostam de musica.

Est.- Quem gosta de teatro?

S.O.- Ah. Não gosto.

Est.- Não são as aulas de teatro, é teatro no geral. Não gostas de teatro, J.M?

J.M.- Não.

Est.- Porquê?

J.M.- É os sons de música mais altos. fazem confusão.

Est.- Pois é, às vezes os sons mais altos fazem confusão.

Est.- E quem é que gosta de dançar?

J.M.- É o meu dom, é o meu talento.

M.P.- Ah, as meninas, é obvio.

Est.- Mas olha que os meninos também podem gostar de dançar.

R.- Eu e o M.P. dançamos.

M.P.- Temos aulas de hippop porque temos que fazer, não é?.

L.- Nas minhas aulas de dança criativa eu sou muito boa.

M.P.- Mas no HipPop fazemos também jogos.

Est.- Mas dançar não é necessariamente só dançar, pode ser outras coisas.
Mas vocês fazem os dois HipPop?

R.- Sim, sim.

Est.- Aonde?

R.- No ATL.

J.M.- Marta.

M.P.- Aprendemos a fazer relógio.

J.M.- Marta.

Est.- Diz, J.M.

J.M.- Tu sabes que dançar é o meu dom e isso significa, dom é o meu talento.

Est.- Muito bem J.M. é isso mesmo que dom significa. Gosto muito de saber isso. E, por último, quem é que gosta de fazer de fazer expressão plástica?

L.- A expressão plástica é desenhar e construir coisas.

Est.- Sim é desenhar e construir coisas.

A.P.- Pintar.

Est.- Não é só pintar.

M.P.- Pintar e desenhar não, mas já agora, fazer outras coisas sim.

Est.- Fazer, por exemplo, esculturas?

R.- Sim, com plasticina.

J.M.- Eu tudo. Eu gosto de tudo o que é artes.

M.P.- Eu gosto de ficar de olhos vendados e ouvir as coisas e escrever.

Est.- Ok, boa. Isso parece ser muito interessante. Vou pensar e investigar sobre isso.

L.- Eu já escrevi isso assim.

Est.- A.P., qual foi a outra coisa que tinhas escrito, aí?

A.P.- Irmos ao cinema e ver sobre os dinossauros.

Est.- Ok. Todos aqui gostavam de saber mais sobre dinossauros?

R.- Sim.

Est.- J.M., gostavas de saber sobre dinossauros?

J.M.- Não.

Est.- E tu A.S.?

A.S.- Sim.

Est.- Está bem meninos, obrigada mais uma vez.

Anexo E- Análise do Focus Group 2.

Dimensão	Conteúdo
Experiências no jardim	S.O.- Eu aprendi a soltar... Eu a... aprendi a comandar um drone. Est.- Ok, e aprendeste isso com quem? S.O.- Com o meu pai. Est.- E estavas a onde quando aprendeste? S.O.- Estava no parque. M.P.- Aprendi a saltar à corda. Est.- A onde? M.P.- Na Rua. Est.- E estavas com quem? M.P.- Com o meu pai. Não. Foi no parque. Est.- Foi no parque e estavas com o teu pai. Muito bem. L. L.- Aprendi uma conta de vezes, aprendia as tabuadas. Est.- Aprendeste as tabuadas a onde? L.- Num parque. Est.- Como é que aprendeste a tabuada no parque? L.- Eu estava a olhar para as plantas, depois comecei a inventar uma música para fazer as tabuadas. Est.- A sério? Uma música para fazer as tabuadas. Boa S.O.- Eu aprendi a ter mais tabuadas, mas fiz diferente da L.. Eu olhei para as flores, pensei numa conta e fui contando as flores. M.P.- Aprendi a andar de overboard no parque.
Experiências no museu	A.P.- Então, eu aprendi a montar uma maquete de giz. Est.- A sério? Que giro e como é que fizeste isso? A.P.- Foi numa visita de estudos que foi a turma inteira e lá tinha pessoas e nós estávamos a colar maquetes.

	Est.- E isso foi em que sitio? Lembras-te do nome? Como se chamava o sítio? A.P.- Museu do Dafundo
Experiências na rua	A.S.- Aprendi Inglês na rua. Est.- Como é que aprendeste inglês na rua? (R. começa a rir-se) Espera aí. Isto não é para rir. Qualquer resposta é válida, é correta porque ajuda-me a perceber o que é que eu posso fazer e o que vocês já sabem. Desculpa A.S., Continua. A.S.- Eu aprendi inglês. Est.- Como? A.S.- Com livro. Na rua M.P.- Aprendi uma coisa que eu nunca gostei. Est.- O que é que tu aprendeste que nunca gostaste? M.P.- Desenhar Est.- Não gostas de desenhar? M.P.- Não. Nunca. Nunca gosto. L.- Eu também aprendi a desenhar na rua.
Experiências	L.- Comandar um robô. Est.- Como é que aprendeste isso? L.- Com um robô. L.- Aprendi a andar de bicicleta. Est.- Boa! Tu também A.P.? A.P.- Sim! M.P.- Eu aprendi a fazer uma conta de dividir. Est.- Como é que aprendeste a conta de dividir? M.P.- O meu pai estava a fazer contas e eu disse e acertei. Est.- Boa, A.P. A.P.- Eu aprendi a andar de skate

	Est.- Aprendeste a andar de skate, muito bem. Aonde? A.P.- Era num pátio num prédio
Valores e atitudes	A.S.- A reciclar. Est.- Reciclar boa, e como é que aprendeste a reciclar, lá fora? A.S.- Vi o lixo no chão. Eu já limpei um jardim todo. J.M.-Eu na biblioteca. Est.- O que aprendeste na biblioteca? J.M.- Ouvir as histórias dos animais.
Interesses	A.P.- Jogar futebol. M.I.- Jogar futebol. J.M.- ir ao parque. Est.- E o que gostas de fazer no parque? J.M.-Brincar. R.- Jogar à rabia com os meus amigos e com a bola L.- Eu gosto de desenhar com o meu kit de desenhos no parque. Est.- Muito bem. E o que tu gostas de desenhar? L.- Pessoas, especificamente meninas. M.P.- Gosto de ir para os treinos jogar, jogar troneio com os meus amigos. Est.- Boa. E quando não estás nos treinos? O que gostas de fazer lá fora? M.P.- Treinar para o próximo jogo de futebol. M.P.- Não.. Também gosto de correr.

	A.S.- Andar de cavalo, S.O.-Jogar bola, andar de bicicleta, correr, jogar à apanhada, escondidas A.P.- E viajar. L.- Ballet, natação, piano, música, dança criativa. M.P.- Ir para o parque com o meu primo, com as minhas primas, com o meu pai, com a minha mãe Est.- E que costumam fazer quando vão ao parque? M.P.- Andar de baloiço. A.P.- Eu gosto de ir para a praia com os meus amigos e ir para festas de aniversário, eu também gosto L.- Também gosto de desenhar as coisas que vejo Est.- Música, quem gosta de música? (os alunos levantam todos o dedo) Est.-Todos gostam de musica. Est.- Quem gosta de teatro? S.O.- Ah. Não gosto. Est.- Não são as aulas de teatro, é teatro no geral. Não gostas de teatro, J.M? J.M.-Não. Est.- Porquê? J.M.- É os sons de música mais altos. fazem confusão. Est.-E quem é que gosta de dançar? J.M.- É o meu dom, é o meu talento. M.P.- Ah, as meninas, é obvio.
--	--

	Est.- Mas olha que os meninos também podem gostar de dançar. R.- Eu e o M.P. dançamos. M.P.- Temos aulas de hippop porque temos que fazer, não é?. L.- Nas minhas aulas de dança criativa eu sou muito boa. M.P.-Mas no HipPop fazemos também jogos. L.- A expressão plástica é desenhar e construir coisas. Est.-Sim é desenhar e construir coisas. A.P.- Pintar. Est.-Não é só pintar. M.P.-Pintar e desenhar não, mas já agora, fazer outras coisas sim. Est.- Fazer, por exemplo, esculturas? R.-Sim, com plasticina. J.M.-Eu tudo. Eu gosto de tudo o que é artes. M.P.- Eu gosto de ficar de olhos vendados e ouvir as coisas e escrever.
O que gostavam de aprender	A.P.- Gostaria que a Marta e a Mariana nos ensinassem a pilotar um avião. J.M.- Eu gostava de ir a um museu. Est.-E gostarias de ir a que museu? Há algum que gostarias muito de ir? J.M.- Ao museu do Castelo. Est.- Ao do castelo de são Jorge? J.M.- Sim. Est.- Então escreve aí que é ao castelo de são Jorge, se faz favor. E o que gostavas de aprender lá? a história ou outra coisa? J.M.- A história. R.- Conhecer ruas que eu nunca fui e também ir ao Algarve.

	L.- Escrever o que vejo, escrever o que oiço, desenhar o que oiço, fazer as contas completas. M.I.- Eu gostava de ir no museu para aprender sobre os dinossauros M.P.- Aprender coisas sobre flores e sobre os planetas, aprender jogos. Queria que a Marta e a Mariana ensinasse-me a andar de carro. A.S.- Museu de Arte Est.- Ir ao museu de Arte? Boa. S.O. S.O.- Como fazem os vidros? M.P.- Ir de mota. L.- Aprender sobre a natureza e ao Museu de arte, também. M.P.- Ir trepar as montanhas M.I.- Eu gosto de ouvir histórias sobre o todo o mundo. O mundo é muito antigo. A.P.- Irmos ao cinema e ver sobre os dinossauros.
--	--

Anexo F- Guião da Entrevista à professora cooperante.

Blocos Temáticos	Objetivos	Perguntas	Observações
1 Legitimação da Entrevista Motivação do/a entrevistado/a	Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a, justificando a relevância da colaboração para a realização do projeto de investigação. Solicitar o consentimento para a gravação da entrevista / recolha de outras informações. Agradecer o tempo despendido		
2 Caracterização do/a entrevistado/a	Conhecer o/a entrevistado/a e identificar o seu papel na instituição. Conhecer o meio e o local onde desempenha funções.	• Qual é a sua formação? • Há quantos anos exerce a profissão docente? • Há quantos anos está nesta instituição? • Como descreve esta escola? • Como descreve o seu meio envolvente?	fazer pergunta sobre os espaços exteriores, se a resposta não os incluir
3 Conceções sobre a utilização do espaço exterior à escola para a aprendizagem	Conhecer quais as conceções que o/a entrevistado/a tem relativamente à utilização do espaço exterior. Saber quais as condições necessárias para sair com uma turma ao espaço exterior à escola.	• Quais considera serem os benefícios/contributos que os espaços exteriores à escola trazem às aprendizagens dos alunos? • Quais considera serem as condições necessárias (humanas/ materiais) para sair com uma turma para um espaço exterior à escola?	
4 Prática da utilização do espaço exterior à escola	Conhecer quais as práticas que o/a entrevistado/a tem relativamente à utilização do espaço exterior.	• Quais são as razões que levam a professora a fazer visitas fora da escola? • Quantas visitas aos espaços exteriores à escola costuma fazer por ano? • Que sítios costuma visitar com as suas turmas? E o que costuma fazer nesses locais?	

		• Que outros sítios gostaria de visitar, para além dos que já visitou? • Quais são os critérios que utiliza para fazer a seleção desses locais? • Como costuma fazer a organização das visitas?	
5 Relação alunos com o espaço exterior à escola	Conhecer quais as perspetivas que o/a entrevistado/a tem relativamente à relação dos alunos com o espaço exterior.	• Qual é a atitude que os alunos costumam ter durante as visitas (interesse, participação, etc.)? • Quais são as aprendizagens que os alunos realizam nestas visitas? • Considera que, nestas visitas, os alunos realizam aprendizagens para além do currículo escolar (aprendizagens essenciais)? Quais?	Esta pergunta será realizada caso, anteriormente, apenas tenham sido referidas aprendizagens do currículo
6 Obstáculos/dificuldade que existem na utilização do espaço exterior à escola	Identificar quais os obstáculos que existem relativamente à utilização do espaço exterior. Conhecer estratégias para superar os constrangimentos relativamente à utilização do espaço exterior.	• Quais as dificuldades/obstáculos que encontra relativamente à utilização dos espaços exteriores? • Como é que ultrapassa esses obstáculos? • Que apoios gostaria de ter para poder realizar mais visitas a espaços exteriores à escola?	

Anexo G- Transcrição da Entrevista à Professora Cooperante.

Antes do início da gravação, foi pedida a autorização para gravar a entrevista e agradeci a disponibilidade e o tempo despendido.

Est- Estagiária (eu)

Pf- Professora cooperante

Est -Vamos começar a primeira pergunta: é qual é a sua formação?

Pf - Eu tenho licenciatura em professora do primeiro ciclo do ensino básico e tenho especialização em ensino especial na vertente de domínio cognitivo e motor (910).

Est - Há quantos anos é que exerce a profissão docente?

Pf - No quê? Do primeiro ciclo? Ou no ensino especial?

Est - As duas.

Pf - Então, eu acabei o curso em 2004 e pronto. Desde aí. É só fazerem as contas.

Est - Há quantos anos é que está aqui, nesta instituição?

Pf - Então eu estive este ano e estive há 2 anos, no primeiro ano de pandemia.

Est - Como é que descreve esta escola?

Pf – Familiar, familiar.

Est - E o seu meio ambiente?

Pf –(pausa) Peculiar.

Est - E os espaços exteriores à escola? Nesta na comunidade, o que é e como é que considera serem.

Pf -Como é que eu considero? Olha, é turismo, é muito turismo e pronto e é uma população, aqui à volta da escola, um bocadinho envelhecida ou turismo de hostels.

Est - Quais considera serem os benefícios/ contributos que os espaços Exteriores trazem à escola e às aprendizagens dos alunos?

Pf - Estarmos perto do castelo é um grande contributo, porque é um espaço que tanto dá para explorar a matemática, como o português, como o estudo do meio, como as expressões, dá...ali dá tudo.

Est -Quais considera serem as condições necessárias tanto humanas como materiais para sair com a turma para o espaço exterior à escola?

Pf - o que é que? desculpa, perdi-me.

Est -Quais considera serem as condições necessárias humanas, para sair com a turma para um espaço exterior à escola?

Pf - Haver a turma, o docente e um auxiliar.

Est - E os materiais?

Pf -Materiais?

Est - Não considera haver nenhum material necessário?

Pf -Não.

Est - Quais são as razões que levam a professora a fazer visitas fora da escola?

Pf - Porque é que eu faço visitas?

Est -Sim

Pf- Então... porque é que considero se que sejam importantes?

Est- Exatamente.

Pf - Então porque a aprendizagem no exterior é muito importante, tanto dentro da sala de aula como exteriormente.

Est - Quantas visitas ao espaço exterior à escola costuma fazer, mais ou menos, por ano? Assim um número por alto, uma estimativa ...

Pf -Eu sei lá! Olha agora! isso era pra ter perguntado antes para fazer um trabalho de casa. Olha agora! Não faço a mínima ideia. Então, agente vai ao teatro, vai à..... a gente faz muitas. Vai ao Castelo, agente faz tantas. Sei lá eu. Não faço a mínima ideia. Depois temos as atividades também exteriores à escola. Sei lá, todas as semanas fazemos pelo menos uma (faz referência às aulas de educação física que são dadas num espaço exterior à escola) . É só contar o número de semanas.

Est - Que sítios costuma visitar com as turmas e o que costumam fazer nesses locais?

Pf - Depende da turma.

Est – Por exemplo para esta turma.

Pf -Com esta turma fizemos ao museu da arqueologia no início do ano, fizemos no museu de etnologia, fizemos teatro da voz e o outro... como ele se chama ... ai não me lembro . Aquele ali em baixo.

Est -Aquele em que nós também fomos com a professora C.?

Pf - Sim vocês foram com a professora C.

Est - Já sei qual é, o Teatro Taborda.

Pf- Também fomos lá ...na.... aquilo que vocês foram comigo. Acho eu!

Est – Ao teatro?

Pf - Não foram, não foram.

Est - Teatro, só fomos ao que eles fizeram.

Pf - Pois, não.

Est - Foi ao da voz.

Pf- Esse foi o da voz. Não. Foi aquele em que fomos.... ai... lá para baixo, para, para o pé da , ai.....como é que se chama? Bem, isto.... vocês deviam ter começado o ano a fazer a entrevista ...o ano mesmo, não era o estágio, o ano mesmo... é quando a gente já está frescos, ao pé da ... aquele que é ao pé do ... agora também não me lembro.

Est - Santa Apolónia, não?

Pf - Santa Apolónia sim, não é Santa Apolónia é aquele mais para lá para o pé do mar.

Pf- Isto é o que dá não ser de Lisboa.

Est – Pois.

Pf – Ai, ó pá! Ao pé do Centro Cultural de Belém. Como é que aquilo se chama?

Est - Jerónimos?

Pf - Jerónimos... Não, não.

Est - Planetário? Não, CCB? Também não deve ser.

Pf - Não não. É teatro.

Est - Teatro... não estou a ver nenhum.

Pf - Vocês foram com a C. lá, de certeza.

Est – Não fomos.

Pf - Não? Eu já vos digo. Já vou ver ali autorizações, que estão ali no saco.

(Teatro Luís de Camões)

Est - No museu de arqueologia e no de etnologia, o que fizeram?

Pf - Então, vimos a exposição. Mentira, no de etnologia foi a exposição das suas religiões e no outro tiveram a fazer mosaicos. Sobre os mosaicos, a importância histórica dos mosaicos, depois construíram mosaicos, eles próprios.

Est – Que outro sítio gostaria de visitar, para além dos que já visitou com as turmas? Assim, aqui da escola, por exemplo.

Pf - Depende da turma, depende do que é que estamos a fazer, não é? Depende do projeto. Isso é muito....

Est – Sim sim. Quais são os critérios que utiliza para fazer seleção dos locais?

Pf – É o projeto

Est - É o projeto?

Pf - O projeto depois tem haver com as aprendizagens, tudo em volta.

Est –E como costuma fazer a organização das visitas?

Pf- Como assim?

Est - Costuma fazer, por exemplo, no início do ano? Vai fazendo ao longo do ano?

Pf - Normalmente é no início do ano que a gente faz, mais ou menos, a organização. Depois há umas que aparecem, por exemplo, o museu do teatro. Também fomos ao museu do teatro! Vou-me lembrando. O museu do teatro foi-me sugerido pelas bibliotecas, por causa do projeto do quarto ano.

Est - Qual é a atitude que os alunos costumam ter durante as visitas? O interesse, a participação etc .

Pf - Pronto, tu sabes. Participam. Até parece que não sabes.

Est – É para saber a sua opinião!

Pf - Ah, pronto. Peço desculpa

Est - Quais são as aprendizagens que os alunos realizam nestas visitas?

Pf - Depende da visita...isso é muito abstrato, não é?

Est - Sim, considera que nestas visitas os alunos realizam aprendizagens para além do currículo escolar?

Pf – Sim

Est -Quais?

Pf – Oh pá! Depende. Lá está!

Est - As principais, aquelas que considera acontecerem mais regularmente?

Pf - Cidadania, o nível da cidadania é o mais abrangente nas visitas, nas aprendizagens é.

Est - Quais as dificuldades/obstáculos encontra relativamente à utilização dos espaços exteriores?

Pf - Os utilizadores do espaço exterior. Às vezes estão a mais ...

Est- Sim, sim, é verdade.

Pf - É verdade! Por exemplo no castelo há muitos visitantes, quando fizemos a visita com no início do ano foi, não estava assim tanta gente como quando foi aquele da Páscoa, o peddy-paper ,estava muito mais gente, é muito mais confusa, é muito mais constrangedor.

Est – Sim. Como é que ultrapassa esses obstáculos?

Pf – Chou, chou, chou.... Então, espera-se um bocadinho que as pessoas saiam e avança-se

Est - Última pergunta é que apoios é que gostaria de ter para poder realizar mais visitas aos espaços exteriores à escola?

Pf – Monetário.

Est – Monetário? Pode-se então dizer que a questão monetária também é um constrangimento, um obstáculo?

Pf - É assim, sim e não, porque é assim, não me impede nada de fazer as visitas porque como veem fazemos muitas visitas, logo não é um impedimento. Podia era fazer mais diversificadas se houvesse...

Est – Chegamos ao fim da entrevista, mais uma vez obrigada.

Pf – De nada.

Anexo H- Análise da Entrevista à Professora Cooperante.

Dimensão	Conteúdo
Caracterização do/a entrevistado/a	Est -Vamos começar a primeira pergunta: é qual é a sua formação? Pf - Eu tenho licenciatura em professora do primeiro ciclo do ensino básico e tenho especialização em ensino especial na vertente de domínio cognitivo e motor (910). Est - Há quantos anos é que exerce a profissão docente? Pf - No quê? Do primeiro ciclo? Ou no ensino especial? Est - As duas. Pf - Então, eu acabei o curso em 2004 e pronto. Desde aí. É só fazerem as contas. Est - Há quantos anos é que está aqui, nesta instituição? Pf - Então eu estive este ano e estive há 2 anos, no primeiro ano de pandemia.
Caracterização da instituição pela perspetiva do/a entrevistado/a	Est - Como é que descreve esta escola? Pf – Familiar, familiar. Est - E o seu meio ambiente? Pf –(pausa) Peculiar. Est - E os espaços exteriores à escola? Nesta na comunidade, o que é e como é que considera serem. Pf -Como é que eu considero? Olha, é turismo, é muito turismo e pronto e é uma população, aqui à volta da escola, um bocadinho envelhecida ou turismo de hostels.
Conceções do/a entrevistado/a sobre a utilização do espaço exterior à escola para a aprendizagem	Est - Quais considera serem os benefícios/ contributos que os espaços Exteriores trazem à escola e às aprendizagens dos alunos? Pf - Estarmos perto do castelo é um grande contributo, porque é um espaço que tanto dá para explorar a matemática, como o estudo do meio, como as expressões, dá...ali dá tudo. Est -Quais considera serem as condições necessárias humanas, para sair com a turma para um espaço exterior à escola? Pf - Haver a turma, o docente e um auxiliar. Est - E os materiais?

	Pf -Materiais? Est - Não considera haver nenhum material necessário? Pf -Não.
Prática da utilização do espaço exterior à escola pelo/a entrevistado/a	Est - Quais são as razões que levam a professora a fazer visitas fora da escola? Pf - Porque é que eu faço visitas? Est -Sim Pf- Então... porque é que considero se que sejam importantes? Est- Exatamente. Pf - Então porque a aprendizagem no exterior é muito importante, tanto dentro da sala de aula como exteriormente. Est - Quantas visitas ao espaço exterior à escola costuma fazer, mais ou menos, por ano? Assim um número por alto, uma estimativa ... Pf -Eu sei lá! Olha agora! isso era pra ter perguntado antes para fazer um trabalho de casa. Olha agora! Não faço a mínima ideia. Então, agente vai ao teatro, vai à..... a gente faz muitas. Vai ao Castelo, agente faz tantas. Sei lá eu. Não faço a mínima ideia. Depois temos as atividades também exteriores à escola. Sei lá, todas as semanas fazemos pelo menos uma (faz referência às aulas de educação física que são dadas num espaço exterior à escola) . É só contar o número de semanas. Est - Que sítios costuma visitar com as turmas e o que costumam fazer nesses locais? Pf - Depende da turma. Est – Por exemplo para esta turma. Pf -Com esta turma fizemos ao museu da arqueologia no início do ano, fizemos no museu de etnologia, fizemos teatro da voz e o outro... como ele se chama ... ai não me lembro . Aquele ali em baixo. Est - No museu de arqueologia e no de etnologia, o que fizeram? Pf - Então, vimos a exposição. Mentira, no de etnologia foi a exposição das suas religiões e no outro tiveram a fazer mosaicos. Sobre os mosaicos, a importância histórica dos mosaicos, depois construíram mosaicos, eles próprios.

	Est – Que outro sítio gostaria de visitar, para além dos que já visitou com as turmas? Assim, aqui da escola, por exemplo. Pf - Depende da turma, depende do que é que estamos a fazer, não é? Depende do projeto. Isso é muito.... Est – Sim sim. Quais são os critérios que utiliza para fazer seleção dos locais? Pf – É o projeto Est - É o projeto? Pf - O projeto depois tem haver com as aprendizagens, tudo em volta. Est –E como costuma fazer a organização das visitas? Pf- Como assim? Est - Costuma fazer, por exemplo, no início do ano? Vai fazendo ao longo do ano? Pf - Normalmente é no início do ano que a gente faz, mais ou menos, a organização. Depois há umas que aparecem, por exemplo, o museu do teatro. Também fomos ao museu do teatro! Vou-me lembrando. O museu do teatro foi-me sugerido pelas bibliotecas, por causa do projeto do quarto ano.
Relação alunos com o espaço exterior à escola	Est - Qual é a atitude que os alunos costumam ter durante as visitas? O interesse, a participação etc . Pf - Pronto, tu sabes. Participam. Até parece que não sabes. Est - Quais são as aprendizagens que os alunos realizam nestas visitas? Pf - Depende da visita...isso é muito abstrato, não é? Est - Sim, considera que nestas visitas os alunos realizam aprendizagens para além do currículo escolar? Pf – Sim Est -Quais? Pf – Oh pá! Depende. Lá está! Est - As principais, aquelas que considera acontecerem mais regularmente? Pf - Cidadania, o nível da cidadania é o mais abrangente nas visitas, nas aprendizagens é.

Obstáculos/dificuldade que existem na utilização do espaço exterior à escola	Est - Quais as dificuldades/obstáculos encontra relativamente à utilização dos espaços exteriores? Pf - Os utilizadores do espaço exterior. Às vezes estão a mais ... Est- Sim, sim, é verdade. Pf - É verdade! Por exemplo no castelo há muitos visitantes, quando fizemos a visita com no início do ano foi, não estava assim tanta gente como quando foi aquele da Páscoa, o peddy-paper ,estava muito mais gente, é muito mais confusa, é muito mais constrangedor. Est – Sim. Como é que ultrapassa esses obstáculos? Pf – Chou, chou, chou.... Então, espera-se um bocadinho que as pessoas saiam e avança-se. Est - Última pergunta é que apoios é que gostaria de ter para poder realizar mais visitas aos espaços exteriores à escola? Pf – Monetário. Est – Monetário? Pode-se então dizer que a questão monetária também é um constrangimento, um obstáculo? Pf - É assim, sim e não, porque é assim, não me impede nada de fazer as visitas porque como veem fazemos muitas visitas, logo não é um impedimento. Podia era fazer mais diversificadas se houvesse...
---	--

Anexo I- Planificação Caça aos Ovos no Castelo de S.Jorge.

Caça aos ovos da Páscoa	
Objetivos	Conteúdos
Português Mobilizar experiências e saberes no processo de construção de sentidos do texto (AE Pt. 3.º e 4.º ano- p.8); Matemática Descrever características dos sólidos e distingui-los (AE Mt. 3.º ano – p.42); Identificar figuras planas e sólidos geométricos no espaço em seu redor (AE Mt. 4.ºano- p.9); Estudo do Meio Fazer inferências, reconhecendo como se constrói o conhecimento (AE EM 3.ºano- p.9); Conhecer os Estados membros da União europeia e países europeus, localizando-os no mapa da Europa (AE EM 4.ºano-p.6); Reconhecer e valorizar o património cultural (AE EM 4.ºano- p.9);	Construção de textos Figuras e sólidos geométricos Construção de conhecimento do mundo natural Países europeus/União Europeia

Educação Física Colaborar com a sua equipa interpretando sinais informativos simples (no percurso e no mapa), para que esta, acompanhada pelo professor, cumpra um percurso, combinando as habilidades aprendidas anteriormente, mantendo a perceção da direcção do ponto de partida e outros pontos de referência (AE Ed. F. Anexo1 3.º e 4.ºano- p.15); Expressão Dramática Explorar as possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades e com diferentes objetos. (AE ED, p.7); Música Explorar fontes sonoras diversas (corpo, objetos do quotidiano, instrumentos musicais) de forma a conhecê-las como potencial musical (AE Mús. – p. 7); Artes Visuais Experimentar possibilidades expressivas dos materiais (graffiti) e das diferentes técnicas, adequando o seu uso a diferentes contextos e situações (AE AV- p.8); Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória	Património Cultural Percursos Explorar diferentes objetos Explorar diferentes formas sonoras Explorar novas técnicas
--	---

Respeitar-se a si mesmo e aos outros; consciente da obrigação de responder pelas próprias ações; ponderar as ações próprias e alheias em função do bem comum (p.17); Quer aprender mais (p.17); Dominar capacidades nucleares de compreensão escrita e visual (p. 21); Desenvolver processos conducentes à construção de produtos e de conhecimentos, usando recursos diversificados (p. 23); Adequar comportamentos em contextos de cooperação, partilha, colaboração e competição (p.25); Trabalhar em equipa e usar diferentes meios para comunicar presencialmente e em rede (p.25).; Estabelecer relações entre conhecimentos, emoções e comportamentos (p. 26).	Responsabilidade Curiosidade Linguagem e textos Raciocínio e resolução de problemas Relacionamento interpessoal Desenvolvimento pessoal
--	---

Recursos

- Bandeiras das estações;
- Cartões com os desafios e com os enigmas;
- Ovos da Páscoa;
- Envelopes coloridos;
- Mapa do Castelo com os pontos da atividade;
- Cartões das equipas;
- Folhas brancas;
- Lápis de carvão;
- Telemóvel;
- Mapa da Europa A4;
- Bandeiras dos países;
- Texto dividido em tiras.

Apresentação da tarefa

Para apresentar a tarefa às crianças, ser-lhes-á lançado o desafio de ir até ao Castelo de São Jorge para realizar uma caça aos ovos da Páscoa. Na sala serão relembradas algumas regras de modo que a atividade decorra da melhor forma, entre elas, a necessidade de o grupo se manter reunido, em equipas ou a necessidade de tomarem atenção às indicações dos adultos.

Exploração da tarefa

- Organização dos alunos:

- A atividade decorrerá no exterior da escola;
- Os alunos devem manter-se em grupos de 8 crianças e 1 adulto.

- Propostas de trabalho e atividade esperada

A atividade será realizada em colaboração com a turma do 3.º ano de escolaridade e consiste numa caça aos ovos pelo Castelo de São Jorge. Para esta atividade, ambas as turmas serão divididas, previamente, em grupos de cerca de 7/8 crianças. Cada equipa terá um nome, decidido pela mesma, uma cor, que será distribuída de forma aleatória, e ainda cartões de identificação onde cada criança deve escrever o nome da equipa e o seu próprio nome. Também previamente, serão distribuídos pelos pontos escolhidos no Castelo para a realização da atividade, envelopes coloridos (com as cores das equipas), que contém 1 ovo da Páscoa para cada criança. Assim, a atividade está dividida em 6 pontos principais distribuídos pelo Castelo de São Jorge (como é possível observar na imagem abaixo). A atividade é iniciada, para todos os grupos, no ponto de partida, onde será lido um enigma a cada grupo para que as crianças descubram para que ponto se devem deslocar de seguida. Nesses pontos, cada grupo deve realizar um desafio que lhes permite partir para a descoberta dos ovos que estarão dentro de um envelope da cor da equipa. Ao encontrarem o envelope correspondente à equipa encontram também, dentro do envelope, o enigma que os levará ao próximo ponto. Cada ponto estará identificado com uma bandeira com um símbolo e cada símbolo faz correspondência com a área de conhecimento abordada maioritariamente nesse ponto. Os desafios e enigmas serão descritos de seguida:

Este desafio corresponde à área do Português e consiste na ordenação de frases de um texto. Ou seja, quando os grupos passarem neste ponto serão disponibilizadas frases de um texto relacionado com o Castelo de São Jorge e, em conjunto, os alunos terão de as ordenar.

O desafio correspondente a este símbolo está relacionado com a área da Música e será proposto às crianças que, através de elementos que encontrem no Castelo (por exemplo: pedras, folhas, paus, bancos, etc.), realizem sons.

O terceiro desafio aqui descrito relaciona-se com a área do Estudo do Meio. Neste ponto serão realizadas atividades diferentes para o 3.º e 4.º anos de escolaridade. Assim, para o 3.º ano, a atividade consiste no registo, por escrito, em duas listas, dos elementos  e dos elementos que tiveram intervenção do Homem que os grupos observam à sua volta. Para o 4.º ano, a atividade consiste na realização de correspondências entre as bandeiras e os países da Europa que lhes correspondem. Nesta atividade será disponibilizado a cada grupo um mapa da Europa em A4 e as bandeiras que as crianças devem colar no mapa.

Este desafio corresponde à área de Artes Visuais e as crianças devem recolher elementos da natureza, como folhas ou flores que  contem no chão e calcar as suas texturas numa folha branca disponibilizada pelas estagiárias aquando da realização da atividade.

O quinto desafio aqui descrito corresponde à área de Teatro em que as crianças devem representar uma função imaginária de um determinado objeto. Para esta atividade as crianças devem, primeiramente, tentar encontrar um objeto ou elemento natural que se encontre à sua volta, caso não seja possível, as estagiárias terão consigo um objeto para disponibilizar para a realização desta atividade.

 O último desafio que será proposto corresponde à área da Matemática. Este desafio consiste no registo fotográfico de elementos que se assemelhem a figuras geométricas. A conclusão deste desafio será realizada posteriormente, na sala de aula e, depois das fotografias tiradas pelas crianças, serem impressas, os alunos devem recortar as figuras geométricas e realizar diferentes montagens numa folha, na tentativa de fazer um desenho com figuras geométricas.

Os enigmas são os seguintes:



- Coração: Para o próximo sítio descobrires com amor tens de pensar;
- Ponto de chegada: Para ao final chegares a casa dos mouros tens de “visitar”;
- Losango: Para as relíquias descobrires para o _____ tens de ir;
- Quadrado: Para o próximo desafio encontrares, cercado tens de ficar;
- Pentágono: Ordena as letras e descobre o próximo sítio para onde tens de ir: aaadonchseba;

- Triângulo castanho: Para descansares, uma grande sombra tens de encontrar;
- Triângulo laranja: Para o Castelo proteger às muralhas tens de subir.



- Dificuldades previstas

- Gestão de tempo (solução: estabelecer tempo para cada estação);
- Associar as bandeiras ao país -4.º ano (solução: apoiar questionando sobre a atividade anterior);
- Descodificar o enigma (solução: o adulto dar pistas mais concretas).

- Questões a colocar para apoiar as aprendizagens

- Onde será que esta pista nos vai levar?
- Percebeste o que é para fazer neste desafio?
- Esta bandeira é de que país? (4.ºano)
- Este elemento é natural ou humano? (3.ºano)
- Que forma geométrica é essa?
- Como é que podemos calcar as folhas que encontramos?

Discussão e sistematização

No final da tarefa será realizada uma conversa em grande grupo, e de modo que todos partilhem se conseguiram ou não descobrir todos os enigmas. Criando assim um momento de feedback relativamente a atividade, por ambas as partes (alunos, professoras e estagiárias).

Avaliação Formativa

A avaliação será realizada no final do dia, fazendo um balanço sobre as atividades da semana, conversando sobre o que gostaram mais, aprenderam e tiveram mais dificuldade.

Anexo J- Cartões das equipas



Equipa:

Nome:



Equipa:

Nome:



Equipa:

Nome:



Equipa:

Nome:



Equipa:

Nome:



Equipa:

Nome:



Equipa:

Nome:



Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

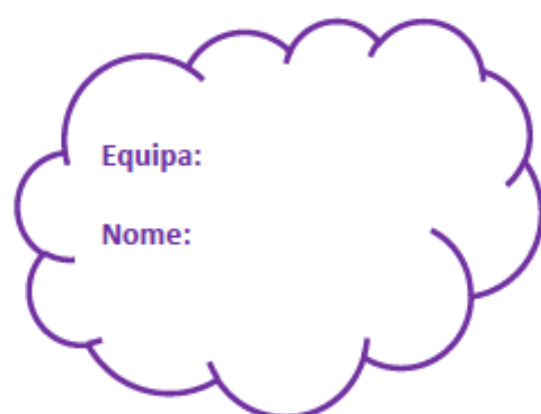
Nome:

Equipa:

Nome:

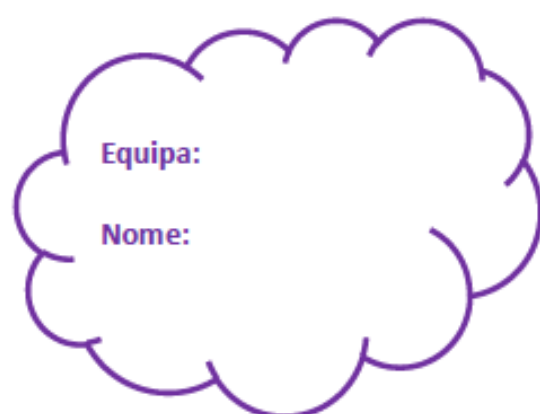
Equipa:

Nome:



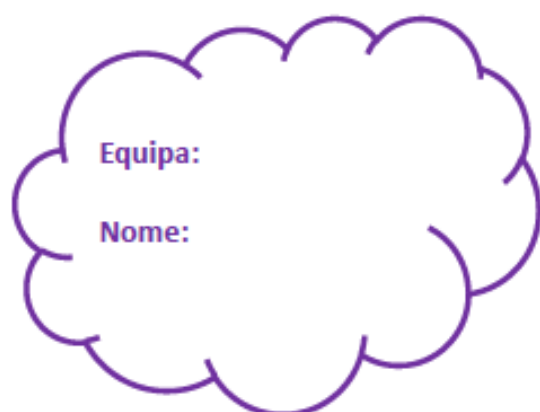
Equipa:

Nome:



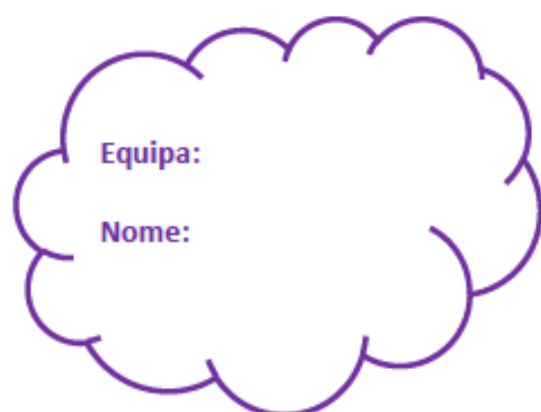
Equipa:

Nome:



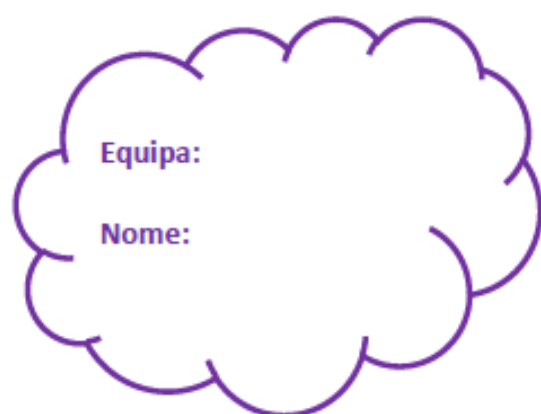
Equipa:

Nome:



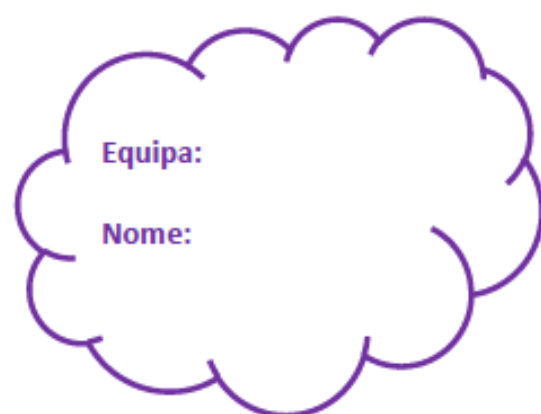
Equipa:

Nome:



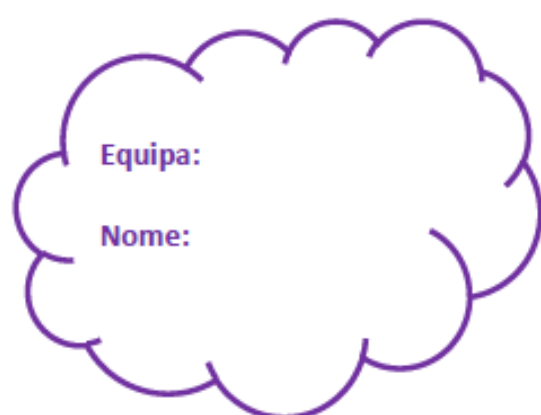
Equipa:

Nome:



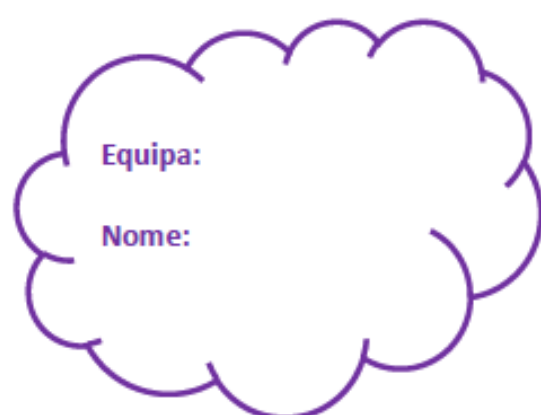
Equipa:

Nome:



Equipa:

Nome:



Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

Equipa:

Nome:

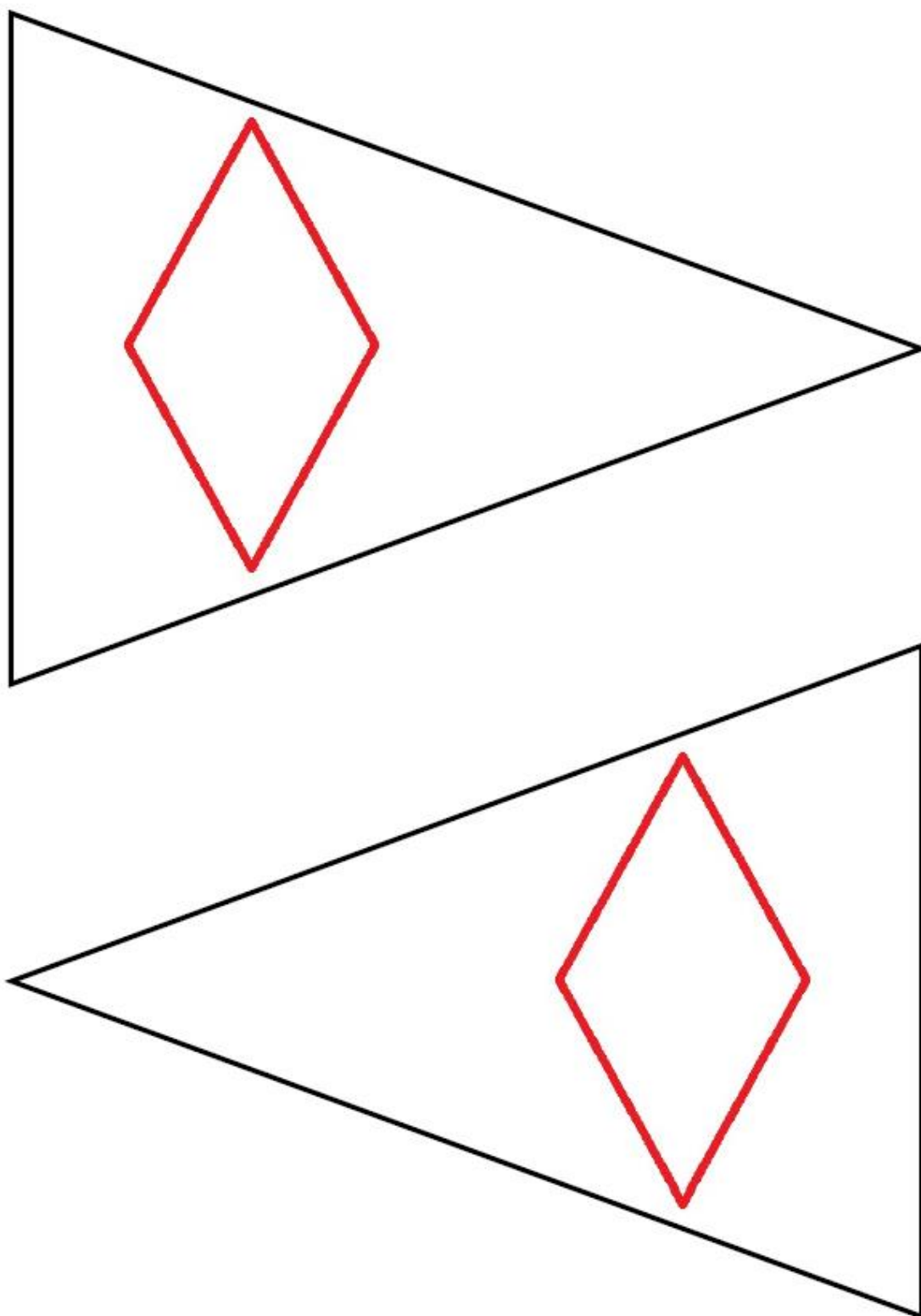
Equipa:

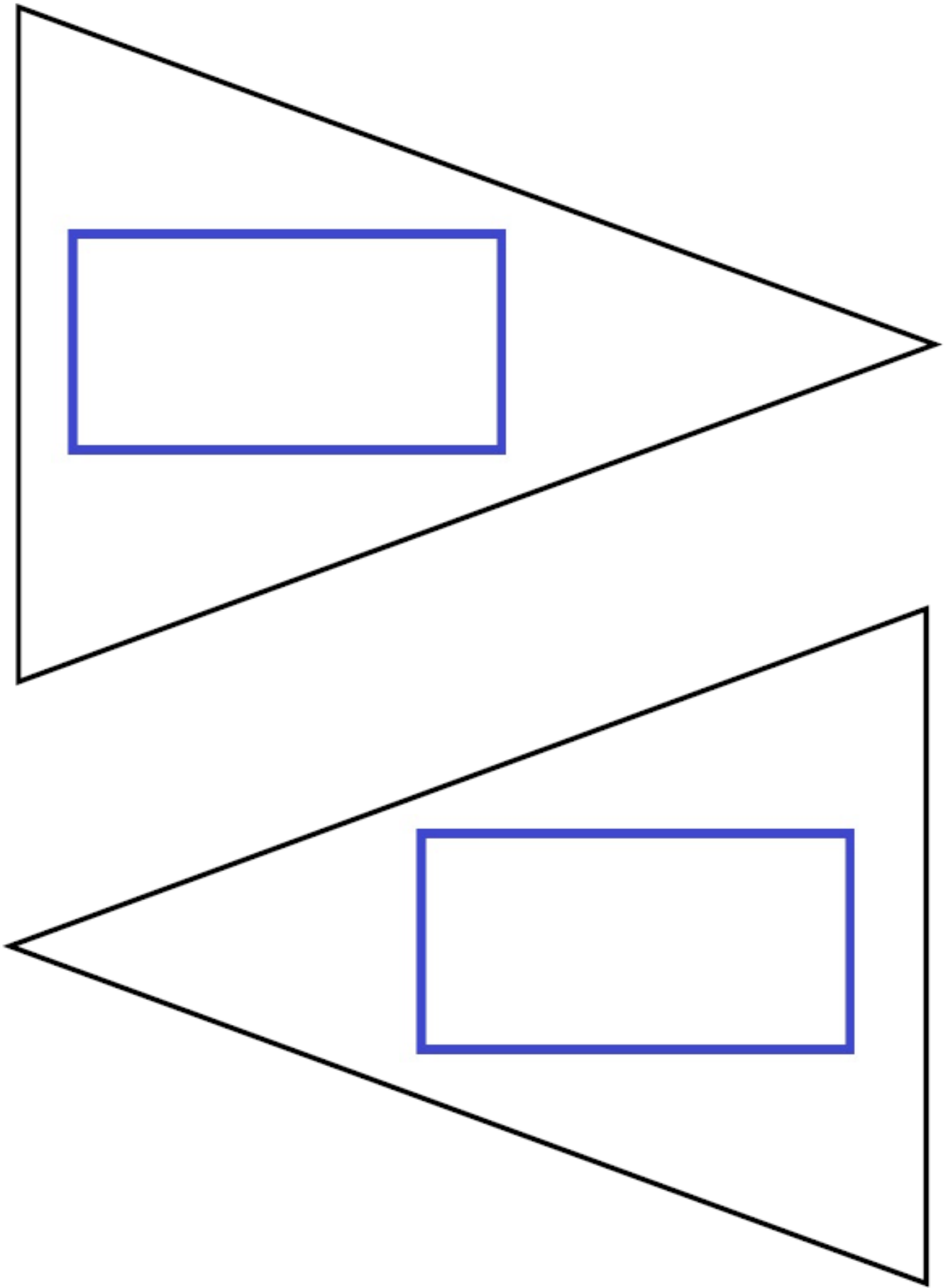
Nome:

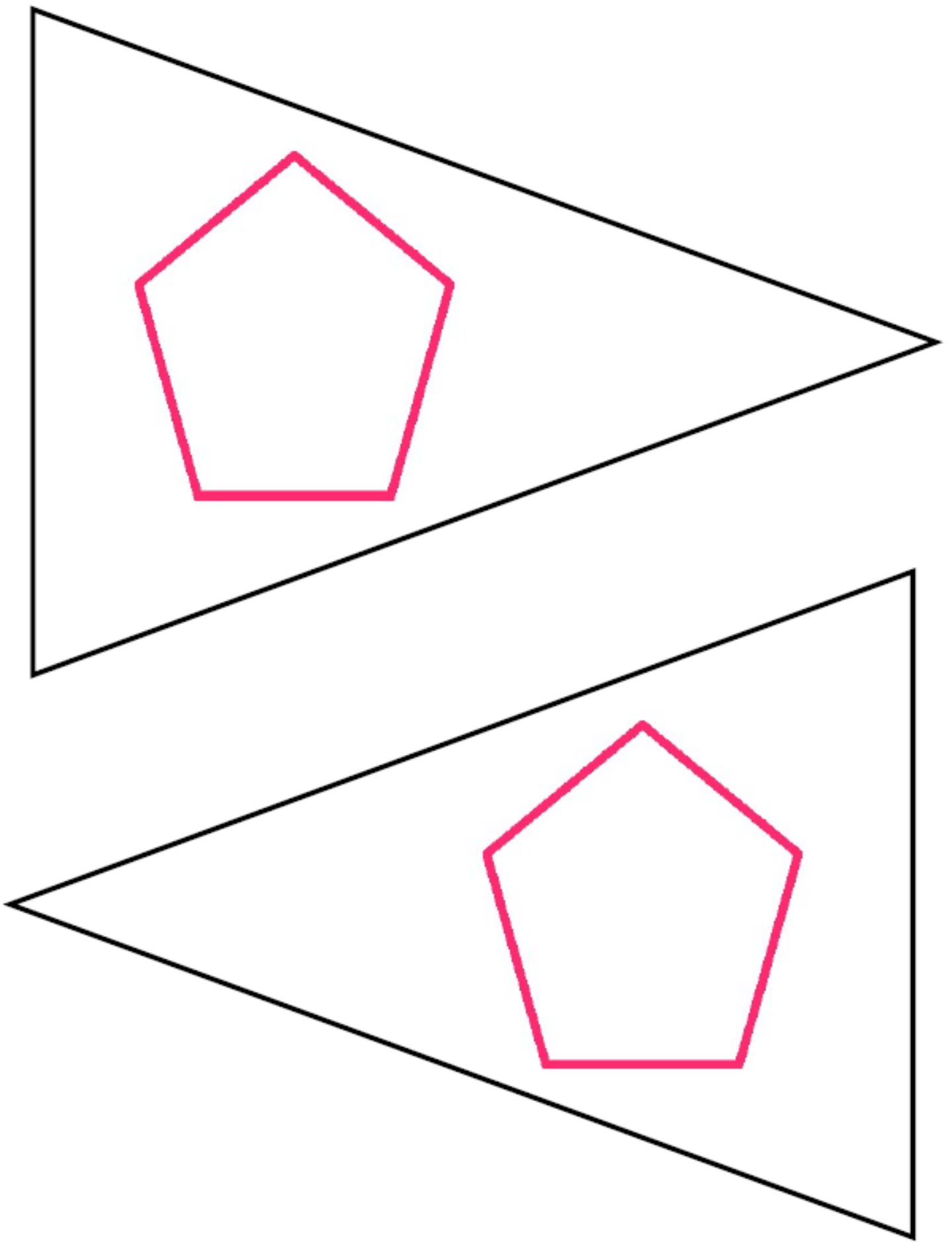
Equipa:

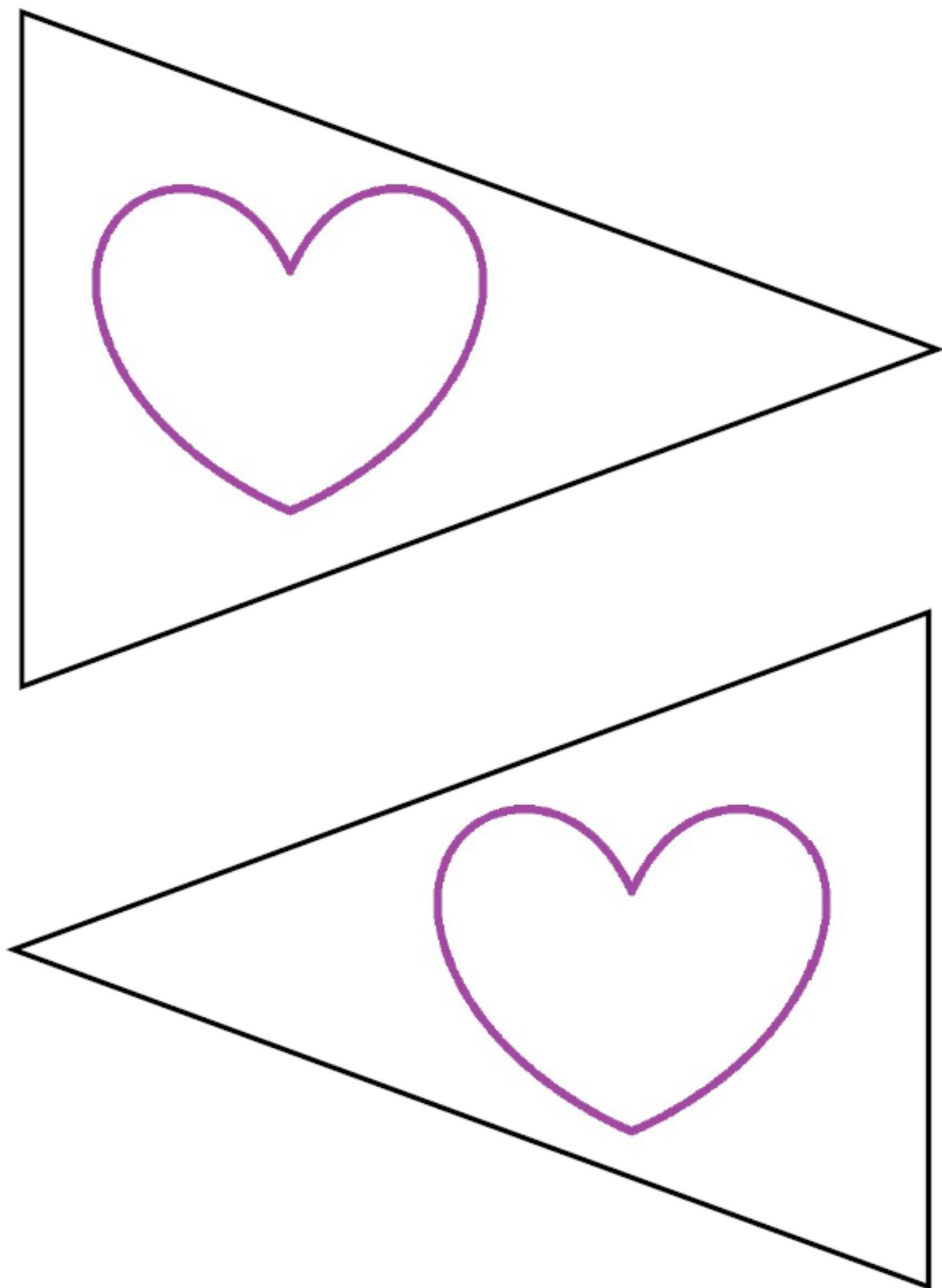
Nome:

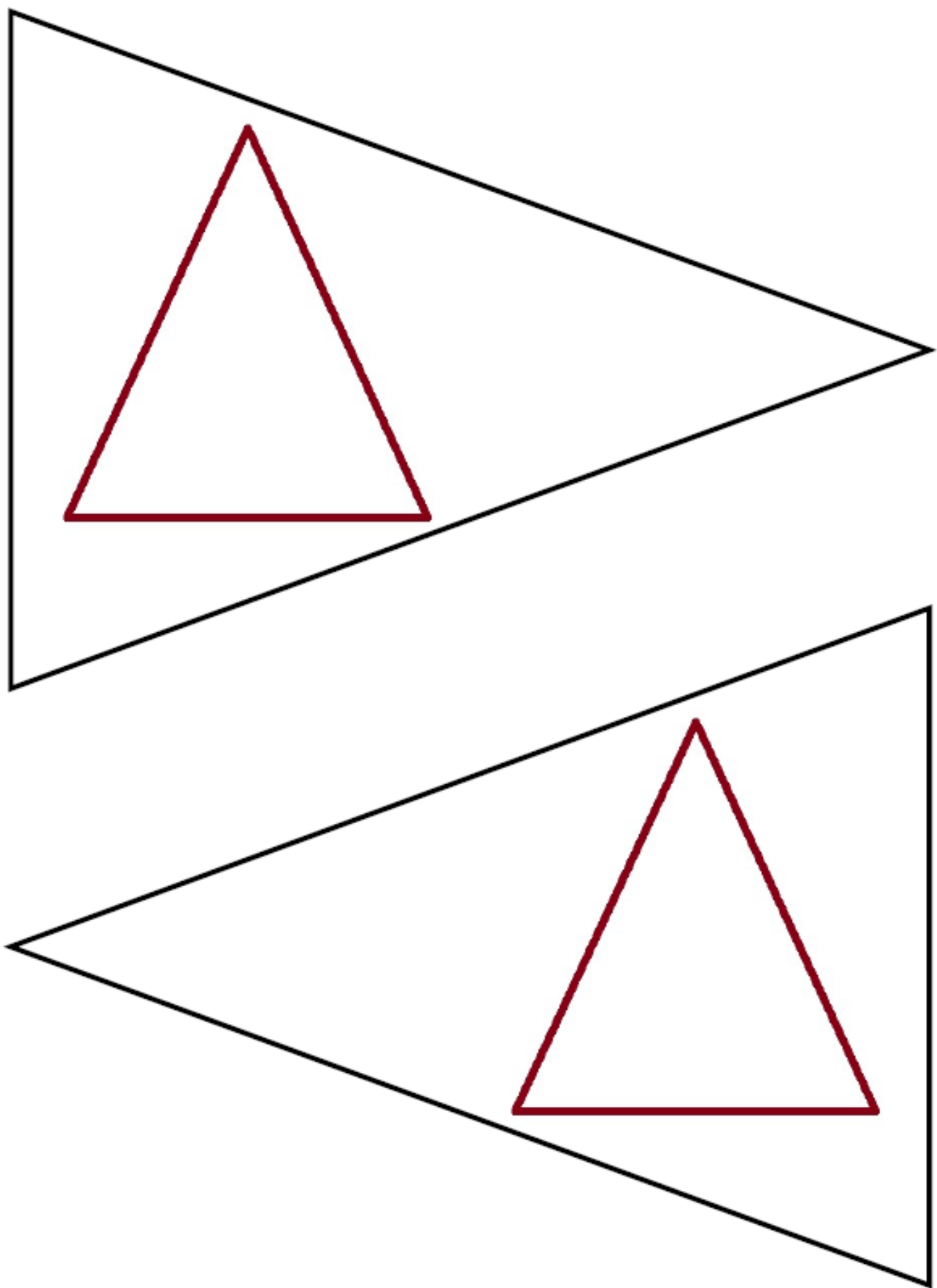
Anexo K- Bandeiras postos

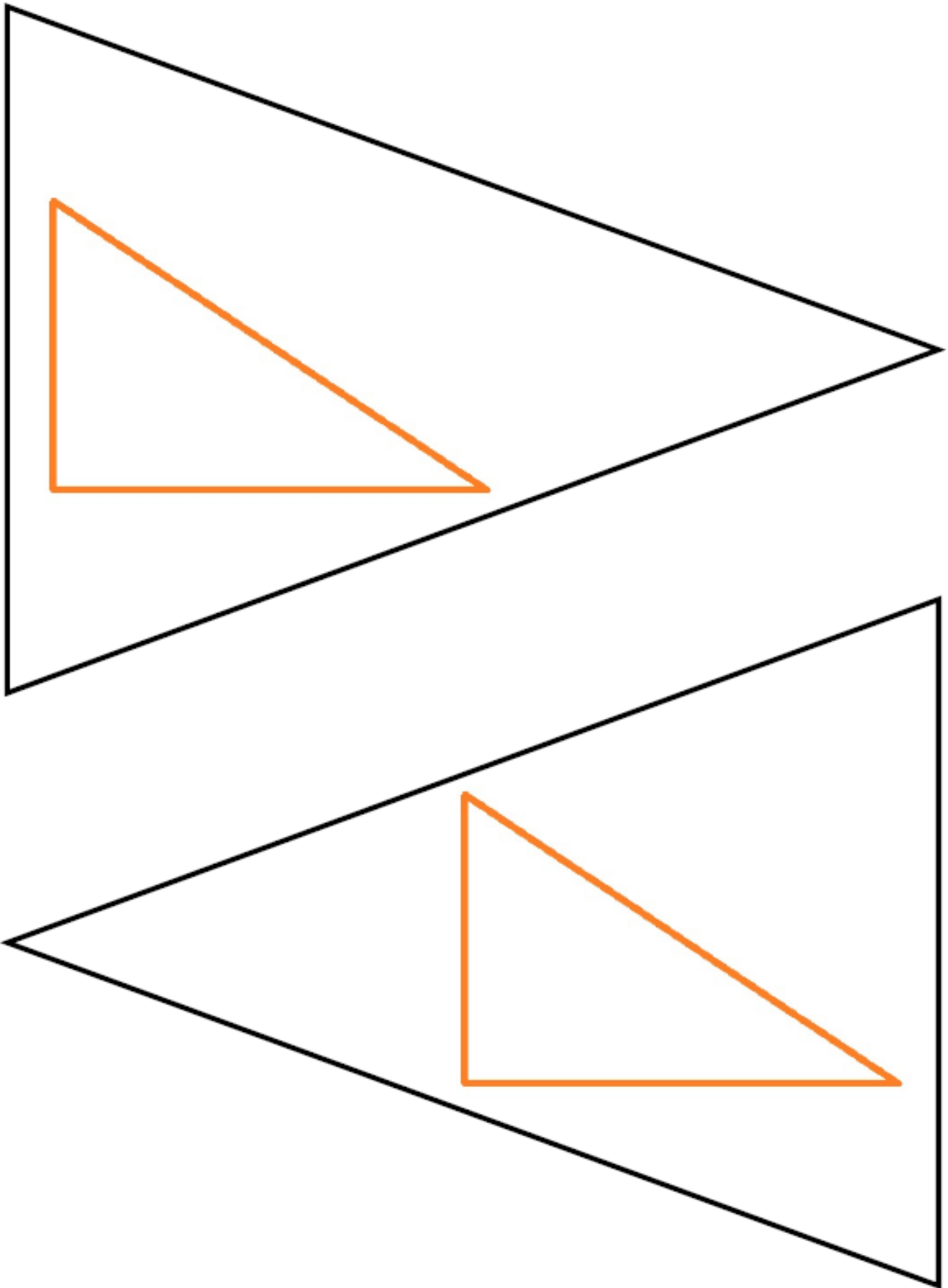












Anexo L- Cartões enigmas e desafios



Desafio

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem

**Desafio**

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem

**Desafio**

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem

**Desafio**

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem

**Desafio**

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem

**Desafio**

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem

**Desafio**

4ºano: Faz corresponder as bandeiras da Europa que te vamos disponibilizar aos respetivos países do mapa.

**Desafio**

4ºano: Faz corresponder as bandeiras da Europa que te vamos disponibilizar aos respetivos países do mapa.

**Desafio**

4ºano: Faz corresponder as bandeiras da Europa que te vamos disponibilizar aos respetivos países do mapa.

**Desafio**

Procura alguns elementos naturais, como folhas ou flores, e decalca com o teu lápis de carvão na folha branca.

**Desafio**

Procura alguns elementos naturais, como folhas ou flores, e decalca com o teu lápis de carvão na folha branca.

**Desafio**

Procura alguns elementos naturais, como folhas ou flores, e decalca com o teu lápis de carvão na folha branca.



Desafio

Procura e fotografa objetos/elementos que se assemelham a formas geométricas.



Desafio

Procura e fotografa objetos/elementos que se assemelham a formas geométricas.



Desafio

Procura e fotografa objetos/elementos que se assemelham a formas geométricas.



Enigma

Para o próximo sítio descobrires com amor tens de pensar.

Enigma

Para ao final chegares a casa dos mouros tens de “visitar”

Enigma

Para as relíquias descobrires para o _____ tens de ir.

Enigma

Para o próximo desafio encontrares, cercado tens de ficar!

Enigma

Ordena as letras e descobre o próximo sítio para onde tens de ir:
aaadonchseba

Enigma

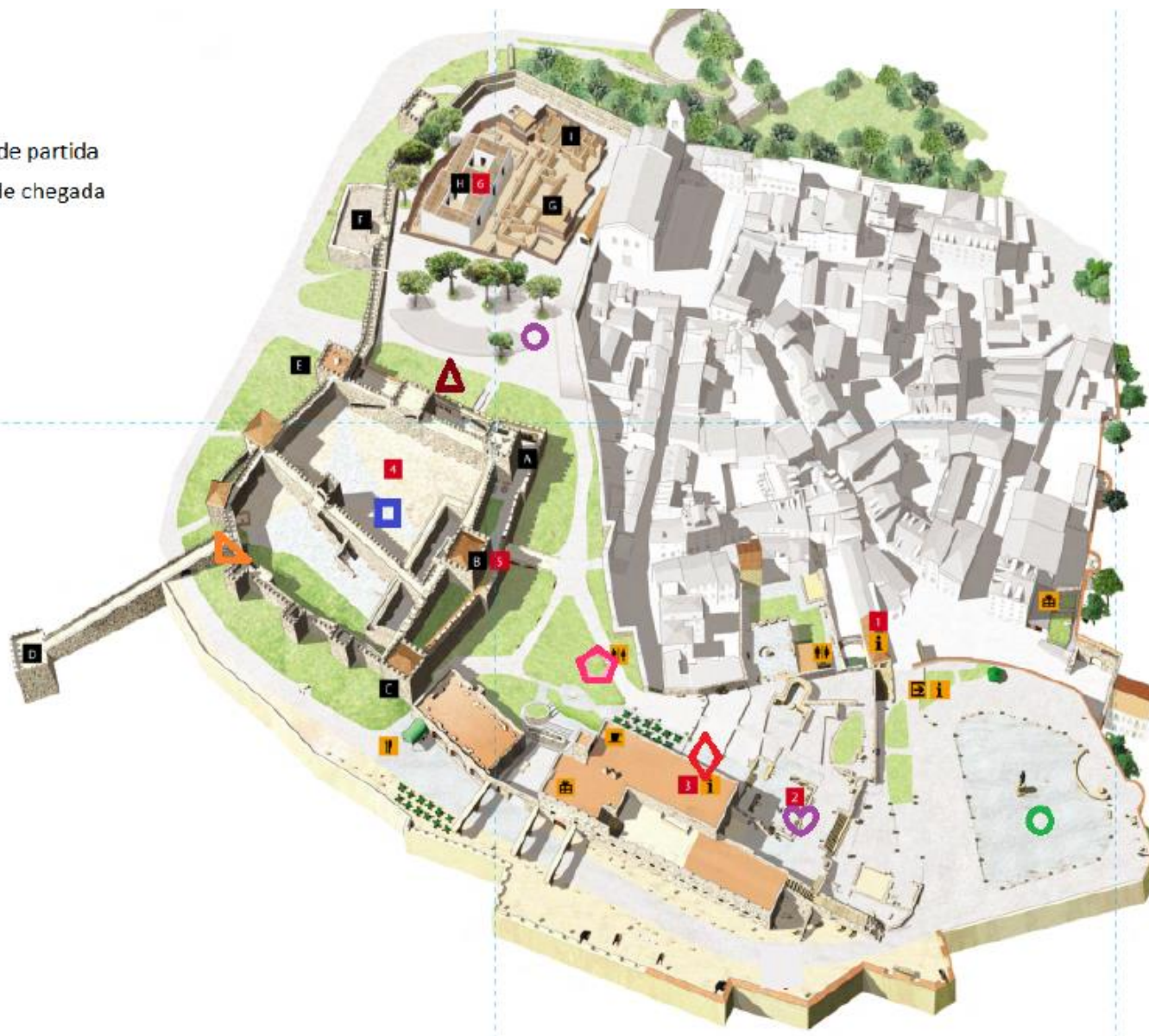
Para descansares, uma grande sombra tens de encontrar!

Enigma

Para o Castelo proteger às muralhas tens de subir.

Anexo M- Mapas (alunos e professores)

○ Ponto de partida
○ Ponto de chegada



○ Ponto de partida

○ Ponto de chegada

□ 1

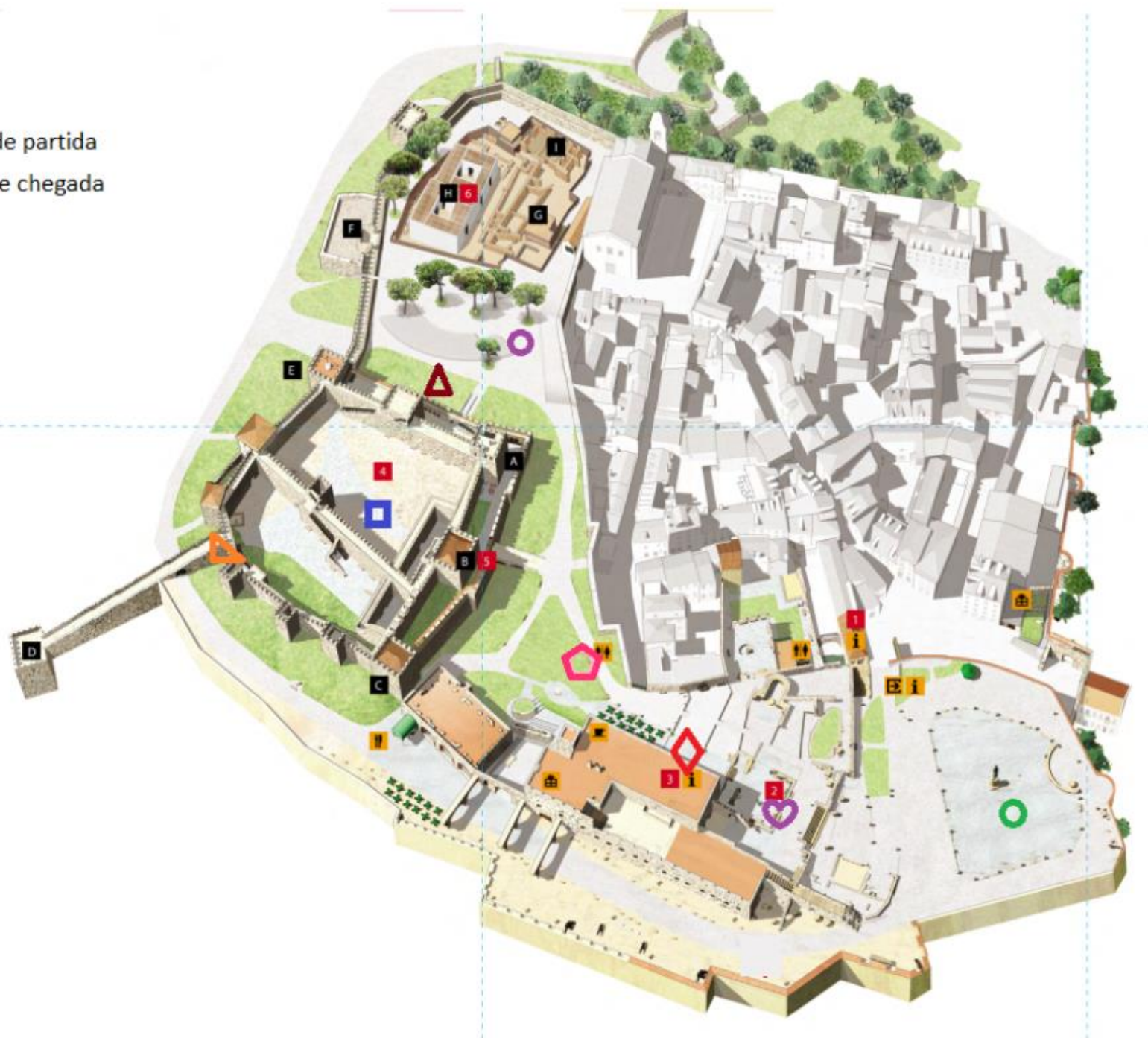
△ 6

△ 3

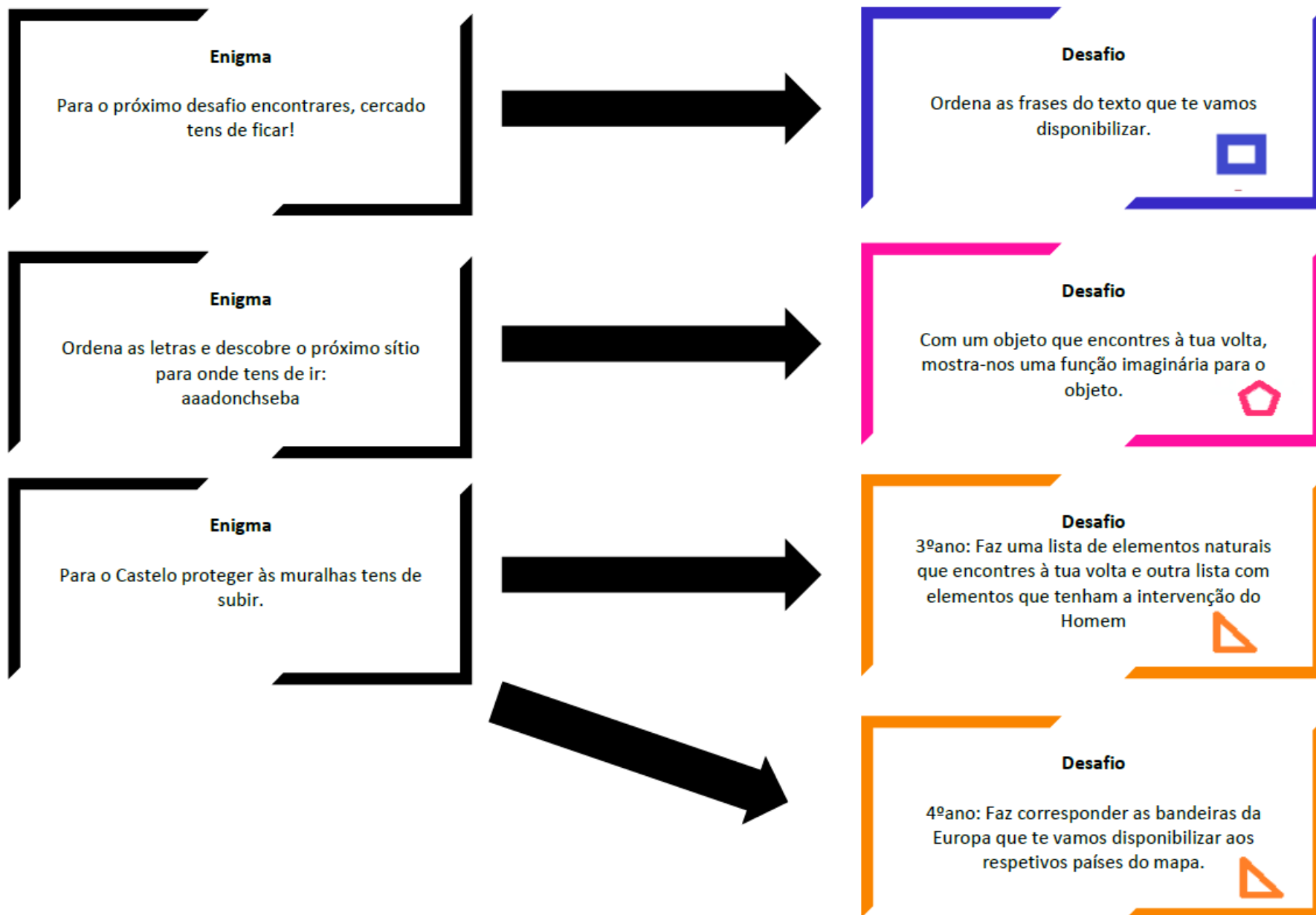
◇ 5

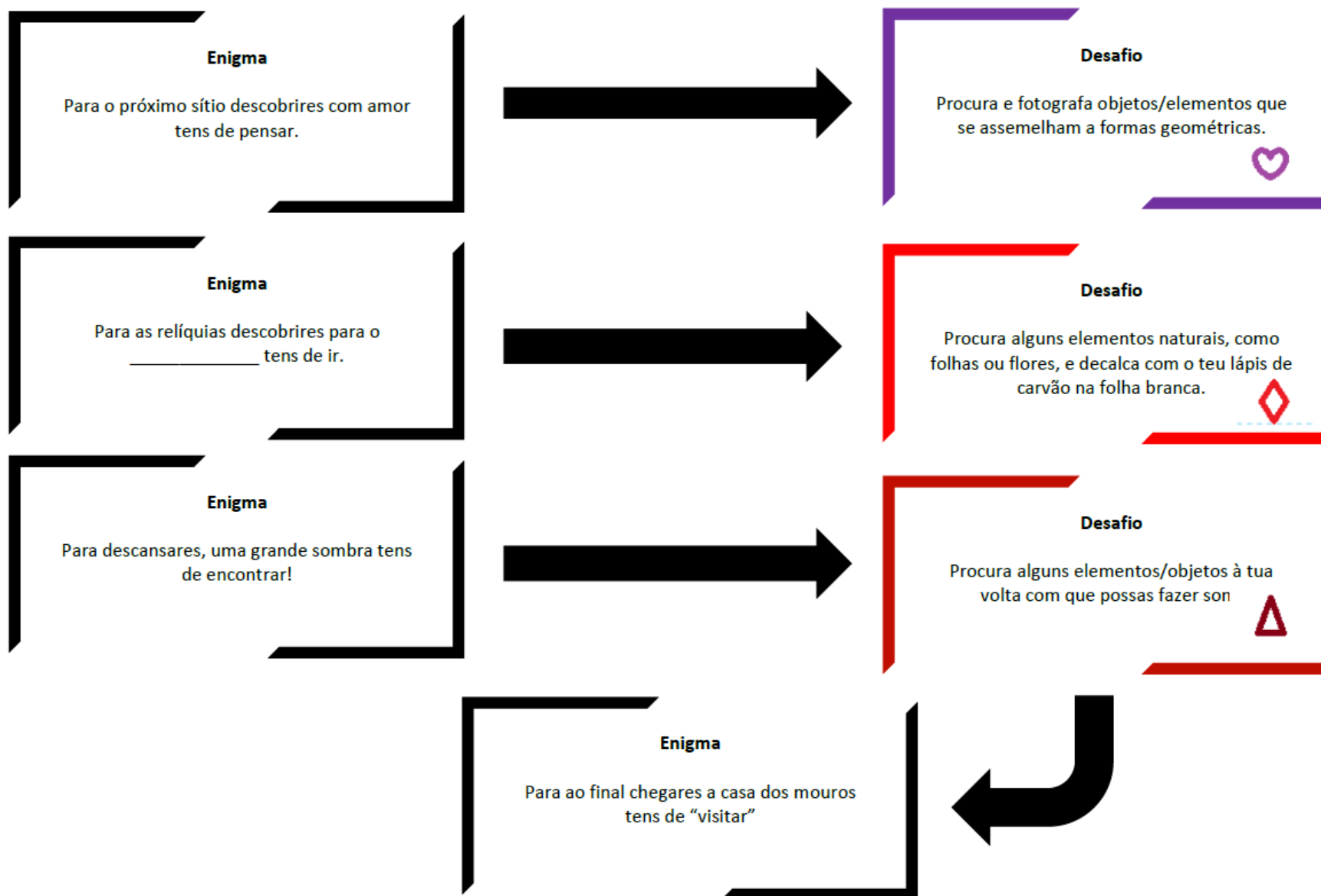
◇ 2

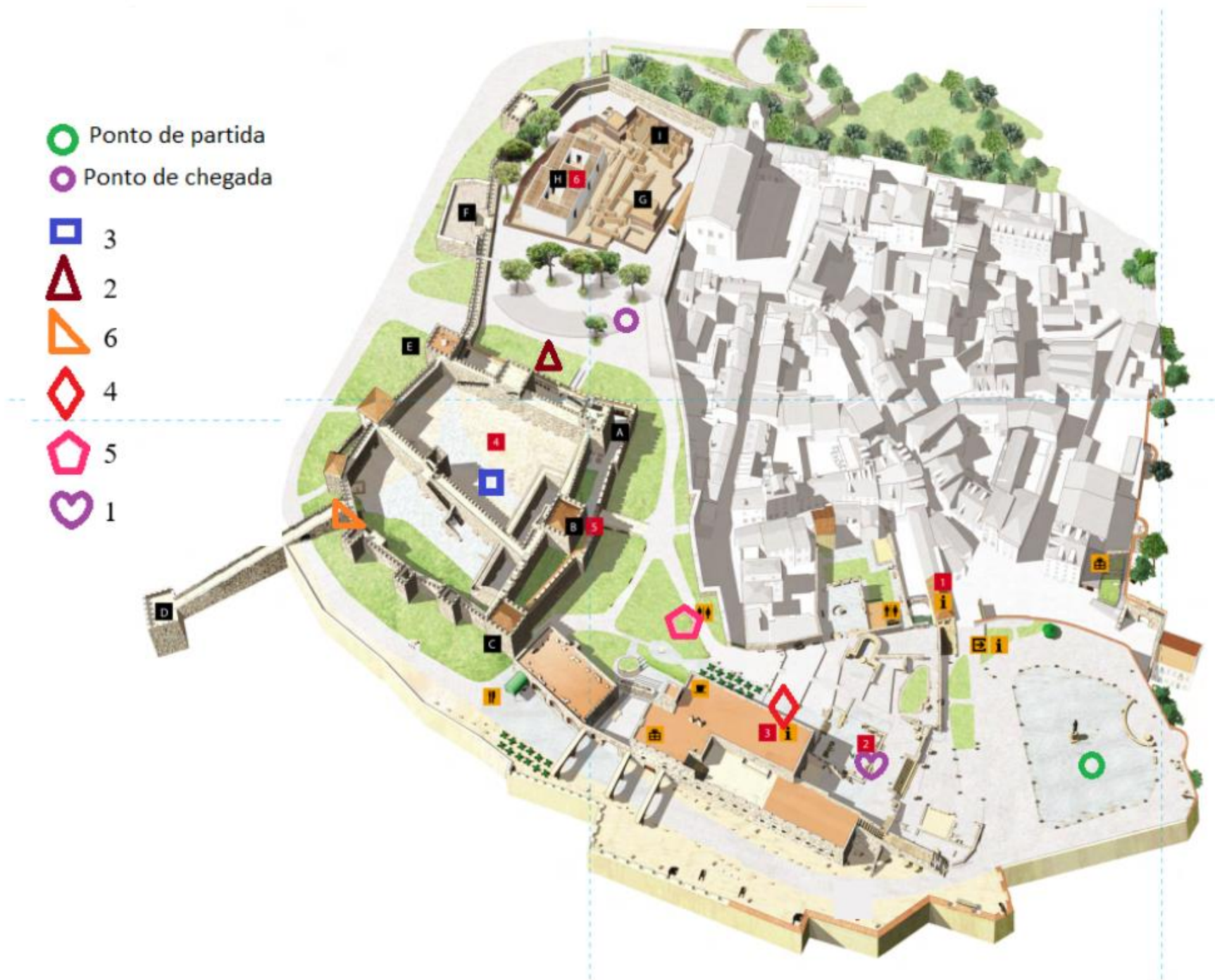
♥ 4



Mapa para o professor
Grupo 1







Mapa para o professor
Grupo 2

Enigma

Ordena as letras e descobre o próximo sítio para onde tens de ir:
aaadonchseba



Desafio

Com um objeto que encontres à tua volta, mostra-nos uma função imaginária para o objeto.



Enigma

Para o Castelo proteger às muralhas tens de subir.



Desafio

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem



Desafio

4ºano: Faz corresponder as bandeiras da Europa que te vamos disponibilizar aos respetivos países do mapa.



Enigma

Para ao final chegares a casa dos mouros tens de "visitar"



Enigma

Para o próximo sítio descobrires com amor
tens de pensar.



Desafio

Procura e fotografa objetos/elementos que
se assemelham a formas geométricas.



Enigma

Para descansares, uma grande sombra tens
de encontrar!



Desafio

Procura alguns elementos/objetos à tua
volta com que possas fazer son



Enigma

Para o próximo desafio encontrares, cercado
tens de ficar!



Desafio

Ordena as frases do texto que te vamos
disponibilizar.



Enigma

Para as relíquias descobrires para o
_____ tens de ir.

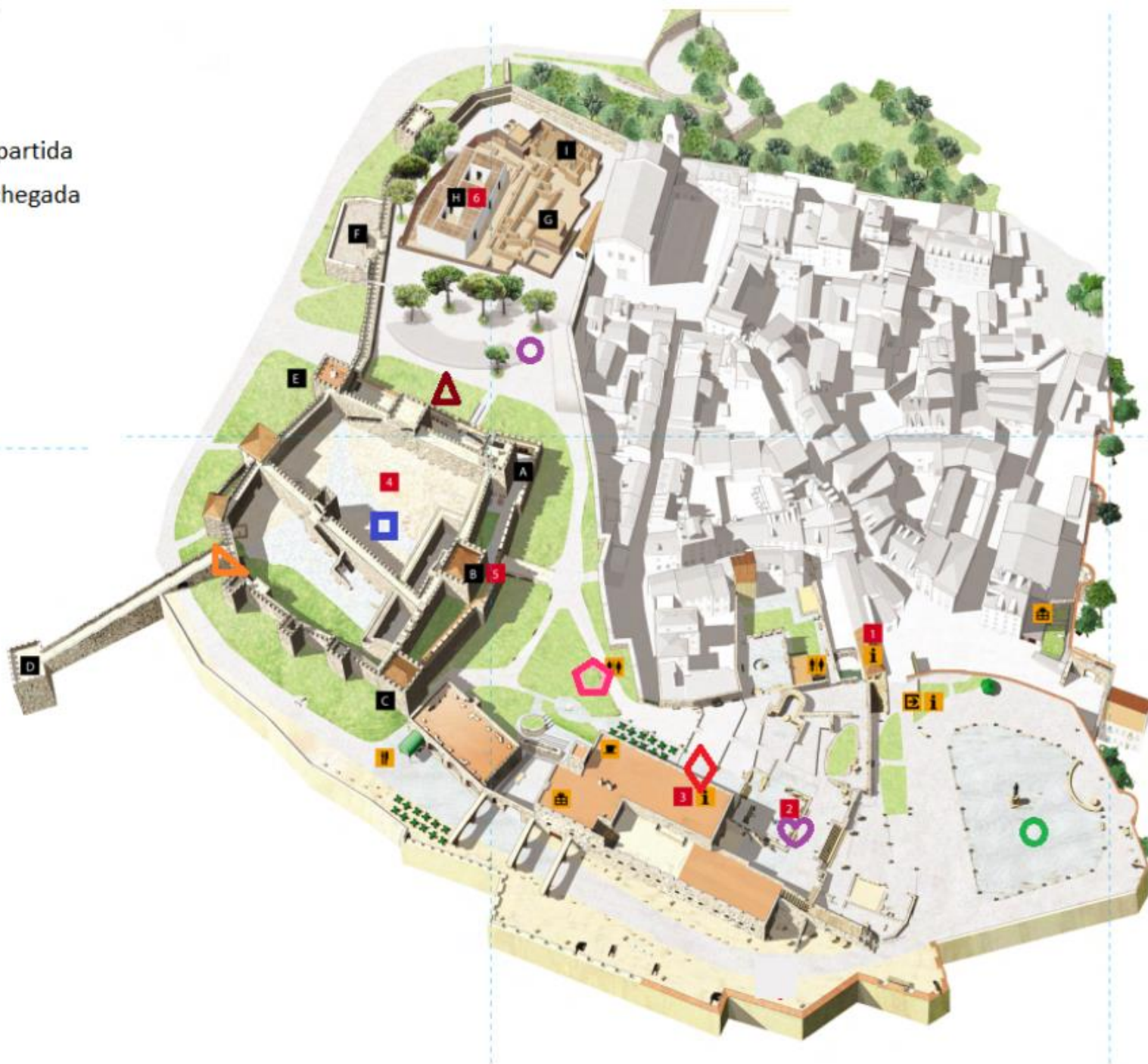


Desafio

Procura alguns elementos naturais, como
folhas ou flores, e decalca com o teu lápis de
carvão na folha branca.



- Ponto de partida
- Ponto de chegada
- 5
- △ 1
- △ 4
- ◇ 3
- ◇ 6
- ♥ 2



Mapa para o professor
Grupo 3

Enigma

Para descansares, uma grande sombra tens de encontrar!



Desafio

Procura alguns elementos/objetos à tua volta com que possas fazer son



Enigma

Para o próximo sítio descobrires com amor tens de pensar.



Desafio

Procura e fotografa objetos/elementos que se assemelham a formas geométricas.



Enigma

Para as relíquias descobrires para o _____ tens de ir.



Desafio

Procura alguns elementos naturais, como folhas ou flores, e decalca com o teu lápis de carvão na folha branca.



Enigma

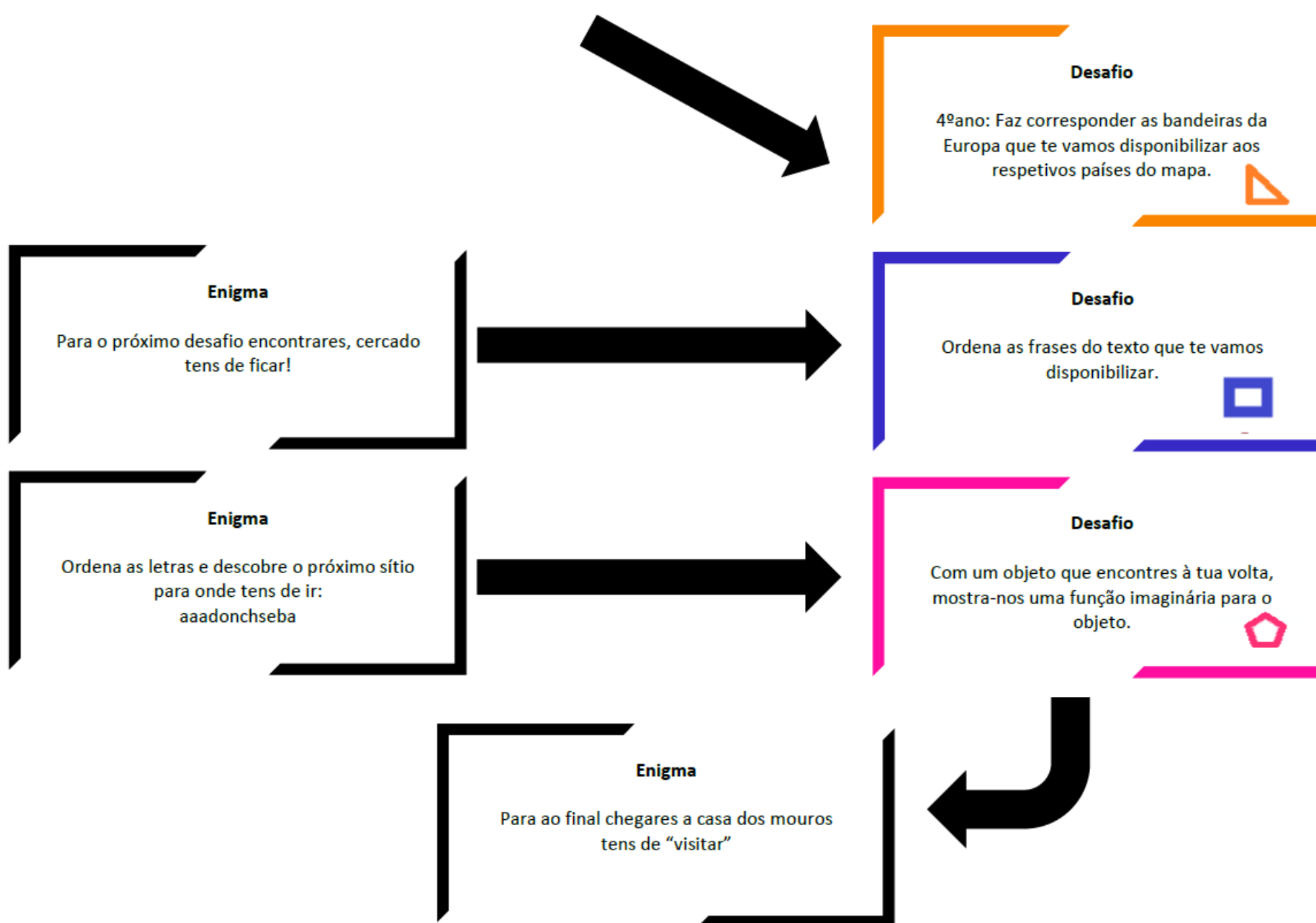
Para o Castelo proteger às muralhas tens de subir.

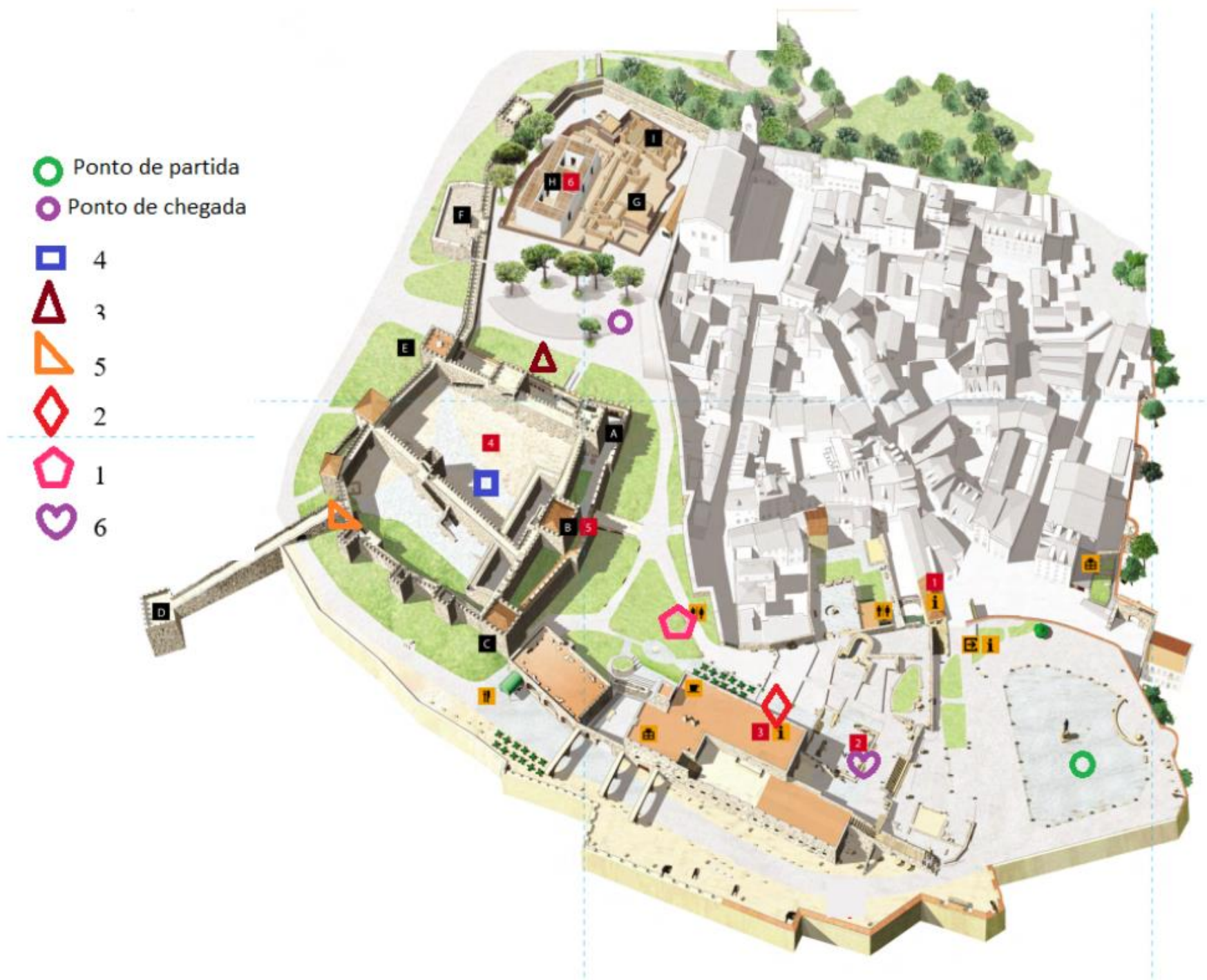


Desafio

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem







Mapa para o professor
Grupo 4

Enigma

Ordena as letras e descobre o próximo sítio para onde tens de ir:
aaadonchseba



Desafio

Com um objeto que encontres à tua volta, mostra-nos uma função imaginária para o objeto.



Enigma

Para as relíquias descobrires para o _____ tens de ir.



Desafio

Procura alguns elementos naturais, como folhas ou flores, e decalca com o teu lápis de carvão na folha branca.



Enigma

Para descansares, uma grande sombra tens de encontrar!



Desafio

Procura alguns elementos/objetos à tua volta com que possas fazer son



Enigma

Para o próximo desafio encontrares, cercado tens de ficar!



Desafio

Ordena as frases do texto que te vamos disponibilizar.



Enigma

Para o Castelo proteger às muralhas tens de subir.



Desafio

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem



Desafio

4ºano: Faz corresponder as bandeiras da Europa que te vamos disponibilizar aos respetivos países do mapa.



Enigma

Para o próximo sítio descobrires com amor tens de pensar.



Desafio

Procura e fotografa objetos/elementos que se assemelham a formas geométricas.

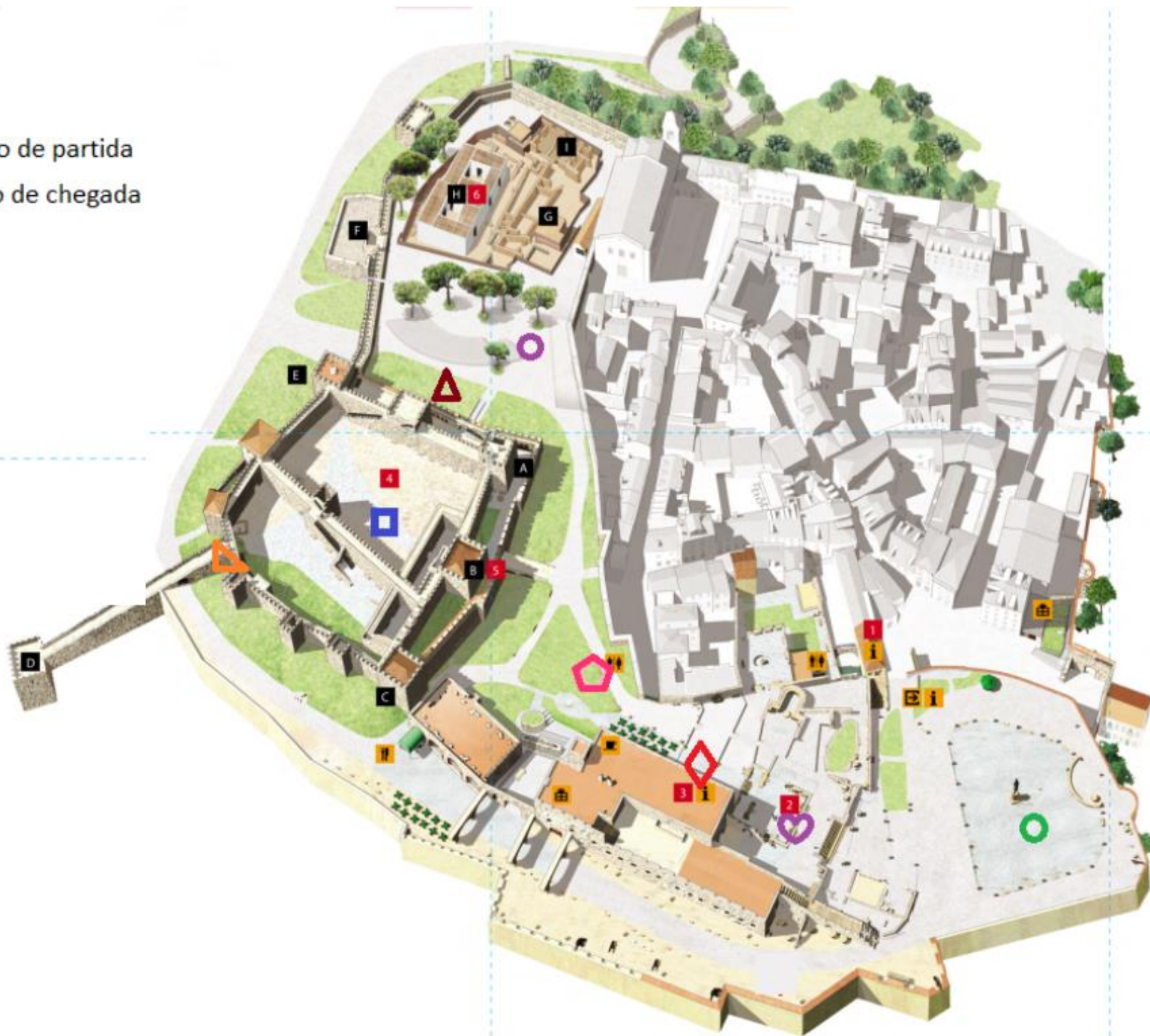


Enigma

Para ao final chegares a casa dos mouros tens de “visitar”



-  Ponto de partida
-  Ponto de chegada
-  6
-  5
-  2
-  1
-  4
-  3



Mapa para o professor
Grupo 5

Enigma

Para as relíquias descobrires para o _____ tens de ir.



Desafio

Procura alguns elementos naturais, como folhas ou flores, e decalca com o teu lápis de carvão na folha branca.



Enigma

Para o Castelo proteger às muralhas tens de subir.



Desafio

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem



Desafio

4ºano: Faz corresponder as bandeiras da Europa que te vamos disponibilizar aos respetivos países do mapa.



Enigma

Para o próximo sítio descobrires com amor tens de pensar.



Desafio

Procura e fotografa objetos/elementos que se assemelham a formas geométricas.



Enigma

Ordena as letras e descobre o próximo sítio para onde tens de ir: aaadonchseba



Desafio

Com um objeto que encontres à tua volta, mostra-nos uma função imaginária para o objeto.



Enigma

Para descansares, uma grande sombra tens de encontrar!



Desafio

Procura alguns elementos/objetos à tua volta com que possas fazer son



Enigma

Para o próximo desafio encontres, cercado tens de ficar!



Desafio

Ordena as frases do texto que te vamos disponibilizar.



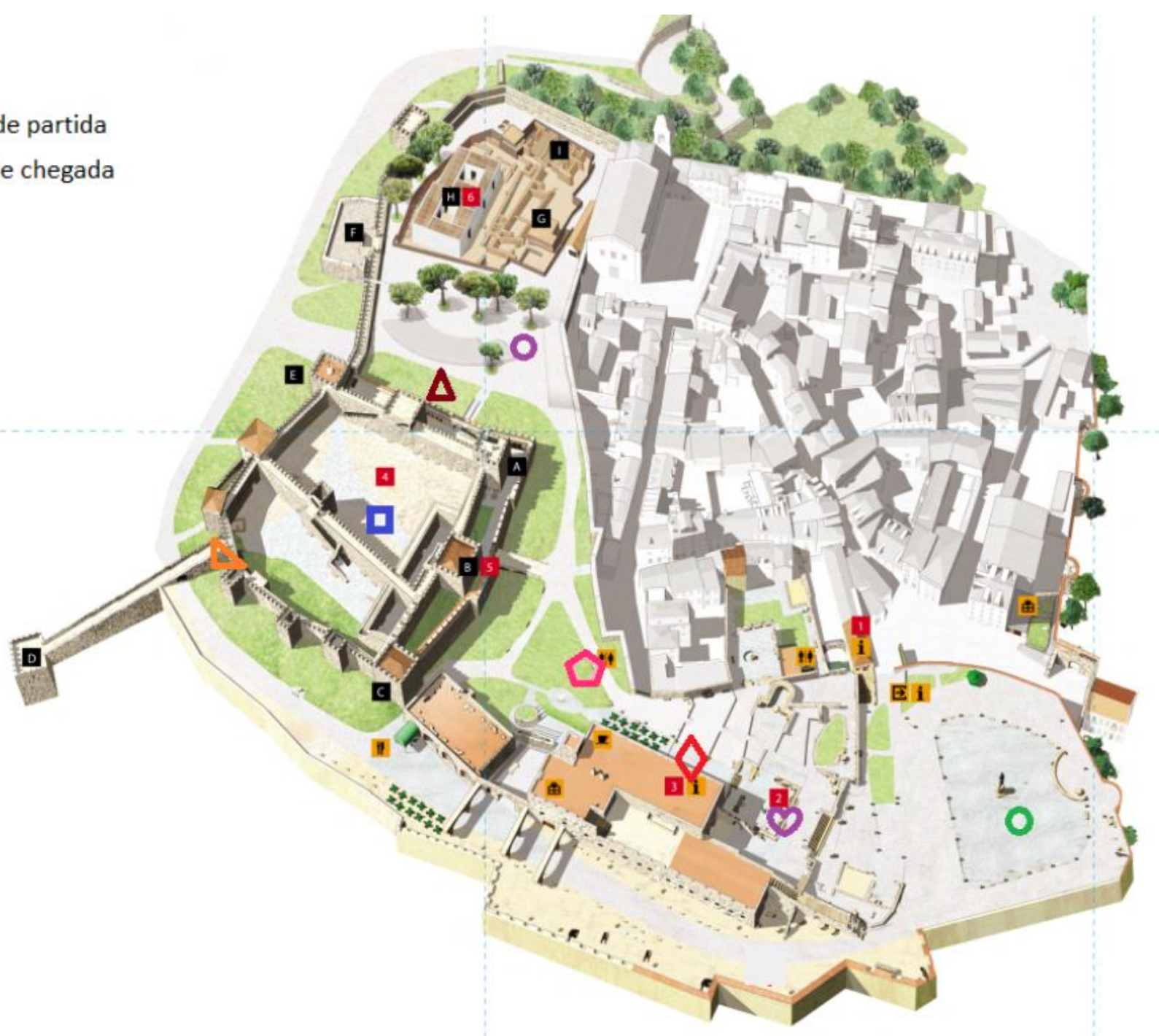
Enigma

Para ao final chegares a casa dos mouros tens de “visitar”



 Ponto de partida
 Ponto de chegada

 2
 4
 1
 6
 3
 5



Mapa para o professor
 Grupo 6

Enigma

Para o Castelo proteger às muralhas tens de subir.



Desafio

3ºano: Faz uma lista de elementos naturais que encontres à tua volta e outra lista com elementos que tenham a intervenção do Homem



Desafio

4ºano: Faz corresponder as bandeiras da Europa que te vamos disponibilizar aos respetivos países do mapa.



Enigma

Para o próximo desafio encontrares, cercado tens de ficar!



Desafio

Ordena as frases do texto que te vamos disponibilizar.



Enigma

Ordena as letras e descobre o próximo sítio para onde tens de ir:
aaadonchseba



Desafio

Com um objeto que encontres à tua volta, mostra-nos uma função imaginária para o objeto.



Enigma

Para descansares, uma grande sombra tens de encontrar!



Desafio

Procura alguns elementos/objetos à tua volta com que possas fazer son



Enigma

Para o próximo sítio descobrires com amor tens de pensar.



Desafio

Procura e fotografa objetos/elementos que se assemelham a formas geométricas.



Enigma

Para as relíquias descobrires para o _____ tens de ir.



Desafio

Procura alguns elementos naturais, como folhas ou flores, e decalca com o teu lápis de carvão na folha branca.



Enigma

Para ao final chegares a casa dos mouros tens de “visitar”



Anexo N- Texto desafio português

O castelo foi construído a meados do século XI, tinha como função albergar a guarnição militar e, em caso de cerco, as elites que viviam na alcáçova (a cidade).

O castelo não tinha uma função de residência como acontece com os outros castelos da Europa.

Após a conquista de Lisboa, em 25 de outubro de 1147, por D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, até ao início do século XVI, o Castelo de S. Jorge conheceu o seu período áureo enquanto espaço cortesão.

Transformado em paço real pelos reis de Portugal no século XIII, o Castelo de S. Jorge foi o local escolhido para se receberem personagens ilustres nacionais e estrangeiras, para se realizarem festas e aclamarem-se Reis ao longo dos séculos XIV, XV e XVI.

**Anexo O- Bandeiras União Europeia e mapa Europa: desafio estudo
do meio 4.º ano**



Mapa da Europa

500 km



Anexo P- Grelha de observação atividade: Caça aos Ovos no Castelo de S.Jorge.

Equipa	Verde -a partir das observações feitas pela professora cooperante	Azul	Vermelha – a partir das observações feitas pela colega de estágio
Motivação, participação e intervenção (Entusiasmo, participação ativa na atividade, comentários, perguntas, dúvidas, sugestões, exploração dos recursos)	Entusiasmados Sem iniciativa Só queriam procurar os ovos, não querendo fazer os desafios “Esta caça ao ovo é muito divertida” frase dita por um aluno Exploraram a areia (ao fazerem o desafio de português, ler as frases e o texto – posto quadrado – mexiam na areia) Participaram em todos os postos	Todos queriam ler os enigmas, os desafios, ver, ler e interpretar o mapa, todas as crianças participaram em todos os desafios, nunca se mostraram reticentes em fazer parte da atividade	Queriam sempre fazer mais D., S.D., J.M. participar, mas tiveram de ser chamados à atenção para se focarem na atividade, mas fizeram tudo o que queriam, leram e participaram As restantes crianças estiveram sempre envolvidos e a querer participar “Já viemos ao castelo, mas só ficamos cá em baixo e só vimos a parte da frente.” – N.

Relação com o outro (cooperação, interação, respeito)	Zangaram-se por um ter a cabeça à frente e não viam Entreajudaram-se nos desafios No desafio do triângulo laranja só 2 elementos desceram as escadas até ao fim pegaram na caixa e trouxeram para perto do grupo (de forma a que os elementos que não conseguiam/queriam descer não o tivessem de fazer)	Na maioria do tempo o grupo colaborou e entreajudou-se tentando trabalhar sempre em equipa. No entanto muitas vezes, o entusiasmo, levava a que os elementos do grupo corressem para o posto seguinte deixando o M.R. para trás. O M.R. não pode correr pois foi operado à anca e não pode fazer esse tipo de esforço físico. Eu e a professora S. tivemos que relembrar a equipa muitas vezes que tinham de ter atenção ao M.R e de não o deixar para trás. Tivemos de relembrar que tinham de trabalhar em equipa. Ao chegar ao ponto do desafio da música (triângulo castanho) o R. e o A.P. foram logo atrás da caixa com o desafio e os ovos e leram o desafio deixando o M.R. triste pois ainda não o tinha feito. Após completarem o desafio o M.R. começou a chorar e a afirmar que não queria mais fazer a atividade uma vez que os colegas não o deixavam ver o	Queriam fazer tudo sozinhos, mas após o reforço de ter de ser em equipa começaram a cooperar e a trabalhar juntos
--	---	--	--

		mapa ou ler os desafios e os enigmas. Afastou-se do grupo e sentou-se ao pé de uma árvore a chorar e sem querer ouvir o que a restante equipa lhe queria dizer. Os restantes elementos da equipa queriam que perceber o porquê de o M.R. estar a chorar perguntando-lhe o que se passava, e após perceberem o que aconteceu tentaram arranjar soluções para o animar (como dizer que ele levava e indicava o caminho até ao próximo ponto e que lia o desafio) este aceitou com uma resistência e após a professora S. falar com ele, o M.R, aceitou e animou-se, a partir desse momento o grupo não se voltou a separar nem a deixar nenhum elemento para trás.	
--	--	---	--

Aprendizagens/ Articulação com saberes (relaciona com aprendizagens/experiências anteriores, utiliza novos significados, novo vocabulário, pensamento crítico)	S.S. “Já mexi em mapas.” S.Z. “Conheço as bandeiras todas”	Identificaram a Zona onde vivem na vista da muralha Excerto de conversa: M.M. “Eu vivo alí (aponta para uns prédios)” R. “Não és só tu! Eu também” M.M. “Sim sou eu, o R., o N. e há mais alguém que não me estou a lembrar” Na atividade de Estudo do Meio reconheceram maioria das bandeiras fazendo referência aos países de onde vinham, tinham família e já tinham visitado E. “eu já fui nesse país, na primeira vez que vim para aqui, foi o meu primeiro voo entre continentes” M.R. “Eu sei quase todas as bandeiras, tenho um jogo de países, eu gosto muito disto”	Nas muralhas identificaram as zonas de Lisboa que viam/conheciam/viviam como por exemplo a Graça e o Rossio.
---	---	---	---

Outras observações	Os símbolos no mapa dificultaram a leitura do mesmo, ficaram confusos (este foi o único grupo que sentiu esta dificuldade)	Durante o posto do estudo do meio (triângulo cor de laranja) a professora S. ficou a ajudar a M.M. a fazer o desafio uma vez que havia um desafio especial para ela por ser do 3.º ano. Quando a M.M. descobriu que havia um desafio diferente para o 3.º ano ficou muito feliz, abrindo um grande sorriso e a querer saber de imediato mais sobre o mesmo.	A.A. “Esta vista é a coisa mais linda, que vou guardar na minha memória”.
--------------------	--	---	---

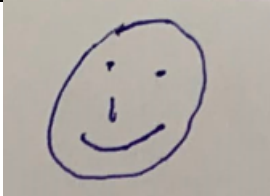
Anexo Q- Grelha feedback atividade: Caça aos Ovos no Castelo de S. Jorge.

Atividade: Caça aos Ovos no Castelo de S.Jorge

Local: Castelo de S. Jorge

Data: 06/04/2022

Aluno	O que mais gostaram	O que menos gostaram
A.A.	Eu gostai de todo	menos de quando sobimos as escadas e quando desemos
A.S.	gostai de atividade.	gostai mais de encotar.
A.P.	O que eu mais gostei foi dos enigmas e dos ovos	E do que menos gostei foi ter que subir aquelas escadas
C.	Eu gostai de encontrar os ovos. I de sobir no castelo.	Eu Não gotai dos inigmas

D.	 O D, na sua folha desenhou apenas um smile, transmitindo que gostou da atividade.	
E.	Eu achei muito legal porque nós fizemos enigmas.	
I.	Eu gostei muito da atividade. Não houve nada que eu não tenha gostado.	
J.S.	 Na sua folha o J.S. desenhou esta cara sorridente com a intencionalidade de transmitir o que achou da atividade.	
J.M.	Eu achei muito divertido fazer caça ao ovo.	

L.	-gostei de encontrar os ovos perto da casa de banho.	
M.A.	Eu gostei de ir a procura dos ovos.	Eu não gostei das enigmas.
M.M.	Eu gostai muito da atividade e foi muita... divertida	Sai não gostai de sabireas escadas.
M.R.	Eu gostei da atividade, goitei de adivinhar os países, eu amei a atividade	eu não gostei de subir a escadas
M.P.	gostei de todo	
M.I.	Eu gostei de tudo	

N.	_____	_____
R.	eu gostai de os desafios	e não gostai de descer as escadas
S.D.	Eu gostei todas as coisas pore...	Eu não gostei de sobir as escadas. ... menos sobri as escadas.
S.S.	É ____ bou gostei de tar com a provesora e gostei coando fomos comer e depois também gostei de procura os ovos	não gostei que acobou.
S.O.	Eu gostei mais de ir procurar os ovos. Eu goste muito eu queria fazer quaca ao ovos todú dia (com um smile feliz).	Eu não gostei quando fomos para a escola porque eu queri ficar mais tarde.

S.Z.	Achei muito divertida e era bom por que o enigmas erão difíceis e podiam aumentar o seu QI entaooooão foi boa e divertida.	E quase morri com uma escada gigante
T.	gostei de tudo da atividade e não gostei de nada, gostei completamente de tudo.	
U.	_____ Faltou _____	_____ Faltou _____
Y.	Eu gostei da parte de colocar as letras no logar e fazer palavras	e a parte que eu não goste foi das bandeiras porque era dificil

Nota: todos os dados apresentados são cópias do que os alunos escreveram nas folhas, nenhuma palavra foi alterada.

Anexo R- Planificação Jogo de Observação no Jardim do Cerco da Graça.

Jardim do Cerco da Graça	
Objetivos	Conteúdos
Reconhecer vestígios do passado local: construções (AE E.M. 3.ºano – p.5); Reconhecer e valorizar o património natural e cultural local- identificando na paisagem elementos naturais (sítios geológicos, espaços da Rede Natura, etc.) e vestígios materiais do passado (edifícios, pontes, moinhos e estátuas, etc.), símbolos e efemérides (AE E.M. 4.ºano – p.10) Fazer inferências, reconhecendo como se constrói o conhecimento (AE E.M. 3.ºano- p.9); Observar os diferentes universos visuais escultura, desenho, fotografia, instalação, utilizando um vocabulário específico e adequado (AE AV – p.7); Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão (escultura; fotografia, entre outras) nas suas experimentações: físicas e/ou digitais (AE AV – p.8);	Vestígios locais, Património local Construção de conhecimento natural Apropriação de obras de arte Exploração de diferentes técnicas

Associar elementos da paisagem à identidade local (património natural e património construído) (p.17).	Paisagem
--	----------

Recursos

Vista-Jardim:

- Lápis de graffiti;
- Cadernos A6 (construídos na semana anterior);
- Telemóveis das estagiárias previamente carregados;
- Sacos do lixo pequenos;
- Luvas cirúrgicas.

Pós-visita:

- Cartolinas A3 (uma para cada grupo);
- Material de escrita;
- Lápis de cor;
- Canetas de feltro;
- Tesouras;
- Cola;
- Fotografias capturadas no dia anterior;

- Cadernos A6 das visitas de estudo;
- Materiais reciclados (como garrafas de água, plásticos, cartão) trazidos pelas estagiárias.

Apresentação da tarefa

A tarefa será apresentada às crianças através da proposta de visita de um jardim, onde será realizada uma atividade de exploração, que apenas será explicada no local de realização da mesma.

A pós visita será dividida em dois momentos, no primeiro serão mostradas as fotografias captadas pelas crianças na visita ao jardim, de modo a relembrar o que foi feito no dia anterior e a iniciar a construção do cartaz abaixo descrito. O segundo momento, e o lançamento da atividade de expressão plástica, será realizado através da apresentação de algumas imagens de trabalhos realizados pela artista Paula Pego no âmbito do projeto/livro Plasticus Maritimus, tal como algumas imagens do próprio livro criando momentos de conversa sobre estes.

Algumas das imagens a apresentar:



Imagens retiradas de: https://ecoescolas.abae.pt/wp-content/uploads/sites/3/2019/01/5.ECO_Escolas_2019.pdf

Exploração da tarefa

- Organização dos alunos:

Esta atividade será organizada em 3 momentos, pré-visita, visita e pós-visita, sendo que este último só se realizará na semana seguinte, tal como referido anteriormente.

Pré-visita:

- Grande grupo;
- Cada aluno no seu lugar.

Vista-Jardim:

- As instruções são dadas em grande grupo;
- A atividade é realizada em pequenos grupos heterógenos a nível dos conhecimentos adquiridos na área do Português (3/4 alunos).

Pós-visita:

- As instruções são dadas em grande grupo;
- Os cartazes são realizados e apresentados nos grupos construídos durante a visita;
- O trabalho de artes vai ser realizado individualmente.

- Propostas de trabalho e atividade esperada

A atividade será dividida em três momentos, referidos anteriormente. O primeiro momento consiste na pré-visita, realizada ainda na sala, em que será questionado aos alunos se conhecem o Jardim do Cerco da Graça e também se sabem algo sobre o nome do jardim e a sua história. Caso nenhum dos alunos conheça, ser-lhes-á contada a história do jardim, previamente estudada pelas estagiárias, e o que já foi aquele local.

O segundo momento da atividade, a visita, será também dividida em três momentos. O primeiro momento de exploração e brincadeira no jardim, pois alguns alunos podem não conhecer o local, surgindo interesse em conhecer e explorar tudo. No segundo momento será proposto aos alunos que se dividam em três grupos, previamente definidos pelas estagiárias, e que façam um jogo de observação, observando no jardim tudo o que acharem relevante e fazendo o registo no caderno construído no dia anterior. Após este momento, será orientada a observação das crianças, atribuindo a cada pequeno grupo um conjunto de aspetos/elementos para observar: vestígios da natureza, como folhas, flores, árvores, animais, entre outros; vestígios humanos, como bancos ou outras construções humanas; e ainda vestígios históricos que, à partida dentro do jardim não existe nenhum, no entanto existe na sua vista casas antigas, igrejas, o Castelo de São Jorge, entre outros, fazendo mais uma vez o seu registo no caderno e, se pretenderem, podem complementar estes registos com fotografias tiradas com os telemóveis das estagiárias. Todos os grupos terão ainda disponíveis luvas e sacos do lixo, para que ao longo da atividade recolham algum lixo que possam encontrar no jardim, promovendo o cuidado, a reciclagem e a limpeza dos espaços comuns.

O terceiro e último momento da atividade será realizado novamente na sala, no dia seguinte à visita e consiste na criação de um cartaz, onde serão registados os vestígios encontrados, bem como algumas fotografias do mesmo captadas pelas crianças com os telemóveis das estagiárias. Caso seja encontrado algum lixo no jardim, e recolhido pelas crianças, como descrito anteriormente, será realizada uma atividade de criação de uma obra de arte com materiais reciclados (trazidos pelas estagiárias), remetendo para o lixo que foi apanhado no jardim e que poderia ser reaproveitado para outras coisas.

- Dificuldades previstas

- Gestão do grupo no jardim (solução: definir em conjunto com o grupo as regras no jardim);
- Fazer a observação (solução: demonstrar e apoiar quando necessário a partir de perguntas).

- Questões a colocar para apoiar as aprendizagens

- Quem conhece o Jardim do Cerco da Graça? Alguém sabe a história deste jardim?
- Antigamente para que é que serviam o cerco? E as portas da cidade?
- Qual é a diferença entre vestígio natural e humano? E entre vestígio humano e histórico?
- Será que um vestígio histórico não é humano?
- Que atitudes devemos ter na rua? E com a natureza?
- O que podemos fazer para preservar a natureza?
- Será que este parque está bem cuidado? Existem lixos? E ecopontos?

Avaliação Formativa

Para a avaliação formativa será solicitado que às crianças que preencham a seguinte grelha, os alunos vão proceder ao preenchimento após a conclusão da atividade de pós-visita e cada criança irá estar sentada no seu lugar.

Nome:		Data:	
O que mais gostei	O que gostei menos	O que gostaria de ter feito/de fazer	O que aprendi
			Fiquei com dúvidas sobre...

Discussão e sistematização

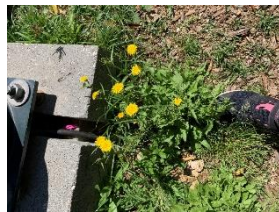
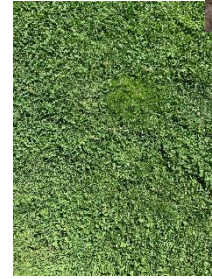
O momento de sistematização de toda a atividade (pré-visita, visita, pós-visita) irá estar dividido em 2 momentos.

O primeiro momento será após a apresentação do cartaz de cada grupo, onde será realizada uma conversa sobre o que cada grupo descobriu e as diferenças entre vestígios naturais, humanos e históricos.

O segundo momento será realizado após a realização das obras com os materiais reutilizáveis, será criado um momento de conversa e de reflexão sobre o que podemos fazer para ajudar o planeta e evitar que o lixo seja encontrado nas praias, jardins e cidade.



**Anexo S- Fotos
utilizadas no depois da
visita.**



Anexo T- Grelha de observação atividade: Jogo de Observação no Jardim do Cerco da Graça.

Grupo	Grupo 1 (vestígios naturais)	Grupo 2 (vestígios históricos) - a partir das observações feitas pela professora cooperante	Grupo 3 (vestígios humanos) – a partir das observações feitas pela colega de estágio
Motivação, participação e intervenção (Entusiasmo, participação ativa na atividade, comentários, perguntas, dúvidas, sugestões, exploração dos recursos)	Estavam muito entusiasmados para apanhar o lixo, vinham mostrar o que encontravam e perguntar quando não sabiam o que era (especialmente o U.). Vinham sempre mostrar o que encontravam às vezes perguntavam se era vestígio humano ou natural – por exemplo com pedras e azulejos. “Isso é um bocado de azulejo, Marta isto é vestígio humano, não é?” – M.A. – aponta para um bocado de azulejo que o U. pegou.	Estavam todos motivados, estavam ativos.	E. focou-se muito na procura dos vestígios e em tirar fotografias aos mesmos. Os restantes elementos focaram-se muito na recolha do lixo (no início da atividade). Depois de ser pedido ajuda focaram-se mais na procura dos vestígios (“posso tiara a luva para ajudar a E.?”) Estavam uns mais motivados para apanhar o lixo e outros para procurar os vestígios e tirar fotografias.

Relação com o outro (cooperação, interação, respeito)	S.S. não queria partilhar o saco do lixo. M.I. fez referência a ser necessário trabalhar em equipa como na atividade do castelo “estarmos juntos como no castelo.” e ajudou o U. a participar.	Ajudaram-se Partilharam o saco de plástico Deram-se bem	O grupo não se chateou Ajudaram-se, após o pedido do adulto, antes disso estava cada um a fazer a sua coisa.
Aprendizagens/ Articulação com saberes (relaciona com aprendizagens/experiências anteriores, utiliza novos significados, novo vocabulário, pensamento crítico)	“Aquilo ali é a Igreja?” – perguntou a I. fazendo referência à capela que tínhamos falado na pré-visita.	Encontraram seringas e foram perguntar à professora cooperante se podiam apanhar – a professora disse que não. Em conversa com o adulto fizeram referência ao consumo e venda de droga no parque.	Não fizeram relação a nada anteriormente feito e aprendido Assumiram os vestígios históricos como humanos, sem se aperceberem que poderiam estar nos dois grupos, pois estavam só focados nos vestígios humanos ex. castelo.

Outras observações	Na volta à escola a E. fez várias referências a vestígios históricos e humanos, pedindo para tirar fotografias e por vezes falava sobre os mesmos.		
--------------------	--	--	--

Nota: Todos os alunos estavam muito empenhados à procura de tudo, não queriam ir embora do parque, queriam continuar à procura dos vestígios e a recolher lixo, durante o caminho para o jardim algumas crianças foram referindo onde viviam e experiências que tiveram no passado no jardim ou em locais pelos quais passamos no percurso.

Como por exemplo “Marta a minha festa dos 8 anos foi aqui no jardim” N.; “Uma vez com o meu primo entramos ali (apontou para uma barraca) e comemos azedas” S.O.; “Venho muitas vezes aqui com o A.P. jogar à bola” N.

Anexo U- Grelha de Feedback atividade: Jogo de Observação no Jardim do Cerco da Graça.

Atividade: Jogo de observação - Jardim do Cerco da Graça Data: 30/05/2022

Aluno	O que mais gostaram	O que menos gostaram	O que gostariam de fazer/ ter feito	O que aprendi	Fiquei com dúvidas sobre...
A.A.	Eu gostei de quando tivemos a escrever sobre os vestígios.	Eu não gostei de quando mos tivemos a andar.	Eu crio de brincar 1 hora	Eu a aprendi sobre os os vestígios	
A.S.	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou
A.P.	Gostei de ir no jardim da graça e procurar os vestígios	de voltar do jardim estava muito calor	brincar mais no jardim	Sobre vestígios humanos, naturais, historicos	
C.	Eu goseto de todo	Nada	Não sai	Nada	Nada
	Eu gontei fazer em ganha	Eu menos gostei desenral	Jogar futedol	Atevedade	homanos

D.					
E.	De brincar e recolher o lixo	De passar calor	Se molhar	O que são vestígios históricos, humanos e Naturais	
I.	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou
J.S.	Eu gostei de encontrar vestígios.	Eu não gostei quando tivemos escrever sobre vestígios.	Eu cria brincar muito tempo no jardim.	Eu aprendi português e escrever.	Fiquei com dúvidas sobre de escrever vestígios.
J.M.	Apanhar lixo do chão.		A reciclar o lixo	Que temos cuidar do Planeta.	
L.	Fazer construções com lixo	apanhar lixo	brincar mais no parque	O que são vestígios naturais, históricos e humanos	

M.A.	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou
M.M.	Eu gostei de brincar	Nada	brincar 20 minutos		Vestitios humanos
M.R.	do cartas		Encontrare mais coisas	vestijios	
M.P.	de pegar coisas que deixa rasto	de não podermos se espalhamo (não poderem andar livremente no parque)	brincar 40 minutos	Que as coisa seguenifica alguma coisa	nada
M.I.	Gostei de brincar no Jardim do cerco da Graca.	Gostei menos de apanhar o lixo.	Gostaria de ter feito explação plástico.	Aprendi o que são os vestígios.	Fiquei com dúvidas sobre o que são os vestigios,
N.	Brincar e construir	escrever o texto	construir	Nada	Nada
	tirare fotos	escrevere	brincar mais tempo		

R.					
S.D.	Eu gostei mais brincar;		pegar lixo		Escrever vestig
S.S.	Todo menos ir embora	de er embora	gostaria de ter feito uma ____ com madeira, folhas coisas naturais	os vestigios humanos historicos noteirais	
S.O.	De tudo.	De nada.	tirar foto de tudo.	Sobre vestisius.	
S.Z.	Transferido	Transferido	Transferido	Transferido	Transferido
T.	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou
	Eu gostai pedras	Eu no gostei saco	Eu gostaria apayar pedras	Apayar lecho	Eu dúvidas sobre family

U.					
Y.	De fazer o cartas			aprendi que não podemos jogar lixo no chão	

Anexo V- Registos Cadernos

Atividade: Atividade de observação jardim da graça

Aluno	O que registaram
A.A.	Grupo vestígios históricos Convento, igreja, muralhas, mirador
A.S.	----- não esteve presente na atividade-----
A.P.	Grupo vestígios humanos 1)Ponte, 2) ____, 3) muro, 4) escorrega, 5) lixo, 6) paus, 7) carro, 8) lápis, 9) ____ 10) ____, 11) balão, 12) carro, 13) metal, 14) igreja, 15) quiosque, 16)____, 17) castelo, 18)____
C.	Grupo vestígios humanos Não fez registo escrito
D.	Grupo vestígios humanos Não fez registo escrito
E.	Grupo vestígios humanos Não fez registo escrito
I.	Grupo vestígios naturais Vestígios naturais, folhas, pau, árvore, pedras, felos, raiz, relva, cão
J.S.	Grupo vestígios humanos Não fez registo escrito
J.M.	Grupo vestígios humanos Não fez registo escrito

L.	Grupo vestígios históricos Convento, igreja, muralhas, miradoro
M.A.	Grupo vestígios naturais Folhas, pau, arvores, pedras, flores, rais, relva, cães
M.M.	Grupo vestígios humanos Não fez registo escrito
M.R.	Grupo vestígios naturais Folhas, vestígios naturais, paus, arveres, pedra, flores, cães
M.P.	Grupo vestígios históricos Convento, igreja
M.I.	Grupo vestígios naturais Vestígios naturais Paus, folhas, arvores, pedras, flores
N.	----- não esteve presente na atividade-----
R.	Grupo vestígios humanos Muro, quiosote, rola, bola, trotineta, palão, igreja, carro, metal, casa, castelo
S.D.	Grupo vestígios históricos Convento, igriza
S.S.	Grupo vestígios naturais Vestígios naturais Folhas, pau, árveros, peolva, flores, cães

S.O.	Grupo vestígios históricos Convento, morala (muralha), mira de ouro, igmaiza (igreja)
S.Z.	Transferido
T.	Grupo vestígios históricos Conveto, igreja
U.	Grupo vestígios naturais Vestige os naturais, pau, folhas, arvore, pedras, flores
Y.	Grupo vestígios históricos Convento, igreja, muralhas, miradouro

Anexo W- Planificação melhoria do cartaz

Cartazes Pós-visita	
Objetivos	Conteúdos
Redigir textos com utilização correta das formas de representação escrita (grafia, pontuação e translineação, configuração gráfica e sinais auxiliares da escrita) (AE Pt 3º ano e 4º ano – p.11);	Escrita de textos
Escrever textos, organizados em parágrafos, coesos, coerentes e adequados às convenções de representação gráfica (AE Pt 4º ano – p.11);	
Mobilizar adequadamente as regras de ortografia (AE Pt 3º ano – p.13)	Ortografia
Explicitar regras de ortografia (AE Pt 4º ano – p.11)	

Contextualização

Esta atividade está integrada no projeto de investigação da Marta, na continuação do pós-visita ao Jardim do Cerco da Graça.

Recursos

- Material de escrita;
- Cartaz;
- Caderno de Português.

Apresentação da tarefa

Ao entrarem na sala as crianças terão no quadro o cartaz por elas elaborado e algumas palavras à sua volta, algumas com erros, outras sem, mas todas elas presentes no cartaz. Em grande grupo será mantido um diálogo sobre o que as crianças veem.

Exploração da tarefa

- Organização dos alunos:

- Apresentação - grande grupo;
- Realização da tarefa- pares;
- Discussão e sistematização – grande grupo.

- Propostas de trabalho e atividade esperada

A atividade consiste numa caça ao erro, ou seja, a pares as crianças devem encontrar as palavras que se encontram no quadro que têm erros e perceber qual a maneira correta de as escrever, listando estas palavras no seu caderno a lápis.

Durante a apresentação da caça ao erro será referido que vão existir pontos e que cada par tem de tentar acumular o máximo de pontos possíveis sendo que podem ganhar pontos das seguintes formas:

- Identificar uma palavra com erro: 1 ponto.
- Identificar o erro: 1 ponto;
- Corrigir o erro: 1 ponto.

- Dificuldades previstas

- Encontrar os erros (solução: criar pares estratégicos)
- Trabalhar a pares (solução: conversar como se trabalha em grupo/pares)
- Saber o significado de todas as palavras (solução: perguntar quem sabe e quer explicar / mostrar imagens ou explicar quando necessário)

- Questões a colocar para apoiar as aprendizagens

- Lembram-se do que fizemos com o cartaz?
- O que é que são vestígios humanos? E naturais? E históricos? Conseguem dar exemplos?
- Que palavras estão mal escritas? Porquê?
- O que podemos fazer para nos lembrarmos como se escrevem para na próxima vez não darem erros?

Diferenciação pedagógica

Uma estratégia de diferenciação a ser usada é a construção de pares estratégicos, heterógenos, tendo em conta diferentes níveis de aprendizagem dos alunos mais concretamente a nível do português.

Na sistematização, aos alunos do 3º ano e de português língua não materna, será pedido para construírem frases em vez de textos (caso estejam a ter dificuldades).

Avaliação Formativa

De forma a incorporar a avaliação formativa nesta atividade será utilizada a técnica “Polegar para Cima – Para o Lado – Para Baixo” presente no livro 50 Técnicas de Avaliação Formativa de José Pinto Lopes e Helena Santos Silva.

Após a atividade será pedido aos alunos que utilizem o polegar para demonstrar a forma como compreenderam a temática.

O polegar para cima significa que compreenderam bem a matéria;

O polegar para o lado significa que o aluno ainda tem algumas dúvidas;

O polegar para baixo quer dizer que ainda não entenderam.

Após os alunos indicarem como se sentem em relação ao conteúdo, se alguma criança tiver colocado o dedo para o lado ou para baixo, as dúvidas vão ser tiradas pelas crianças que colocaram o polegar para cima.

Esta avaliação formativa também vai ser realizada durante a atividade, após as explicações e sempre que existirem dúvidas.

Discussão e sistematização

De forma a sistematizar a atividade será pedido que as crianças escrevam corretamente no caderno as diferentes palavras, façam uma pequena ilustração da mesma e escrevam um pequeno texto utilizando algumas dessas palavras.

Anexo X- Planificação Uma visita pela história de Portugal no Mosteiro de S. Vicente de Fora

Mosteiro de S. Vicente de Fora – pré-visita + visita	
Objetivos	Conteúdos
Relacionar datas e factos importantes para a compreensão da história local (AE EM 3º ano – p.5);	História local
Reconhecer e valorizar o património cultural local (AE EM 4º ano – p.9);	Património local
Construir um friso cronológico com os factos e as datas relevantes da História de Portugal, destacando a formação de Portugal, a época da expansão marítima, o período filipino e a Restauração, a implantação da República e o 25 de Abril (AE EM 4º ano – p.6);	História de Portugal
Conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal, com recurso a fontes documentais (AE EM 4º ano – p.6);	
Relacionar a Revolução do 25 de Abril de 1974 com a obtenção de liberdades e direitos (AE EM 4º ano – p.6);	
Falar com clareza e articular de modo adequado as palavras (AE Pt. 3º ano – p.6);	

Usar a palavra para exprimir opiniões e partilhar ideias de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados (AE Pt. 4º ano - p.6);	Expressão oral
Ouvir ler obras literárias e textos da tradição popular (AE Pt. 3ºano – p.9);	Expressão de opinião
Manifestar ideias, sentimentos e pontos de vista suscitados por histórias ouvidas (AE Pt. 4ºano – p.9).	Educação literária – ouvir ler
	Exprimir ideias e sentimentos

Contextualização

A visita ao Mosteiro pensada pela professora cooperante e pela professora C. (professora do 2.º ano), foi planificada com a professora do 2.º ano e será realizada em conjunto com a turma do 2.ºano.

Recursos

- Projetor;
- Tela de projeção;
- Computador;

- PowerPoint com as imagens;
- Material de escrita;
- Caderno das visitas;
- Folhas A4;
- Caderno de Estudo do meio;
- Lápis de cor.

Apresentação da tarefa

A tarefa será apresentada às crianças através da projeção de algumas imagens do mosteiro e do espaço envolvente ao mesmo.

Exploração da tarefa

- Organização dos alunos:

- Grande grupo;
- Cada aluno no seu lugar.

- Propostas de trabalho e atividade esperada

O momento de pré-visita, realizada ainda na sala, em que será questionado aos alunos se conhecem o Mosteiro, onde este fica, a sua história e se já foram a este local. Caso nenhum dos alunos conheça, ser-lhes-á contada a história do Mosteiro, previamente estudada pelas estagiárias, e o porquê de se chamar Mosteiro de S. Vicente de Fora. Se algum aluno conhecer será pedido que o mesmo ajude

falando sobre o que sabe e partilhe como aprendeu essa informação com os colegas, fazendo de seguida uma exploração do local e da história do mosteiro a partir das experiências apresentadas.

A visita ao mosteiro será dividida em 3 momentos: o 1º momento consiste numa visita guiada ao mosteiro realizada pela professora C. onde será contada a história de Portugal e realizada a ligação entre os elementos presentes no mosteiro e a mesma. Para o segundo momento será criada uma discussão sobre as fábulas de La Fontaine e os mosaicos que representam as mesmas, no final deste momento será sistematizado o que são fábulas e quais as suas características. Por fim, de forma a finalizar a visita, será pedido aos alunos que desenhem a fachada do mosteiro.

Já o pós-visita será realizado na sala de aula e consiste na construção de um friso cronológico dos eventos aprendidos durante a visita ao Mosteiro. Serão escritas no quadro várias datas importantes na história de Portugal e solicitado à turma que as organize. De seguida será questionado se se lembram do que aconteceu nas datas em questão e se se lembrarem será escrito se não são apresentados vários eventos onde será solicitado que os tentem organizar. Sempre que os alunos consigam corresponder um evento da história à sua data será criado um momento de conversa sobre o mesmo onde inicialmente os alunos falam sobre o que se lembram e de seguida será completada a informação que faltar. Após a cronologia estar completa será solicitado que a passem para o caderno tendo sempre em atenção que devem incluir a data, o nome acontecimento e alguma nota sobre o mesmo (caso exista) e depois façam um desenho sobre um ou mais eventos que considerem ser mais importantes. Este desenho deverá ser pequeno e estar perto da respetiva data no friso cronológico.

- Dificuldades previstas

- Gestão do grupo dos 2 grupos juntos (solução: relembrar as regras);

- Compreender o que são fábulas (solução: ler uma fábula e falar sobre as características);
- Relembrar do que viram na visita (solução: em grande grupo conversar sobre o que fizeram, viram e aprenderam);
- Organizar cronologicamente os eventos (solução: fornecer informações que orientem o pensamento de forma que consigam chegar à resposta).

- Questões a colocar para apoiar as aprendizagens

- Quem conhece Mosteiro de São Vicente de Fora? Alguém sabe a história deste local?
- Sabem onde fica?
- Quem conhece a zona da graça? Conhecem o que?
- Alguém quer contar alguma coisa sobre este local? Pode ser alguma experiência que tenham vivido se quiserem.
- O que sabem sobre a história de Portugal?
- Quantas dinastias tivemos? Quem foram os reis?
- Que episódios conhecem sobre a história de Portugal?
- Quem sabe o que são fábulas? Que fábulas conhecem?
- Quia são os elementos da fachada que vão desenhar?
- O que se lembram da visita?
- Qual é a data que vem primeiro?
- O que aconteceu em ____?
- O que era _____?
- O que aconteceu primeiro ____ ou ____?

Avaliação Formativa

A avaliação formativa será feita a partir da observação direta, em que existirá a seguinte tabela de forma a apoiar a observação.

Atividade: _____ Visita ao [Linha](#) _____ Data: ____/____/2022

Credite-se aqui à observação na visita de estudo

Motivação, participação e interesse (Entusiasmo, participação na atividade, comentários, perguntas, dúvidas, sugestões, exploração dos recursos)			
Relação com o outro (cooperação, atenção, respeito)			

Aprendizagem! Atividade com saberes (situações com aprendizagens explícitas: conceitos, skills, conhecimentos, procedimentos, atitudes)			
Outras observações			

Será ainda solicitado às crianças que preencham a seguinte grelha, no entanto só será realizada na semana a seguir, após o pós-visita.

Nome:		Data:	
O que mais gostei	O que gostei menos	O que gostaria de ter feito/de fazer	O que aprendi
			Fiquei com dúvidas sobre...

Discussão e sistematização

A sistematização da visita será realizada a partir do pós-visita, onde será solicitado às crianças que passem para o seu caderno o friso cronológico construído em turma. Será solicitado que no seu caderno perto de cada data façam um desenho de algo que considerem representativo do acontecimento.

Anexo Y- Grelha de observação atividade: Uma visita pela história de Portugal no Mosteiro de S. Vicente de Fora

Motivação, participação e intervenção (Entusiasmo, participação ativa na atividade, comentários, perguntas, dúvidas, sugestões, exploração dos recursos)	Na conversa à porta do mosteiro (sobre a fachada e os santos) todas as crianças estavam a prestar atenção menos os estrangeiros/não cristãos. Dos não cristãos apenas o M.I. presta atenção e faz perguntas. No claustro as crianças estavam distraídas a falar e por vezes levantam o braço para responder às perguntas. A I. enquanto a professora C. fala pergunta o que significa independente.	A entrada no panteão da dinastia de Bragança levantou muitas perguntas por parte do T., da M.M., do D., da I. e do S.O. sendo que algumas delas já tinham sido previamente explicadas pela professora. - Quem são estas pessoas? - Estão mesmo ossos aqui? -As coroas eram as que eles usavam? -Porque é que isto está aqui? - só haviam estes caixões? -O que são ossos?	A ida à capela dos “Meninos de Palhavã” levou a muitas perguntas sobre os corações por parte de várias crianças. A I. comentou que não queria entrar dentro da capela pois tinha medo e nojo de pisar os corações. S.O. Estou a gostar muito, já tinha vindo aqui no outro 4.º ano com a professora A..
--	--	---	--

Relação com o outro (cooperação, interação, respeito)	A I., está num dia complicado em que tudo a incomoda e lhe faz confusão, por isso passa grande parte do tempo a reclamar e a queixar-se do T. e do D, estes a certa altura começam a provocá-la. Durante a visita toda a turma teve tendência a ir ter com um adulto e queixar-se de um colega.		
--	---	--	--

Aprendizagens/ Articulação com saberes (relaciona com aprendizagens/experiências anteriores, utiliza novos significados, novo vocabulário, pensamento crítico)	Referem coisas que aprenderam sobre a história de Portugal para responder às perguntas que a professora C. faz. Qual era o nome da batalha? – S.S. São Mamede	S.O. – A primeira vez que viemos aqui (zona da exposição das fábulas) fizemos uma atividade muito chata. Eu- Muito chata? A Sério? Qual foi a atividade? S.O.- (Acena com a cabeça) Sim sentámo-nos a ouvir as histórias e não fizemos mais nada. Infelizmente não foi possível continuar a conversa com o S.O. pois ia começar a próxima parte da visita.	Quando a professora C. estava a contar parte da história de Portugal M.I. refere que já sabia algumas das coisas que estavam a ouvir pois o seu pai já lhe tinha contado.
---	---	--	--

Outras observações	No geral a turma esteve em silêncio quando a professora estava a fazer a visita guiada, no entanto não pareciam estar muito atentos ou interessados pois estavam a olhar ao seu redor (quando sentados no claustro) enquanto mexiam nas mãos e em pedras. O momento em que me pareceu que estavam mais atentos foi quando estavam a ver a exposição e a andar pela mesma ou a ouvir as fábulas. Uma vez que estavam todos em silêncio a olhar para a professora e com um ar concentrado e focado (olhos fixos em quem está a falar e a reagir enquanto a professora fala).		
---------------------------	--	--	--

Anexo Z- Grelha de Feedback atividade: Uma visita pela história de Portugal no Mosteiro de S. Vicente de Fora

Atividade: Mosteiro s. Vicente de Fora Data: _14/7/2022

Aluno	O que mais gostaram	O que menos gostaram	O que gostariam de fazer/ ter feito	O que aprendi	Fiquei com dúvidas sobre...
A.A.	gostei de tudo		Eu gustario de brinacado	Eu apremdi que o um posso levo a sertermo	
A.S.	Faltou	Faltou			
A.P.	gostei de ouvir a historia de portugal	do pão com atum	saber de historias em otroz mosteiros	aprendi sobre a historia de portugal	
C.	no dia que fomus ão parque	Eu gusetá de todo	Um pigenice	Não sai	Nada
D.	Eu gostei ndar	Nada		Nada	

E.	gostei mais de saber melhor a historia de Portugal de ver a sisterna		dever melhor a vista	Historia de Portugal	
I.	O que mais gostei foi a atividade	De pisar os corasois		Apremdi moitas coisas	Os corasois
J.S.	quando nos foram noma professora catarina				
J.M.	Apanhar lixo do chão		segurar o saco	Que temos de reciclar o lixo	
L.	De ver as fabulas			História de Portugal	
M.A.	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou
M.M.	Eu gostei de todou	de andar pare os corações		Eu aprendi os rais	

M.R.	da historia de Portugal			Eu aprerdi historia de Portugal	
M.P.	do buraco com agua	do poço	de brincar	que não podíamos falar muito alto	não tive duvidos
M.I.	Sobre a História de Portugal	A luta contra os muçulmanos		A História de Portugal	
N.	quando contaram as histórias	quando estava com fome	não sei	há história	nada
R.	Tudo	Demoro muito tempo		que as pessoas enportantes fujiram	
S.D.	gostei mais de quando Nós. Fomos o jardim	Nada	gostei todo de fazer	Eu aprendi fala Pretages	

S.S.	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou
S.O.	quando subrimos no moesteiro	quando falamos de éstoria do leão e do gato	jogar a bola qundo estavamos no parque	que a esterna gardava a água da chuva	nada.
S.Z.	Transferido	Transferido	Transferido	Transferido	Transferido
T.	ver a esterna com água	Subir as escadas	Jogar futebol e entrar na esterna	Aprendi tudo o que fizemos depois da esterna	porquê tinha uma esterna
U.	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou
Y.	historia de portugal			Historia de portugal	